UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS–GRADUAÇÃO EM BIOTECNOLOGIA
REDE NORDESTE DE BIOTECNOLOGIA – RENORBIO

CLEYDLENNE COSTA VASCONCELOS LOPES

EFEITOS DA *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) **Verlot** em **OSTEOARTRITE.**

São Luís – MA
2020

CLEYDLENNE COSTA VASCONCELOS LOPES

EFEITOS DA *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) **Verlot** em **OSTEOARTRITE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Biotecnologia da Rede Nordeste de Biotecnologia – RENORBIO, ponto focal – Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Biotecnologia.

Área de concentração: Biotecnologia em recursos naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro de Sousa Cartágenes.

Co–orientador: Prof. Dr. João Batista Santos Garcia.

São Luís – MA

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

COSTA VASCONCELOS LOPES, CLEYDLENNE.
EFEITOS DA Arrabidaea chica Humb. & Bonpl. Verlot em OSTEOARTRITE / CLEYDLENNE COSTA VASCONCELOS LOPES. – 2020.
147 p.

Coorientador(a): JOÃO BATISTA SANTOS GARCIA.
Orientador(a): MARIA DO SOCORRO DE SOUSA CARTÁGENES.
Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Biotecnologia – Renorbio/ccbs, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUIS, 2020.

1. DOR. 2. INFLAMAÇÃO. 3. PLANTAS MEDICINAIS. 4. BIGNONIACEAE. 5. ANTINOCICEPÇÃO I. DE SOUSA CARTÁGENES, MARIA DO SOCORRO. II. SANTOS GARCIA, JOÃO BATISTA. III. Título.

CLEYDLENNE COSTA VASCONCELOS LOPES

EFEITOS DA *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) **Verlot** em **OSTEOARTRITE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Biotecnologia da Rede Nordeste de Biotecnologia – RENORBIO, ponto focal – Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Biotecnologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro de Sousa Cartágenes.

Co–orientador: Prof. Dr. João Batista Santos Garcia.

Aprovada em: _____ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Maria do Socorro de Sousa Cartágenes
(Universidade Federal do Maranhão – Presidente)

_____
Profa. Dra. Rita de Cássia Meneses Oliveira - UFPI
1º avaliador

_____
Profa. Dra. Joicy Cortez de Sá – Universidade CEUMA
2º avaliador

_____
Profa. Dra. Flávia Maria Mendonça do Amaral – UFMA
3º avaliador

_____
Prof. Dr. Marcelo Souza de Andrade – UFMA
4º avaliador

DEDICATÓRIA

À Deus, pelo dom da vida, misericórdia, bondade e amor, e por me sustentar em todos os momentos de dificuldade.

Aos meus queridos e amados pais, Edmilson Alves de Vasconcelos e Conceição de Maria Gois Costa Vasconcelos, por todos os valores que me ensinaram, pelo exemplo que são em minha vida, por sempre me apoiaram e torcerem por cada uma das minhas conquistas, e por todo amor e carinho;

Ao meu amado esposo, Alberto Jorge Oliveira Lopes, querido companheiro e amigo, que sempre abraça comigo cada uma das minhas batalhas, e me fortalece dia a dia com seu apoio, compreensão, otimismo, dedicação e amor. Essa conquista também é sua! Obrigada por ser meu grande incentivador e também minha inspiração!

Ao meu amado filho Álvaro Jorge Vasconcelos Lopes, que me acompanha ainda na barriga, mas já me faz querer ser cada dia melhor.

Aos meus irmãos: Edlaina Maria Costa Vasconcelos, Edmilson Alves de Vasconcelos Júnior (*in memorian* - sempre viverá em meus pensamentos, te amarei para sempre) e Helton Jânio Costa Vasconcelos, por todo apoio e cumplicidade, meus melhores amigos por toda vida;

Aos meus sogros: Jorge Pinto Lopes e Jane Gouveia Oliveira, pelo incentivo, apoio, cuidado e amor;

Aos meus queridos sobrinhos (filhos de coração): Matheus Leonardo Vasconcelos Pinheiro, Phâmela Araújo Meneses, Ana Clarice Vasconcelos Beserra, José Aquiles Araújo Vasconcelos, Nicolas Emanuel Araújo de Vasconcelos, Christian Froes Vasconcelos e William Tércio Vasconcelos Beserra, por me trazerem tanta alegria.

Eu dedico este trabalho!

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me proporcionar está experiência e me permitir concluir este trabalho.

À minha orientadora, Dra. Maria do Socorro de Sousa Cartágenes, pelo apoio incondicional, não apenas científico, mas emocional; pela confiança, pela paciência, dedicação, entusiasmo, pelos ensinamentos inestimáveis e amizade. Guardarei para sempre em meu coração esta pessoa abençoada e de luz que és. Sem sua orientação e incentivo este trabalho não seria possível.

Ao meu co–orientador Dr. João Batista dos Santos Garcia, pelas contribuições científicas;

Ao programa de Pós-graduação em Biotecnologia da Rede Nordeste de Biotecnologia– RENORBIO, pela oportunidade de crescimento científico;

À Professora Dra. Claudia Quintino da Rocha por todo o ensinamento e contribuições nas análises químicas do material vegetal e discussões científicas;

Ao professor Dr. Gyl Eanes Barros Silva pelas contribuições nas análises histopatológicas e conhecimentos compartilhados;

Aos professores da Pós-graduação em Biotecnologia, por todo conhecimento compartilhado;

As secretarias do programa RENORBIO, pelo apoio;

Ao Laboratório Experimental de Estudo da Dor – LEED, por todo o suporte físico;

A todos os colegas do LEED, que foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo, em especial gostaria de agradecer o empenho dos colegas: Marineide Sodré, Alberto Lopes, Darleno Camelo, Emilly Garcia, Emerson Lucas, Caio Viana, Pedro Queiroz, Fernando Moreira Lima, Carol, Beatriz, Letícia, Karol, Priscila Mendonça, Breno Bonfim e Lilaléa França;

À Universidade Federal do Maranhão por todo apoio estrutural e científico;

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Tecnologia do Maranhão – FAPEMA, por todo suporte financeiro;

Ao técnico Victor Eduardo Maulen Contreras do Laboratório de Imunofluorescência e microscopia eletrônica pelo apoio no preparo de material histopatológica;

Aos colegas do RENORBIO, por todos os momentos vividos, conhecimentos, alegrias e dificuldades compartilhadas;

Aos animais que foram utilizados ao longo da pesquisa, que foram fundamentais para o desenvolvimento desde estudo;

A todos os servidores do prédio da pós-graduação do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, pelo apoio prestado ao longo de todo o estudo;

E a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a concretização deste estudo.

“Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.”

Provérbios 16:3

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis."

José de Alencar

RESUMO

A osteoartrite (OA) é uma doença de grande impacto socioeconômico, multifatorial e complexa, caracterizada por remodelação óssea, inflamação sinovial e perda de cartilagem, e cuja dor está entre os principais sintomas. Pode levar a incapacidade e comprometimento funcional do indivíduo, e possui tratamento considerado desafiador. Neste contexto, a busca de terapias alternativas para a OA é essencial, dentre as possíveis fontes de tratamento destacamos as plantas medicinais. *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) Verlot é uma planta conhecida mais popularmente como pariri ou crajiru, e está presente na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) em função de seu uso na medicina tradicional e popular, sobretudo para tratar afecções de pele, mas também por ações anti-inflamatórias, cicatrizantes, anti-hipertensiva, hepatoprotetor, antiparasitária, antitumoral, dentre outras. Destacando assim, seu grande potencial farmacológico e interesse para novas investigações científicas. Deste modo, o objetivo desta pesquisa foi avaliar a ação anti-inflamatória, anti-nociceptiva e regenerativa de *A. chica* no controle da OA, além de sua composição química. Para isso, o material vegetal (folhas de *A. chica*) foi coletado, seco a 40 ºC, pulverizado, e em seguida embebido em álcool etílico a 70% sob maceração, sendo posteriormente filtrado e concentrado em rotaevaporador a 40 °C, obtendo-se e o extrato hidroetanólico, parte deste extrato foi também submetida a partição líquido-líquido, para obtenção das frações (hexânica, butanólica e acetato de etila) de *A. chica.* Posteriormente, o extrato e as frações obtidos foram submetidos a análises *in vitro*, em ensaio de inibição da ciclo-oxigenase 1 (COX–2) e 2 (COX–2). O extrato e frações também tiveram seu efeito observado em estudos *in vivo*, em que ratos, da espécie *Rattus norvegicus* passaram por indução experimental de OA no joelho, com monoiodoacetato de sódio (MIA) - (2 mg/kg), e foram tratados com extrato hidroetanólico de *A. chica* nas doses de 50, 150 e 450 mg/kg, e com as frações hexânica, acetato de etila e butanólica de *A. chica,* na dose de 5 mg/kg, administrados por via oral/diariamente, durante 26 dias. Os animais foram avaliados clinicamente a cada 7 dias, através dos testes de atividade: motora (Rotarod), Incapacitância/distribuição de peso nas patas (Weight Bearing), hiperalgesia mecânica (Randall-Selitto) e alodínia mecânica (Von Frey). No 29º dia os animais foram eutanasiados e procedeu–se a coleta dos órgãos (fígado, baço e rim) e joelhos para análises histopatológicas posteriores. Foram realizadas também análises químicas por HPLC-MS e CG-MS, para identificação dos compostos presentes no extrato e na fração hexânica de *A. chica*, estes foram submetidos ao ensaio *in silico* de docagem molecular, tendo como alvo a COX-2, a fim de nortear a escolha dos compostos mais promissores para o tratamento de OA. Os resultados obtidos mostraram que o extrato e frações de *A. chica* promove inibição da COX–1 e 2, sendo que a fração hexânica apresentou os melhores resultados, sendo capaz de inibir a COX-2 em mais de 90%, já na dose de 10µg/mL e com maior afinidade pela COX-2, do que pela COX-1. O extrato e frações de *A. chica,* também induziram melhoras significativas nos parâmetros de incapacidade, atividade motora, hiperalgesia e alodínia decorrentes da OA. O extrato e frações também produziram melhoras na condição radiológica dos joelhos, contudo nas avaliações histopatológicas estas melhoras só foram significativas nos tratamentos com as frações hexânica e acetato de etila, que obtiveram respectivamente, scores médios de 2,9 (±1,8) e 3,7 (±1,6), sendo significativamente menores que grupo salina (CTL-), com média 6,0 (± 0,5). Cabendo ainda ressaltar que as frações tiveram excelentes resultados em doses muito baixas, de 5mg/kg. As análises histopatológicas do fígado, baço e rim também mostram que as doses administradas do extrato e frações não produzindo toxicidade aos animais. Quanto à composição química do extrato, foram identificados 22 compostos, dentre os quais 12 são relatados pela primeira vez nesta espécie, em sua maioria, os compostos identificados são importantes flavonoides, que tem grande potencial anti-inflamatório destacado na literatura.

As análises *in silico* sugeriram a existência de interações muito favoráveis entre alguns desses flavonoides e a enzima COX–2, principalmente para a amentoflavona (energia livre de ligação de –9,21 kcal/mol), quercetina-*O*-galato (energia livre de ligação de –8,86 kcal/mol) e crisoeriol-*O*-glucosídeo (energia livre de ligação de –8,45 kcal/mol). Na fração hexânica foram identificados 20 compostos, sendo estes ácidos graxos, terpenos e fitoesteróis, dentre os quais destacamos o fitol com componente majoritário, o qual tem significativos registros de atividade analgésica e anti-inflamatória. A partir da docagem molecular destes 20 compostos com a COX-2, também foram sugeridas interações muito favoráveis, entre o alfa-tocoferol (Vitamina E), escaleno e beta-sitosterol, com energias livres de ligação de -10,4, -10,4 e -9,8 kcal/mol, respectivamente. A partir destes dados, conclui–se que o extrato e frações de *A. chica* possuem propriedades analgésicas e anti-inflamatórias e podem ser úteis para o tratamento da OA, e que as atividades aqui evidenciadas podem estar ligadas aos flavonoides, terpenos e fitoesteróis, que tem o potencial de intervir na via do ácido araquidônico, reduzindo o processo inflamatório.

Palavras–chave: dor, inflamação, plantas medicinais, *Bignoniaceae*, antinocicepção, pariri.

ABSTRACT

Osteoarthritis (OA) is a disease of great socioeconomic impact, multifactorial and complex, characterized by bone remodeling, synovial inflammation and loss of cartilage, and whose pain is among the main symptoms. It can lead to the individual's disability and functional impairment, and has treatment considered challenging. In this context, the search for alternative therapies for OA is essential, among the possible sources of treatment we highlight medicinal plants. *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) Verlot is a plant known more popularly as pariri or crajiru, and is present in the National List of Medicinal Plants of Interest to SUS (RENISUS) due to its use in traditional and popular medicine, especially for to treat skin conditions, but also by anti-inflammatory, healing, anti-hypertensive, hepatoprotective, antiparasitic, anti-tumor actions, among others. Thus, highlighting its great pharmacological potential and interest for new scientific investigations. Thus, the objective of this research was to evaluate the anti-inflammatory, anti-nociceptive and regenerative action of *A. chica* in the control of OA, in addition to its chemical composition. For this, the plant material (leaves of *A. chica*) was collected, dried at 40 ºC, pulverized, and then soaked in 70% ethyl alcohol under maceration, being subsequently filtered and concentrated in a rotary evaporator at 40 ° C, obtaining it if and the hydroethanolic extract, part of this extract was also subjected to liquid-liquid partition, to obtain the fractions (hexane, butanolic and ethyl acetate) of *A. chica*. Subsequently, the extract and the fractions obtained were subjected to in vitro analysis, in an inhibition test for cyclooxygenase 1 (COX – 2) and 2 (COX – 2). The extract and fractions also had their effect observed in in vivo studies, in which *Rattus norvegicus* rats underwent experimental OA induction in the knee, with sodium monoiodoacetate (MIA) - (2 mg / kg), and were treated with hydroethanolic extract of A. chica at doses of 50, 150 and 450 mg / kg, and with hexane, ethyl acetate and butanolic fractions of *A. chica*, at a dose of 5 mg / kg, administered orally / daily, during 26 days. The animals were clinically evaluated every 7 days, through the activity tests: motor (Rotarod), disability / weight distribution in the paws (Weight Bearing), mechanical hyperalgesia (Randall-Selitto) and mechanical allodynia (Von Frey). On the 29th day, the animals were euthanized and the organs (liver, spleen and kidney) and knees were collected for later histopathological analysis. Chemical analyzes were also carried out by HPLC-MS and CG-MS, to identify the compounds present in the extract and in the hexane fraction of *A. chica*, these were subjected to in silico testing of molecular docking, targeting COX-2, the in order to guide the choice of the most promising compounds for the treatment of OA. The results obtained showed that the extract and fractions of *A. chica* inhibit COX – 1 and 2, with the hexane fraction showing the best results, being able to inhibit COX-2 by more than 90%, already at the dose of 10µg / mL and with greater affinity for COX-2 than for COX-1. The extract and fractions of *A. chica*, also induced significant improvements in the parameters of disability, motor activity, hyperalgesia and allodynia resulting from OA. The extract and fractions also produced improvements in the radiological condition of the knees, however in the histopathological evaluations these improvements were only significant in the treatments with the hexane fractions and ethyl acetate, which obtained, respectively, average scores of 2.9 (± 1.8) and 3.7 (± 1.6), being significantly smaller than the saline group (CTL-), with a mean of 6.0 (± 0.5). It should also be noted that the fractions had excellent results in very low doses, of 5mg / kg. Histopathological analyzes of the liver, spleen and kidney also show that the administered doses of the extract and fractions do not produce toxicity to the animals. As for the chemical composition of the extract, 22 compounds were identified, among which 12 are reported for the first time in this species, most of the identified compounds are important flavonoids, which have great anti-inflammatory potential highlighted in the literature. In silico analyzes suggested the existence of very favorable interactions between some of these flavonoids and the COX – 2 enzyme, mainly for amentoflavone (–9.21 kcal/mol free binding energy), quercetin-O-gallate (free energy of

binding of –8.86 kcal / mol) and crisoeriol-O-glucoside (free binding energy of –8.45 kcal/mol). In the hexanic fraction, 20 compounds were identified, being these fatty acids, terpenes and phytosterols, among which we highlight phytol with a major component, which has significant records of analgesic and anti-inflammatory activity. From the molecular docking of these 20 compounds with COX-2, very favorable interactions have also been suggested, between alpha-tocopherol (Vitamin E), scalene and beta-sitosterol, with free-binding energies of -10.4, -10.4 and -9.8 kcal / mol, respectively. From these data, it is concluded that the extract and fractions of *A. chica* have analgesic and anti-inflammatory properties and can be useful for the treatment of OA, and that the activities shown here may be linked to flavonoids, terpenes and phytosterols, which has the potential to intervene in the arachidonic acid pathway, reducing the inflammatory process.

Keywords: pain, inflammation, medicinal plants, *Bignoniaceae*, antinociception, pariri.

LISTA DE FIGURAS

Referencial Teórico

Capítulo I

Capítulo II

LISTA DE TABELAS

Capítulo I

Capítulo II

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

Å – Angström

AA – Ácido araquidônico

ADMTS – Desintegrina e metaloproteinase com motivos de trombospondina

AE – Extratos aquoso

AH – Ácido hialurônico

AINEs/ NSAIDs – Anti–inflamatórios não esteroidais

AIS – Ações Integradas de Saúde

AP – Anteroposterior

APs – Potenciais de ação

ASU – Mistura de insaponificáveis de abacate e soja

ATP– Adenosina trifosfato

AVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CAM – Membrana corioalantóide

CH_2Cl_2 – Diclorometano

CID – Dissociação induzida por colisão

CIPLAN – Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação

CIS – Comissões Interinstitucionais de Saúde

CLEAN – grupo de animais sem OA induzida e sem tratamento

CTL- – Grupo de animais com OA e tratado com soro fisiológico (NaCl 0,9%)

CTL + Melox – Grupo com OA e tratado com Meloxicam® – 0,5 mg/kg

COX1– Enzima ciclo-oxigenase 1

COX-2 – Enzima ciclo-oxigenase 2

DFT –Teoria da Densidade Funcional

DPPH – 2,2 difenil- 1- picrilhidrazil

EB – Extrato bruto

EDTA – Ácido etilenodiamino tetra–acético

EE – Extrato etanólico

EHA – Extrato hidroetanólico de Arrabidaea chica

ESI –ionização por eletropulverização

ESI–MSn – Fragmentação em múltiplos estágios

FIA – fluxo de injeção direta

FLS – Sinoviócitos semelhantes a fibroblastos

GI – Gastrointestinais

HPLC–MS – Cromatografia líquida acoplada a espectrometria de massa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFN–γ – Interferon gama

IL– Interleucina

iNOS – Óxido nítrico sintase induzível

IT – interface tipo armadilha de íons (*ion trap*)

Jurkat e HL60 – Linhagens de células leucêmicas humanas

LDH – Lactato desidrogenase

LGA – Algoritmo Genético Lamarckiano

LPS – Lipopolissacarídeos

MeOH – Metanol

MIA– Monoiodoacetato de sódio

MIP–1β – Quimiocina inflamatórias de Macrófagos tipo 1 beta

MLS – Condrócitos e sinoviócitos semelhantes a macrófagos

MMPs – Metaloproteinases de matriz

MPO – Mieloperoxidase

MS/MS – Espectrometria de massas em tandem

MT – Medicina Tradicional

NADP– Fosfato de nicotinamida e adenina dinucleotídeo

NF–kB – Fator nuclear kappa beta

NF–κB –IκB – Inibidor do fator nuclear kappa B

NO – Óxido nítrico

NPWT – limiar nociceptivo de retirada da pata

OA – Osteoartrite

OARSI – Sociedad Internacional de Investigação da Osteoartrite

OMS – Organização Mundial da Saúde

One–way ANOVA – Análise univariada de variância

PGE 2 – Prostaglandina E2

PTFE – filtro de politetrafluoroetileno

PVM/MA – Polímero bioadesivo

RANKL – ligante do receptor do fator nuclear kappa B

RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de

ROS – Espécies reativas de oxigênio

SNC – Sistema Nervoso Central

SUDS – Sistema Unificado e Descentralizado de saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

SVS – Secretaria de Vigilância Sanitária

TCD4 + – Linfócitos T auxiliares

TCD8 + – Linfócitos T citotóxicos

TFD – Terapia fotodinâmica

TGF–β – Fator de crescimento transformador beta

TNF–α – Fator de necrose tumoral alfa

TWO–way ANOVA – Análise de variância bivariada

VEGF – Fator de crescimento endotelial vascular

4T1 – Células de adenocarcinoma mamário murino

SUMÁRIO

página

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, as plantas têm sido utilizadas como importante recurso terapêutico, visto que são detentoras de uma grande variedade de metabólitos que apresentam atividades biológicas e farmacológicas relevantes, com grande potencial para o desenvolvimento de fármacos (JOLY et al., 2011; LI et al., 2017; AYE et al., 2019).

Dentre as plantas medicinais tradicionalmente utilizadas, encontra–se a espécie vegetal *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) Verlot, nativa da floresta tropical e muito comum em quase todo o Brasil (LINO VON POSER et al., 2000). Conhecida pelas comunidades tradicionais principalmente como crajiru, carajiru ou pariri, vem sendo utilizada pela medicina tradicional e popular para diversos fins terapêuticos, associado principalmente a sua atividade anti–inflamatória, cicatrizante, controle de cólicas intestinais, afecções da pele, disfunções sanguíneas e leucemia (LORENZI; MATOS, 2008).

Nosso grupo de estudo também investigou o potencial analgésico da *A. chica*, e verificou a capacidade do extrato e frações em aliviar a dor neuropática induzida por compressão nervosa (MOREIRA LIMA, 2017). Com base nesses resultados promissores para dor neuropática surgiu à perspectiva de também estudar os efeitos de *A. chica* em um modelo de dor nociceptiva, que já está bem implantado no laboratório, no caso o modelo de osteoartrite (OA) induzida em ratos.

Considerando também a atividade anti-inflamatória desta planta, nossa hipótese é que *A. chica* possa ter efeito positivo no tratamento de doenças em que o processo inflamatório tem um papel crítico, como é o caso da OA. A osteoartrite vem sendo classificada como uma doença inflamatória, com elevação de citocinas pró-inflamatórias, como a interleucina 1β (IL-1β) e o fator de necrose tumoral alfa (TNF-α), que diminuem a síntese de colágeno e promovem o aumento de mediadores catabólicos, como metaloproteinases, que degradam componentes da matriz extracelular e do osso subcondral (ATTUR et al., 2002; REZENDE; CAMPOS; PAILO, 2013; ROBINSON et al., 2016; WOODELL-MAY & SOMMERFELD, 2020).

A doença é multifatorial, incluindo fatores genéticos, metabólicos e traumáticos, levando a alterações morfológicas, bioquímicas, moleculares e biomecânicas, que resultam em ulceração e perda da cartilagem articular, remodelação e esclerose do osso subcondral, com formação de osteófitos. Pode afetar qualquer articulação sinovial, contudo, acomete principalmente joelhos, quadris, mãos e coluna, e pode ocorrer em mais de uma articulação ao mesmo tempo (HASEEB; HAQQI, 2013; O'NEILL; MCCABE; MCBETH, 2018).

A OA é considerada a doença osteoarticular mais comum, que afeta de maneira alarmante a população idosa, e está associada a elevados custos socioeconômicos. Estima–se que os custos associados à OA tenham uma carga socioeconômica entre 1,0 e 2,5% do produto interno bruto nos países desenvolvidos (HILIGSMANN et al., 2013). A OMS estima que 40% dos adultos acima de 70 anos apresentem OA de joelhos, 80% das pessoas com OA apresentem limitação de movimentos, e 25% não consigam desempenhar suas principais atividades de vida diária, ocasionando assim, grandes perdas funcionais e de qualidade de vida (BROOKS, 2002; ROSIS; KAIRALLA, 2010; KAWANO et al., 2015). Dessa forma, a OA constitui–se diretamente como um problema de saúde pública, com meios reduzidos de tratamento e sem cura (JOHNSON; HUNTER, 2014; KAWANO ET AL., 2015; GRÄSSEL & MUSCHTER, 2020).

Os tratamentos disponíveis para OA são baseados principalmente na utilização de analgésicos, inibidores da enzima ciclo-oxigenase - 2 (COX-2) e drogas anti-inflamatórias não esteroidais (AINES), contudo ainda é muito insuficiente, uma vez que não conseguem reverter o avanço da doença e apresentam efeitos colaterais importantes, além da dor ser refratária aos tratamentos atuais (NIELSEN, 2006; YU; HUNTER, 2015). O uso prolongado de AINES, apesar de promover alívio momentâneo, eleva o risco de disfunção renal, complicações gastrointestinais e doenças cardiovasculares (BATLOUNI, 2010; JOSÉ, 2013; ATIQUZZAMAN et al., 2019). Sendo, portanto, de fundamental importância o investimento em pesquisas que busquem novos tratamentos.

Neste contexto, o presente estudo avaliou a resposta anti-inflamatória e anti-nociceptiva do extrato hidroetanólico (EHA) e frações (hexânica, acetato de etila e butanólica) de *Arrabidaea chica* (pariri) em modelo experimental de osteoartrite.

Os resultados desta Tese foram divididos em dois capítulos, sendo no capítulo I apresentados os efeitos do extrato hidroetanólico de *A. chica*, destacando sua capacidade de inibir as enzimas ciclo-oxigenase 1 e 2, e intervir clinicamente na OA induzida em ratos, bem com seus efeitos radiográficos e histopatológicos no joelho dos animais. Neste capitulo são apresentados também as análises químicas, com identificação dos compostos presentes no extrato de *A. chica*, e os resultados dos ensaios *in silico* de docagem molecular. Estes resultados geraram o artigo intitulado: **"***Effects of Extract of Arrabidaea chica Verlot on an Experimental Model of Osteoarthritis*" publicado no *International Journal of Molecular Sciences.*

O capítulo II refere-se à investigação das atividades anti-inflamatória e antinociceptiva *in vitro* e *in vivo*, das frações hexânica, acetato de etila e butanólica de *A. chica*, destacando a

capacidade das frações inibirem as enzimas ciclo-oxigenase 1 e 2, e intervirem clinicamente na OA induzida em ratos, bem com seus efeitos radiográficos e histopatológicos no joelho dos animais. Realizou- se também a identificação da composição química da fração com melhor potencial no tratamento de OA, bem como um estudo *in silico* destes compostos tendo como alvo a COX-2. Os resultados foram apresentados no manuscrito intitulado: "*Arrabidaea chica Verlot fractions reduces MIA-induced osteoarthritis progression in rats knees"*, submetido a revista *Inflammopharmacology*.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Plantas medicinais

O potencial terapêutico das plantas é conhecido desde os primórdios das civilizações, inicialmente baseados apenas no conhecimento popular empírico, mas com o passar dos anos os vegetais têm sido cada vez mais explorados, e a indústria farmacêutica vem se utilizado de maneira crescente deles para produção de medicamentos (MARTINS et al., 1994; RODRIGUES; CARVALHO, 2001; DIAS, 2005; BRASIL, 2016). A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece que grande parte da população dos países em desenvolvimento depende da medicina tradicional para sua atenção primária a saúde, seja pela escassez de recurso financeiro das populações para aquisição de produtos comerciais, aceitabilidade ou falta de confiança no Sistema Público de Saúde (CALIXTO, 2000; BRASIL, 2016).

Embora as plantas medicinais tenham uma boa aceitação pela população, e se tenha tido um crescimento no número de estudos, somente um pequeno percentual delas tem dados científicos que comprovem a sua eficácia, e segurança toxicológica (BRASIL, 2006; VILELA, 2009; ZAGO, 2018). Apesar do uso imemorial de plantas medicinais, a fitoterapia com finalidade profilática, curativa, paliativa ou com fins de diagnóstico passou a ser oficialmente reconhecido pela OMS somente 1978, quando houve então a recomendação mundial de difusão e pesquisas dos conhecimentos necessários para o seu uso. A OMS reforçou o compromisso de estimular o desenvolvimento de políticas públicas a fim de inseri-las no sistema oficial de saúde dos seus Estados–membros. Então em 2005, publicou o documento Política Nacional de Medicina Tradicional e Regulamentação de Medicamentos Fitoterápicos, discutindo a situação mundial a respeito das políticas da medicina tradicional (MT) e fitoterápicos, inclusive do Brasil (BRASIL, 2006).

Cabendo destacar, que o Brasil é o país com maior diversidade vegetal do mundo, com mais de 36.000 espécies catalogadas (BFG, 2018), além de possuir ampla tradição no uso das plantas medicinais. Contudo, estima-se que menos de 15% das espécies tenham sido estudadas para fins de utilização na medicina, marcando a insuficiência de estudos científicos acerca do assunto (CONSERVATION INTERNATIONAL, 2010). Portanto, torna–se necessário estimular a realização desses estudos, visando à validação das propriedades medicinais de plantas e garantindo a segurança de seu uso.

Nesta perspectiva de estimular o desenvolvimento de fitoterápicos no Brasil, para uso nos programas de saúde pública, após a década de 1980, diversos instrumentos normativos como resoluções, portarias e relatórios foram elaborados. Destacando-se a Portaria n. º 212, de 11 de setembro de 1981, que define o estudo das plantas medicinais como uma das

prioridades de investigação clínica; a Resolução da Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação (CIPLAN) Nº 08, de 1988, que implanta a prática de Fitoterapia nos serviços de saúde, e orienta através das Comissões Interinstitucionais de saúde (CIS) a busca da inclusão da Fitoterapia nas Ações Integradas de Saúde (AIS), e/ ou programação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (SUDS) nas Unidades Federadas, visando colaborar com a prática oficial da medicina moderna, em caráter complementar; a Portaria nº 31/SVS – Secretaria de Vigilância Sanitária, de 1994, que cria o Grupo de Estudos de Produtos Fitoterápicos; a Portaria nº 06/SVS, de 1995, que institui e normatiza o registro de produtos fitoterápicos junto ao Sistema de Vigilância Sanitária; a Resolução da Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (RDC/Anvisa) nº 48 de 2004 que dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos.

A Portaria nº 2.960, instituiu em 2008 o Programa Nacional de Plantas Medicinal e Fitoterápico, objetivando inserir com segurança, eficácia e qualidade, plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS). Além de promover e reconhecer as práticas populares e tradicionais de uso de plantas medicinais. O Ministério da Saúde, também divulgou em 2008 uma Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde (RENISUS). Nessa lista constam as plantas medicinais que apresentam potencial para gerar produtos de interesse ao SUS. Dentre as espécies citadas no RENISUS encontra–se *Arrabidaea chica* (Humb & Bonpl.) Verlot (BRASIL, 2009), espécie vegetal investigada no presente estudo.

Na portaria nº 533 de 28 de março de 2012, o Ministério da Saúde estabelece também a lista de medicamentos e insumos da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME), que compreende a seleção e a padronização de medicamentos indicados para atendimento de doenças ou de agravos no âmbito do SUS. Nesta relação constam apenas 12 fitoterápicos, número que se mantém até a lista 2020 (BRASIL, 2020), demonstrando poucos avanços na recomendação de fitoterápicos no sistema público de saúde e a necessidade de mais incentivos para estudo e utilização desses.

Cabe aqui, destacar também, que além dos benefícios terapêuticos, os fitoterápicos também movimentam um mercado mundial de cerca de US$ 44 bilhões por ano. No Brasil não existem dados oficiais sobre o tamanho desse mercado, e as estimativas variam entre US$ 350 milhões e US$ 550 milhões por ano (BRASIL, 2012). Entretanto, este mercado ainda é bem inferior a capacidade do Brasil. Assim os investimentos e pesquisas na bioprospecção dos ativos da biodiversidade brasileira são fundamentais para que haja crescimento deste mercado e diminuição da dependência externa na produção de fármacos.

2.2 Desenvolvimento de fármacos – abordagens computacionais

O desenvolvimento de novos fármacos é um processo complexo e se tratando de fármacos a base de plantas, deve–se levar em consideração ainda que as espécies vegetais geralmente apresentam muitos compostos químicos o que torna a identificação dos reais responsáveis pela atividade biológica um processo longo e demorado. Nesse sentido, a bioinformática têm contribuído de modo significativo, pois utiliza bases de ciências como bioquímica, farmacologia, biologia molecular, imunologia, farmacocinética, físico–química, métodos de modelagem, entre outras, para a identificação, planejamento e o desenvolvimento de compostos bioativos, que podem ser usados para prevenção, tratamento ou cura de enfermidades (WERMUTH, 2003; GUIDO; ANDRICOPULO; OLIVA, 2010).

O conhecimento dos alvos moleculares (como enzimas, receptores, ácidos nucléicos) é indispensável para aplicação dos protocolos computacionais. Assim o avanço na biologia molecular, engenharia genética e na biologia estrutural tem tornado possível muitos dos estudos de bioinformática, visto que é crescente o número de alvos para os quais se conhece a estrutura tridimensional (3D) e a localização precisa do sítio ativo (GUIDO, ANDRICOPULO, OLIVA, 2010). Contudo, quando não se conhece a estrutura 3D ainda é possível utilizar o método de modelagem por homologia, com base em uma ou mais estruturas já conhecidas, fazendo predições bem-sucedidas de estruturas de alvos moleculares ainda não cristalografadas (WATSON et al., 2007; CAVASOTTO & PHATAK, 2009). Quanto aos ligantes (moléculas potencialmente ativas), estes podem ter origem a partir de produtos naturais, através de síntese orgânica, coleções combinatórias, ou ainda mediante planejamento racional (KORTAGERE & EKINS, 2010; HUANG et al., 2010; GUIDO, ANDRICOPULO, OLIVA, 2010). Tendo o conhecimento sobre essas estruturas é possível aplicar ensaios virtuais para planejamento de fármacos.

A docagem molecular está entre as principais ferramentas em uso pela bioinformática para a identificação e seleção de novos candidatos a fármacos, visto que através dela é possível avaliar as interações dos candidatos a fármacos com seus potenciais alvos. Assim, a docagem molecular consiste na predição do posicionamento (orientação e conformação) de um ligante dentro de um sítio de interação alvo (KITCHEN et al., 2004). Para isso, o programa faz uma busca dos diferentes modos de ligação adquiridos pelas múltiplas conformações do ligante dentro do sítio ativo do receptor e a afinidade de cada situação é uma função matemática denominada de algorítmico genético, que faz a busca

conformacional de encaixe e interação do ligante dentro do receptor (MORRIS et al., 1998; HUEY et al., 2007).

Para avaliar os resultados da docagem utilizam-se os valores da energia de interação do complexo ligante–proteína, da energia intramolecular do ligante ou constante de inibição (MAGALHAES; BARBOSA; DARDENNE, 2004). Para implementação destes protocolos de bioinformática os softwares mais usados são o GOLD, o AutoDock, o DOCK e o EADock, que realizam a docagem automática de um ligante flexível no sítio ativo de uma macromolécula rígida (MORRIS et al., 1998; ZOETE; GROSDIDIER; MICHIELIN, 2009).

A constante evolução nas tecnologias computacionais, a rapidez, e o custo pequeno comparado aos demais métodos são as principais vantagens do uso de métodos de bioinformática (TAKEDA-SHITAKA et al., 2004; MA et- al., 2011). Os estudos computacionais/*in silico* fornecem um importante direcionamento às pesquisas, com resultados que favorecem uma pré-seleção de moléculas potencialmente ativas, que levam a abordagens experimentais mais promissoras (OPREA, 2005; ZHENG et al., 2013; KASERER et al., 2015; TORRES et al., 2019).

Dessa forma, esta ciência tem fornecido um notável direcionamento no estudo e planejamento de fármacos, envolvendo o emprego de *screenings*, cálculos, análises e simulações computacionais (DE MOLFETTA et al., 2009; GURUDEEBAN et al., 2012; DULIN et al., 2014; CALADO et al., 2015; SILVA et al., 2017). Com aplicações a diversas situações, dentre elas as patologias, favorecendo o desenvolvimento de medicamentos pra tratamento de cânceres (AMIN et al., 2013; SABBAH et al., 2015); doenças cardiovasculares (MENA-ULECIA et al., 2015; DONG et al., 2016); condições inflamatórias (FLOWER, 2003; SILVA et al., 2017); tratamento do HIV (VAN DRIE, 2007); e outras doenças virais, como influenza (VONITZSTEIN et al., 1993) e Zika vírus (ZHANG et al., 2016; RAMHARACK & SOLIMAN, 2017); para doenças parasitárias, como: malária (CHAUDHARY & PRASAD, 2014; COBB et al., 2015), tuberculose (VIANNA & AZEVEDO JUNIOR); doença de Chagas (ROCHA, 2010), dentre outras.

Jarapula e colaboradores (2016) observaram correlações significativas entre resultados de seus estudos *in silico* e *in vivo*. Ao avaliarem compostos derivados de isatina, através da atividade anti-inflamatória *in vivo* pelo método de edema de pata induzido por carragenina, observaram que compostos VIIc e VIId exibiram 65% e 63% de redução do edema de pata, respectivamente. Os estudos de docagem molecular realizados com as enzimas COX-1 e COX-2, também evidenciaram que os mesmos compostos: VIIc e VIId exibiram

boas pontuações de afinidade com o sítio ativo de COX-2, e baixa afinidade com COX-1, semelhante ao fármaco celecoxib.

Świątek e colaboradores (2017) comparando dados de ensaios *in vitro* com estudos de docagem molecular, demonstraram também que dentre os derivados de isotiazolopiridina testados, o que apresentou maior percentual de inibição para COX-2 *in vitro*, foi também o que apresentou os melhores parâmetros de afinidade energética nos ensaios *in silico.*

O potencial das ferramentas computacionais para seleção de novas moléculas bioativas, também foi demonstrado por Silva e colaboradores (2017). Neste estudo observaram que dentre os compostos identificados na fração acetato de etila de *Borreria verticilata,* o triterpeno ácido ursólico foi a molécula que apresentou os melhores parâmetros de afinidade, em estudos *in silico,* com as estruturas da enzima COX-2 e receptor N-metil-D-aspartato (NMDA). Os estudos *in vivo* realizados por testes de edema de pata induzido por carragenina (perfil inflamatório mediado pela alta atividade da COX-2) e *tail flick* (mecanismos centrais), demonstraram que o ácido ursólico mostrou-se muito eficiente, sendo até superior que fármacos controle indometacina e memantina, demonstrando que a docagem molecular foi eficiente na seleção dos compostos com maior potencial anti-inflamatório e anti-nociceptivo.

Outro estudo avaliou também o potencial farmacológico de sessenta e oito compostos de *Myrica nagi* Thunb., identificando através de análises *in silico,* o composto miricetina, como o potencialmente mais ativo, por possuir excelentes propriedades metabólicas de distribuição, absorção, excreção e toxicidade (ADMET), além de bons parâmetros de afinidade com a enzima COX-2. Demonstraram também através de estudos *in vitro* a atividade de citotoxicidade da miricetina de *M. nagi*, utilizando o ensaio MTT e, obtiveram uma IC50 de 102 µg/mL. Relatando no geral, que miricetina possui propriedades desejadas para ser um potente anti-inflamatório (Kumar et al., 2019).

.

2.3 *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) **Verlot**

Arrabidaea chica (figura 1) é uma planta pertencente à família Bignoniaceae, que compreende aproximadamente 830 espécies de plantas arbustivas, arbóreas e trepadeiras distribuídas em 120 gêneros. A família Bignoniaceae é dividida em sete tribos, sendo que *Arrabidaea chica* encontra-se na tribo Bignonieae, que constitui um clado de lianas neotropicais grande e morfologicamente diverso (LOHMANN, 2006; BEHRENS; TELLIS; CHAGAS, 2012).

Taxonomicamente a espécie *Arrabidaea chica* foi classificada por Croquist (1981) como pertencente:

Divisão: Magnoliophyta

Classe: Magnoliopsida

Subclasse: Asteridae

Ordem: Scrophulariales

Família: Bignoniaceae

Gênero: *Arrabidaea*

Figura 1 - Aspectos gerais da *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) Verlot. Fonte: autor

Sendo as espécies deste gênero encontradas em sua maioria em regiões tropicais e subtropicais, *Arrabidaea chica* têm como principais centros de distribuição o continente africano e as Américas (Figura 2), Central e do Sul, destacando o Peru e Brasil Central, com prevalência desde a região amazônica até o Rio Grande do Sul, incluindo regiões de cerrado e Mata atlântica, não possuindo um hábitat único (ALVES et al., 2010; BEHRENS; TELLIS; CHAGAS, 2012).

Arrabidaea chica é facilmente cultivada e tem crescimento rápido (BARROS; POHLIT; CHAVES, 2008). Na região Amazônica, por exemplo, a espécie é facilmente multiplicada por estacas (CORRÊA,1984).

Figura 2 – Distribuição da espécie *Arrabidaea chica* nas Américas. Fonte: Smithsonian Tropical Research Institute: http://biogeodb.stri.si.edu/herbarium/species/15406/?search_key=Arrabidaea+chica

Arrabidaea chica é popularmente conhecida como carajiru, crajiru, cajuru, carajuru, chica, pariri, crejeru, guajuru–piranga, guarajuru, oajuru, oajuru–piranga, paripari, crejer. (VAN DEN BERG, 1982; MORS; RIZZINI; PEREIRA, 2000; VON POSER et al., 2000). Apresenta como sinonímias *Adenocalyma portocalymma* A. Stahl; *Arrabidaea acutifolia* A. D C; *Arrabidaea cuprea* (Charm.) Bornm.; *Arrabidaea larensis* Pittier; *Arrabidaea rosea* D C; *Bignonia chica* Humb. & Bonpl.; *Bignonia cuprea* Cham.; *Bignonia erubescens* S. Moore; *Bignonia triphylla* Willd. Ex D C; *Lundia chica* (Humb. & Bonpl.) Seem.; *Temnocydia carajura* Mart. Ex D C.; *Vasconcellia acutifolia* C. Mart. Ex D C e mais recentemente *Fridericia chica* (Bonpl.) L.G. Lohmann (BEHRENS; TELLIS; CHAGAS, 2012).

A espécie apresenta também diversas variedades: acutifolia de folhas maiores (até 15 cm de comprimento), com reticulado purpúreo e corola menor (até 2cm); angustifólia, de porte menor, folhas lanceoladas e menores (até 5cm de comprimento); cuprea, de folhas menores, estreitas, curto–obtuso–acuminadas, com reticulado cor de cobre na parte inferior; thyrsoidea, de folhas maiores, agudíssimas (até 10 cm de comprimento e 6 cm de largura), panícula maior e corola de 3cm (CORRÊA, 1984).

Devido aos seus pigmentos carajurina e carajurona, *A. chica* é bastante usada no Brasil, pelos índios, para fazer tatuagens. Em algumas tribos, é preparada uma pasta com essa planta, que funciona como repelente de insetos, além de também ser utilizada como protetor solar. Vários cosméticos e produtos têm sido comercializados, principalmente na região Norte do Brasil, graças a esses pigmentos, que são obtidos a partir da fermentação de suas folhas (CHAPMAN; PERKIN; ROBINSON, 1927; BARBOSA et al., 2008; SCHIOZER et al., 2012).

As folhas de *A. chica* têm sido também empregadas popularmente no tratamento de enfermidades da pele, como: psoríase, impingem, úlceras e piodermites; têm sido utilizados também por suas propriedades adstringentes, anti–inflamatórias, para tratar cólica intestinal, diarreia com sangue, corrimento vaginal, como agente anti–anêmico, para diabetes, leucemia e outros tipos de câncer. Segundo relatos, algumas tribos indígenas também preparavam infusões pra tratar conjuntivite aguda, infecções fúngicas e herpes (CHAPMAN; PERKIN; ROBINSON, 1927; CORRÊA, 1984; KALIL FILHO ET AL., 2000; BORRÁS, 2003; LORENZI; MATOS, 2008; OLIVEIRA et al., 2009).

No Maranhão, também é usada no controle da pressão arterial e cálculos renais (RÊGO, 1995). Além disso, os extratos de folhas de *A. chica* começaram a ser utilizados na indústria de cosméticos do Brasil na formulação de xampus, cremes e sabonetes (SCHIOZER et al., 2012).

O gênero *Arrabidaea* é conhecido como fonte de flavonoides, particularmente antocianinas. O primeiro estudo fitoquímico de *A. chica,* realizado com as folhas, possibilitou o isolamento de dois pigmentos avermelhados chamados de carajurina (6,7– diidroxi–5,4'–dimetoxiflavílio) e carajurona (6,7,4'–triidroxi–5–metoxi–flavílio) (CHAPMAN; PERKIN; ROBINSON, 1927), cuja estrutura só foi completamente elucidada por Zorn e colaboradores (2001). Estudos realizados por Scogin (1980) e Harborne & Williams (2001) afirmaram que a ocorrência desse pigmento estava restrita a essa espécie, dentro da família Bignoniaceae.

Outros compostos foram também sendo identificados e isolados de folhas da espécie, como taninos, 7,4–dihidroxi– 5–metoxiflavona, fitosteróis, flavonoides, alguns compostos derivados das 3–deoxiantocianidinas como antocianinas, o pigmento 1, o pigmento 2 e a luteolina, a flavona carajuruflavona e outros compostos fenólicos como antraquinonas, triterpenos, saponinas e esteroides (TAKEMURA et al., 1995; ZORN et al., 2001; DEVIA et al., 2002; CORTEZ DE SÁ et al., 2016).

ZORN e colaboradores (2001) isolaram das folhas de *A. chica* quatro antocianinas: carajurina, carajurona, 6,7,3′–triidroxi–5,4′–dimetoxiflavílio e 6,7,3′,4′–tetraidroxi–5–metoxiflavílio, e a flavona acacetina. Barbosa e colaboradores (2008) relataram o isolamento de 4′–hidroxi–3,7–dimetoxi–flavona, vicenina e do flavonol canferol de folhas de *A. chica*. SIRAICHI e colaboradores (2013) descreveram pela primeira vez a presença das flavonas escutelareína e isoescutelareína em extratos de folhas *A. chica*, além da 6–hidroxi–luteolina e hispidulina.

Gemelli e colaboradores (2015) avaliaram também a composição do extrato aquoso e fração butanólica de folhas de *A. chica* por cromatografia líquida acoplado à detecção UV, e sugeriram com auxílio de padrões a presença de ácidos fenólicos e flavonóides: Ácido gálico, ácido elágico, rutina e luteolina, sendo estes dois últimos os principais compostos fenólicos da fração butanólica.

Estudos de frações do extrato hexânico de folhas *A. chica*, realizados por cromatografia gasosa acoplada a espectrometria massa, também permitiram identificação de ácidos graxos – n–hexadecanoico, linoleico, linolênico, octadecanoico, eicosanóico; esteroides – campesterol, estigmasterol, gama–sitosterol; além do fitol e vitamina E (RODRIGUES et al., 2014). Mota (2011) também identificou triterpenos pentacíclicos: ácido oleanoico e ácido ursólico em frações derivadas de extrato clorofórmico de *A. chica*. Miranda e colaboradores (2017) isolaram um composto fotossensibilizador, fotoforbide A, de folhas de *A. chica*.

De modo geral, os estudos apontam uma grande abundância de flavonoides nas folhas de *A. chica,* que tem sido utilizada para explicar o extenso número de ações terapêuticas atribuídas a esta espécie como: anti–inflamatória, antioxidante, antimicrobiana, anti–hipertensiva, analgésica, dentre outras (NAIR et al., 2006; CARTAGENES et al., 2010; BRUNETTI et al., 2013; DE QUEIROZ et al., 2014).

Jorge (2008) avaliou a atividade antioxidante do extrato metanólico das folhas de *A. chica,* e afirmaram que este apresentou moderado efeito antioxidante pelo método de sequestro do radical livre (DPPH) e também moderado efeito redutor de agentes oxidantes. Taffarello e colaboradores (2013) observaram também uma moderada atividade antioxidante, pelo ensaio de DPPH para extrato metanólico de folhas *A. chica*, contudo destacaram que esta atividade teve um aumento quando o extrato foi tratado previamente com xilanases de *Bacillus pumilus*, e sugeriram que tal atividade foi favorecida devido após o processo de fermentação da planta ocorrer a liberação das agliconas, aumentando a atividade antioxidante.

Cartágenes e colaboradores (2014) investigaram o efeito do extrato hidroetanólico de folhas *A. chica* no controle do tônus vascular e pressão arterial, e demonstraram que o tratamento com o extrato nas doses de 0,1, 0,25 e 0,5 g/Kg/dia, por 60 dias, causou uma redução significativa nos níveis médios da pressão arterial sistólica, bem como reduziu a reatividade da musculatura vascular das artérias mesentéricas dos animais tratados.

Na avaliação do potencial cicatrizante, um estudo utilizando modelo de úlcera gástrica induzida por etanol em ratos, demonstrou que o extrato etanólico de folhas *A. chica* administrado nas doses de 100, 300 e 1000 mg/Kg reduziu o índice de lesões ulcerativas.

Neste mesmo estudo, observaram também os efeitos cicatrizantes do extrato etanólico de *A. chica* (EB) e extrato etanólico micro encapsulado (EBM), os quais diminuíram significantemente a área ulcerada (85% e 86% de contração) quando comparados com o grupo salina (57% de contração), e os extratos também estimularam o crescimento de fibroblastos e a produção de colágeno, bem como a neovascularização (JORGE, 2013).

Em modelo animal de lesão do tendão calcâneo o extrato etanólico de folhas *A. chica* também favoreceu a cicatrização, através da melhora na organização das fibras de colágeno e aumento na quantidade de dermatan sulfato (ARO et al., 2013).

Quantos aos efeitos angiogênicos, o extrato etanólico de folhas da *A. chica* e sua fração aquosa foram avaliados em modelo de implante de esponja murínico. E verificou–se que os tratamentos com o extrato etanólico (30 a 300 mg/Kg/dia) e fração aquosa (300 mg/Kg/dia), administrados por 10 dias, por via oral, reduziram a neoformação vascular no implante de esponja sem alterar os valores do fator de crescimento endotelial vascular (VEGF) (RIBEIRO, 2012).

Michel e colaboradores (2015) também observaram uma diminuição na angiogênese, determinada pela diminuição na concentração de hemoglobina, em camundongos *Swiss* tratados com extratos de folhas *A. chica*, quando comparados com o controle. Contrariamente, o estudo realizado por Jorge (2013) em membrana corioalantóide (CAM) de ovos e tegumento do dorso de camundongos, demonstrou que os grupos tratados com extrato etanólico de folhas *A. chica* tiveram aumento na vascularização, bem como aumento no calibre dos vasos sanguíneos, que indicaram ação pró–angiogênica.

Considerando ainda, as atividades biológicas da *A. chica*, Ribeiro (2012) avaliou a atividade citotóxica dos extratos etanólico, metanólico e aquosos de folhas *A. chica* e de frações destes extratos em linhagens de células tumorais e, observou *in vitro* que o extrato etanólico apresentou atividade citotóxica contras células leucêmicas humanas (Jurkat e HL60). Em avaliações *in vivo*, conduzidas em camundongos com tumor sólido de *Ehrlich*, os extratos etanólicos e fração aquosa, causaram redução significativa no volume do tumor sólido de *Ehrlich*, e no percentual de linfócitos $TCD4^+$, a fração também levou à redução das células NK e de linfócitos $TCD3^+$, associada à diminuição de linfócitos $TCD8^+$, mostrando que o extrato etanólico e a fração aquosa da *A. chica* apresentam ação imunomoduladora, além de efeito antitumoral.

Silva (2013) avaliou o efeito do extrato clorofórmico de partes aéreas de *A. chica*, incorporado ou não em nano emulsão polimérica PVM/MA (polímero bioadesivo) contra células de adenocarcinoma mamário murino (4T1) *in vitro*, e observou uma intensa redução

na viabilidade celular em comparação ao controle, mostrando o potencial que essa planta tem em ser um FS (fármaco fotossensibilizante), para uso em terapia fotodinâmica (TFD), que constitui uma importante abordagem alternativa no tratamento de câncer, por ser altamente tóxico para as células de interesse.

Michel e colaboradores (2015) também avaliaram o efeito das folhas *A. chica* sobre células tumorais. Testaram extratos etanólicos, aquosos e frações em três concentrações (25, 50 e 100 μg mL^{-1}), e observaram que extrato etanólico apresentou atividade antiproliferativa contra células HL60 e Jurkat e atividade pró–apoptótica em células HL60 e que a fração também demonstrou atividade antiproliferativa significativa e atividade pró–apoptótica contra células HL60.

Vários estudos avaliaram também a toxicidade da *A. chica* (SAMPAIO et al., 1998; CUNHA et al., 2000; MENDES et al., 2001; CARTÁGENES, 2009; AMARAL, 2012; SÁ et al, 2016). O extrato em administrações via oral, na dose de até 3.5 g/kg não provocou sinais de toxicidade em ratos, e mesmo em dose de 5g/kg provocou apenas diarreia nos primeiros dias de administração (CARTAGENES, 2009).

Amaral e colaboradores (2012) analisaram as propriedades diuréticas do extrato do etanólico de folhas de *A. chica*, bem como de suas frações: acetato de etila, diclorometano, hexano e n–butanol, além do composto luteolina isolado. Os testes realizados *in vivo,* demonstraram que a fração hexânica e a luteolina em concentrações de 100 mg Kg^{-1} aumentaram em 79% e 94% o volume urinário, respectivamente.

Na ação antiprotozoária, Rodrigues e colaboradores (2014) destacaram o efeito do extrato hexânico de folhas de *A. chica* e suas frações contra duas espécies de leishmania*: L. amazonensis* e *L. infantum*. A atividade leismanicida de *A. chica*, foi também comprovada para o extrato etanólico das folhas, sendo capaz de reduz 50% na viabilidade de promastigotas *L. amazonensis* com uma concentração de 125 μg mL^{-1}, as frações clorofórmio, metanol e acetato de etila de *A. chica* também foram eficientes contra as formas promastigotas de *L. amazonensis* (SÁ et al., 2016).

O extrato etanólico e frações de folhas de *A. chica* foram também foram avaliados quanto ao potencial tripanocida, e demonstraram atividade significativa contra formas tripomastigotas de *T. cruzi* (cepa Y), induzindo entre 20 e 71% de lise celular. Sendo o melhor resultado obtido com a fração eluída com diclorometano (CH_2Cl_2) e metanol (MeOH) (50: 50), que produziu 71% de lise das células de parasitas (BARBOSA et al., 2008).

Vários estudos têm comprovado a ação antifúngica e antibacteriana de *A. chica.* Berla (2008) avaliou a atividade inibitória *in vitro* do extrato aquoso e hidroetanólico de

folhas, autoclavados e filtrados, sobre vinte e quatro cepas de *Candida albicans* e mostrou que o extrato hidroetanólico autoclavado e o filtrado, apresentaram atividade fungistática sobre todas as cepas de *C. albicans* na concentração de 20% (200 mg mL^{-1}). Barbosa e colaboradores (2008) demonstraram a atividade antifúngica do extrato de folhas de *A. chica* sobre o fungo patogênico *T. mentagrophytes* em uma concentração de inibição mínima de 3,125 mg mL^{-1}. Ferreira (2013) observaram também que o extrato etanólico de folhas foi eficácia sobre várias cepas bacterianas, com concentrações inibitórias mínimas de 15,625 mg mL^{-1} para *Salmonella typhimurium* e *Shigella sonnei*, 62,5 mg mL^{-1} para *Escherichia coli* e 31,25 mg mL^{-1} para *Lactobacillus acidophilus*.

O efeito do extrato hidroetanólico de folhas de *A. chica* também foi avaliado em modelo *in vivo* de intoxicação hepática de ratos *Wista*r, induzida por tetracloreto de carbono (CCI4). Foi observado que a administração de 300, 500 ou 600 mg/kg do extrato resultou na redução dos níveis transaminase glutâmica pirúvica, e na supressão dos níveis de transaminase oxalacética glutâmico e de bilirrubina no plasma, quando comparado com o controle. Segundo os autores estes resultados demonstram o caráter protetor do extrato e a sua capacidade para manter a integridade funcional das células hepáticas (MEDEIROS et al., 2011).

A atividade anti-inflamatória de *A. chica* também tem sido bastante estudada e vem sendo comprovada em diversas abordagens. Zorn e colaboradores (2001), demonstraram que extrato lipofílico (200 μg mL^{-1}) de folhas de *A. chica* e a carajurina possuem efeitos anti–infamatório *in vitro*, inibindo a ativação do fator nuclear–κB (NF–κB), que regula a transcrição de genes de várias citocinas inflamatórias, quimiocinas, moléculas de adesão e enzimas inflamatórias como iNOS, fosfolipase A2 citosólica e COX–2, sendo que a cajurina (500 μM) inibiu completamente o fator nuclear–κB.

Investigações sobre o efeito anti-inflamatório do extrato aquoso de folhas de *A. chica* foram realizadas também, em edemas induzidos por venenos de serpentes dos gêneros *Brothrops* e *Crotalus*, em camundongos, e mostram que o extrato reduziu o edema provocado pelo veneno de ambas as serpentes. A análise histopatológica, também evidenciou o efeito anti-inflamatório, com a inibição do infiltrado de granulócitos e a miocitólise (OLIVEIRA et al., 2008).

Michel e colaboradores (2015) também avaliaram o efeito anti-inflamatório de extrato aquoso e etanólico de folhas de *A. chica* (na concentração de 300 mg/Kg/dia), administrados por via oral, durante 8 dias, em camundongos previamente submetidos a processo inflamatório por implante de discos de esponja. Nesta situação verificaram que ambos os

extratos, etanólico e aquoso foram capazes de diminuir acentuadamente a acumulação de neutrófilos, no entanto sem alterar o nível de citocinas (IL–2, IL–4, IL–5, IFN–γ, TNF–α e VEGF) dos animais tratados.

Lima e colaboradores (2018) observaram também que em peritonite induzida por lipopolissacarídeos em camundongos, o pré–tratamento oral com extrato hidroetanólico das folhas ou com o composto isolado 4 ', 6,7–tri–hidroxi–5–metoxiflavona (5–O–metil–scutellarein) levaram à diminuição da migração de leucócitos para a cavidade peritoneal, além da redução das concentrações de citocinas pró–inflamatórias (TNFα e IL–1β). MOREIRA LIMA (2017) também observou que a administração por via oral das frações hexânica, butanólica, acetato de etila e clorofórmica (1 mg/ kg) de folhas de *A. chica* reduziram a concentração da citocina pró–inflamatória IL1 após indução da dor neuropática por compressão do nervo ciático.

A atividade anti-inflamatória desta planta, pode ainda ser explorada para o tratamento de várias outras patológicas, em que o processo inflamatório tem um papel crítico, como é o caso da OA. (ATTUR et al., 2002; ROBINSON et al., 2016; WOODELL-MAY & SOMMERFELD, 2020).

2.4 Osteoartrite

A osteoartrite (OA) é a forma de artrite mais comum na população mundial, e gera grandes impacto socioeconômico, uma vez que pode levar a incapacidade funcional dos indivíduos, afetando a qualidade de vida, além de produzir altos custos para os serviços de saúde, relacionados principalmente ao controle do quadro álgico e a realização de artroplastias (SHARMA; KAPOOR; ISSA, 2006; ROSIS; KAIRALLA, 2010; KAWANO et al., 2015).

Constitui–se também como uma importante questão de saúde pública relacionada ao envelhecimento e tende a se tornar cada vez mais importante com o maior envelhecimento da população mundial. No Brasil projeta–se que a população idosa (acima de 60 anos) deve dobrar até o ano de 2042, na comparação com os números de 2017, cuja população idosa era de 28 milhões de idosos. Em 2042, poderá chegar a 57 milhões de idosos (24,5%) (IBGE, 2018).

No Brasil, os estudos epidemiológicos são escassos e não mostram a amplitude do impacto da OA na sociedade, além disso, as estimativas de ocorrência de OA variam com a definição usada para categorizar a doença e também características da população do estudo incluindo a idade (PEREIRA et al., 2011). Contudo, o Ministério da Saúde aponta que as doenças reumáticas já afetam aproximadamente 12 milhões de brasileiros (Brasil, 2011). E a

Organização Mundial de Saúde estima que no mundo haja 9,6% dos homens e 18% das mulheres acima de 60 anos com OA (WHO, 2018).

De forma geral, as articulações mais comumente afetadas são quadril, joelho e mão (HEBERT; XAVIER, 2003). Estima–se que a OA sintomática do joelho afeta aproximadamente 12% da população idosa (≥ 60 anos), a OA sintomática de mão (6,8% ≥ 26 anos) e quadril (9,2%, ≥45 anos) (KAWANO et al., 2015; MAKSIMOVIĆ; SAMARDŽIĆ, 2018). A OA pode acometer mais de uma articulação, mas sua manifestação não é sistêmica. A dor, a rigidez articular e a limitação ao movimento são os sintomas mais significativos da doença (WHO, 2018; LITWIC et al., 2013).

A OA é uma doença multifatorial, que envolve uma interação complexa entre fatores mecânicos, celulares e bioquímicos. Incluindo idade, sexo, genética, fatores metabólicos e bioquímicos, etnia, estrutura/alinhamento da articulação, trauma, atividade física e também ocupação (Figura 3) (HASEEB; HAQQI, 2013; JOHNSON; HUNTER, 2014; O'NEILL; MCCABE; MCBETH, 2018). Dentre os fatores de risco, a obesidade e a idade são os mais fortemente associados ao desenvolvimento e a progressão da OA (MAKSIMOVIĆ; SAMARDŽIĆ, 2018)

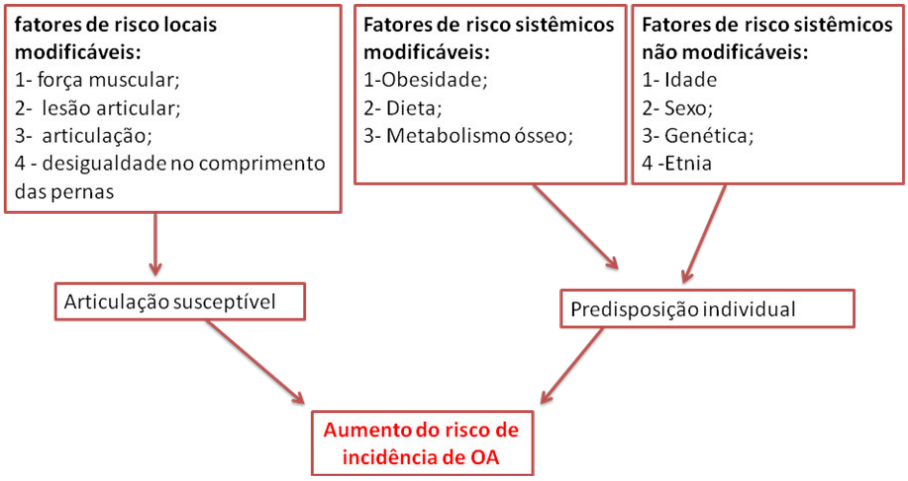


Figura 3 – Associação de fatores de risco para incidência de OA. **Fonte**: adaptado de JOHNSON & HUNTER (2014).

Embora vários fatores de risco estejam associados à OA, a etiologia exata da doença permanece em grande parte desconhecida. Contudo, a compreensão da etiologia da doença parece ser determinante para caracterizar a sequência das alterações patológicas na OA. Em indivíduo obeso, por exemplo, a alteração inicial pode ser a formação óssea aumentada, seguida pela destruição articular e sinovite. No caso de lesões traumáticas, tem–se a inflamação articular aguda seguida por sinovite e destruição da cartilagem e por último,

alterações ósseas (FELSON, 2006; KRASNOKUTSKY; SAMUELS; ABRAMSON, 2007; LOESER, 2009; ROBINSON et al., 2016).

A osteoartrite é uma doença articular caracterizada pela destruição progressiva da cartilagem articular, inflamação sinovial, alterações no osso subcondral e músculo peri–articular e dor, ou seja, é um distúrbio da articulação como um todo (Figura 4), cujas vias de degradação articular parecem ser significativamente influenciadas por mediadores inflamatórios liberados do osso subcondral (STEWART; KAWCAK, 2018). Sendo a inflamação responsável por muitas alterações patológicas e de progressão geralmente lenta, que, no entanto, podem levar à incapacidade articular devido à fraca capacidade de reparação da cartilagem (MORTELLARO, 2003; FELLET; FELLET; FELLET, 2007; XIMENES; MELO; CUSTODIO, 2009; YUAN et al., 2014; ROBINSON et al., 2016)

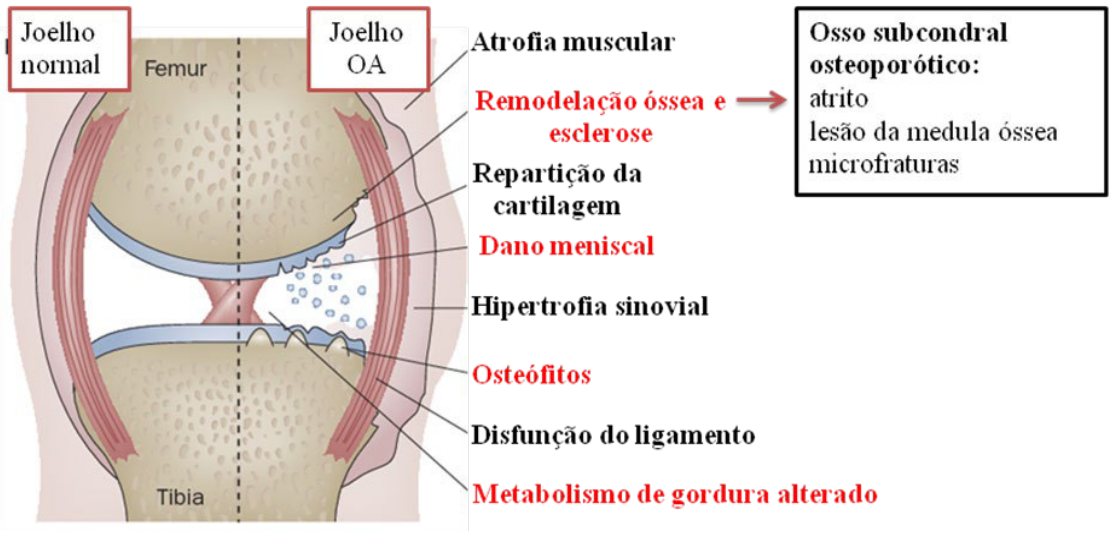


Figura 4 – Representação esquemática da articulação do joelho – comparando articulação normal (lado esquerdo da figura) e com osteoartrite (lado direito da figura). **Fonte**: adaptado de Hunter (2011)

Vários processos celulares e moleculares estão envolvidos nessas alterações patológicas. Quando o mecanismo fisiológico normal que mantém o equilíbrio da matriz extracelular falha, os componentes da matriz extracelular são perdidos, os condrócitos expandidos se aglomeram nas regiões depletadas, um estado oxidativo é induzido no ambiente celular estressado e, por fim, ocorre a apoptose de condrócitos (LEE et al., 2013; NELSON et al., 2014).

A falha no equilíbrio da matriz é devida ao aumento da expressão de enzimas degradadoras de matriz, inibição da síntese de matriz e produção excessiva de mediadores pró–inflamatórios, incluindo citocinas, quimiocinas e produtos de degradação de matriz (IM et al., 2010; MALDONADO; NAM, 2013; REZENDE; CAMPOS; PAILO, 2013). As

alterações ósseas subcondrais levam à formação de osteófitos e esclerose; afrouxamento e fraqueza dos músculos peri–articulares acompanham a destruição da cartilagem articular (VAN DER KRAAN; VAN DEN BERG, 2007; GLYN-JONES et al., 2015).

Avanços na compreensão da fisiopatologia da OA têm indicado ainda, que a inflamação tem um papel crítico na sua patogênese. A inflamação na OA é distinta da artrite reumatoide e de outras doenças autoimunes, é crônica, comparativamente baixa, e mediada principalmente pelo sistema imune inato (ROBINSON et al., 2016). Proteínas plasmáticas inflamatórias estão presentes em níveis anormalmente elevados no sangue e no líquido sinovial de pacientes com OA. Bem como, componentes do sistema complemento e citocinas. Os condrócitos e as células sinoviais na OA produzem muitos dos mediadores inflamatórios, como: IL–1β, TNF e óxido nítrico (NO) (PELLETIER; MARTEL-PELLETIER; ABRAMSON, 2001; GOBEZIE et al., 2007; SOHN et al., 2012).

Após uma lesão tecidual o TNF–α, é a primeira citocina liberada e desencadeia a liberação de outras citocinas, como IL–6 e IL–1β, as quais são responsáveis pela estimulação da síntese de prostaglandinas e liberação de aminas simpáticas. Estas citocinas teriam efeito catabólico, levando a destruição da cartilagem articular pela indução da liberação de enzimas líticas zinco–dependentes, ou seja, metaloproteases (colagenase, gelatinase, estromelisina), além da diminuição de produção de agentes inibitórios teciduais das metaloproteases e dos inibidores do plasminogênio (CUNHA et al., 2005; CHOI et al., 2019).

Os níveis de IL– 1β e TNF–α são aumentados pela secreção por condrócitos e sinoviócitos semelhantes a macrófagos (MLS). Estas citocinas afetam também os condrócitos e sinoviócitos semelhantes a fibroblastos (FLS), aumentando a produção de citocinas e enzimas proteolíticas, e inibem a síntese de componentes da matriz extracelular, sendo que a IL–1 inibiria a síntese de agrecanos e suprimiria a síntese dos colágenos II e IX, que são constituintes próprios da cartilagem, e aumentaria a produção dos colágenos I e III, resultando numa reparação tecidual deficiente (Figura 5) (ROBINSON et al., 2016; SIEBUHR et al., 2016).

Além disso, o MLS produz IL–18, que estimula o próprio MLS e o FLS a produzir quimioatraentes e moléculas de adesão de neutrófilos. O aumento do nível de IL–6 aumenta o nível de proteína C–reativa (PCR) na circulação. A vascularização da membrana sinovial aumenta com a inflamação, aumentando o nível de células inflamatórias infiltrantes. Os osteoclastos produzem IL–1β, IL–6, TNF–α e fator de crescimento transformador (TGF)–β, aumentando o nível dessas citocinas na articulação afetada pela OA e, em resposta, secretam níveis elevados de metaloproteinases de matriz (MMPs) e catepsinas. O aumento do nível das

citocinas também é uma resposta a um nível elevado do ligante do receptor ativador do fator nuclear kappa B (NF–κB) ligante (RANKL) produzido pelos osteoblastos, como está representado na Figura 5 (SIEBUHR et al., 2016).

Na cartilagem de indivíduos com OA, a atividade de fatores de transcrição redox–sensíveis, como o NF–κB, pode ser regulada positiva e negativamente pelas espécies reativas de oxigênio (ROS). A oxidação da cisteína reduz o potencial de ligação NF–κB ao DNA, enquanto a degradação do inibidor de NF–κB – IκB pode ser desencadeada por um aumento das ROS, levando à ativação do NF–κB. Níveis elevados de ROS resultam na regulação positiva da sinalização de NF–κB, contribuindo para alterações fenotípicas pró–inflamatórias no tecido da OA, incluindo a indução da produção de iNOS, IL–8 e COX–2, como se pode observar na Figura 6 (GLINEUR; DAVIOUD-CHARVET; VANDENBUNDER, 2000; JANSSEN-HEININGER; POYNTER; BAEUERLE, 2000).

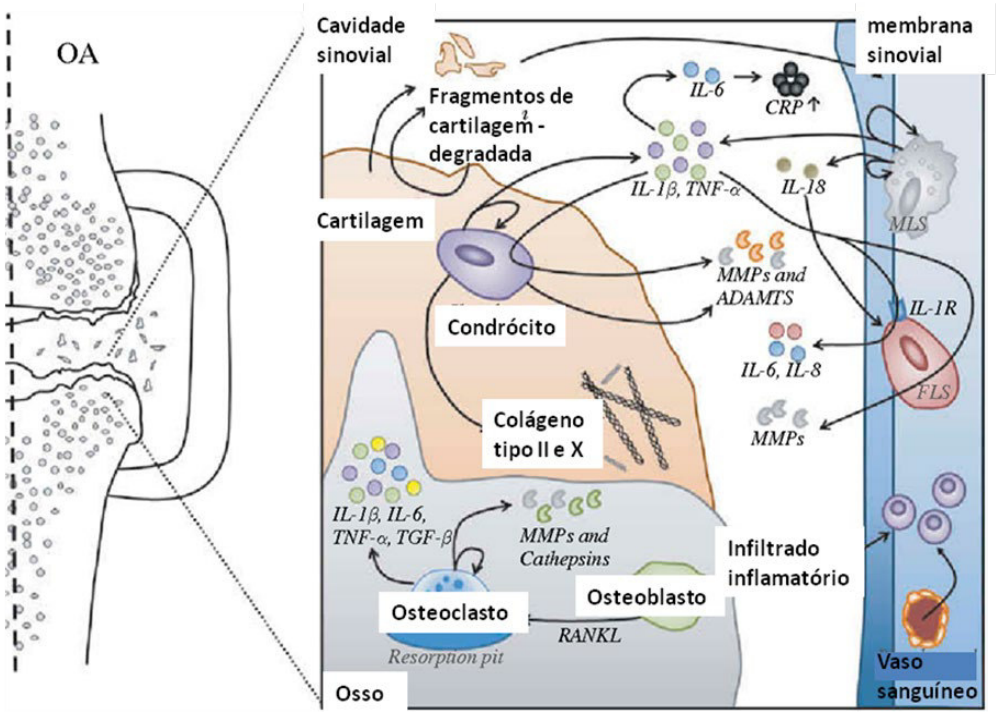


Figura 5 – Vias de sinalização e mudanças estruturais no desenvolvimento da osteoartrite. Fonte: adaptado de Siebuhr et al. (2016).

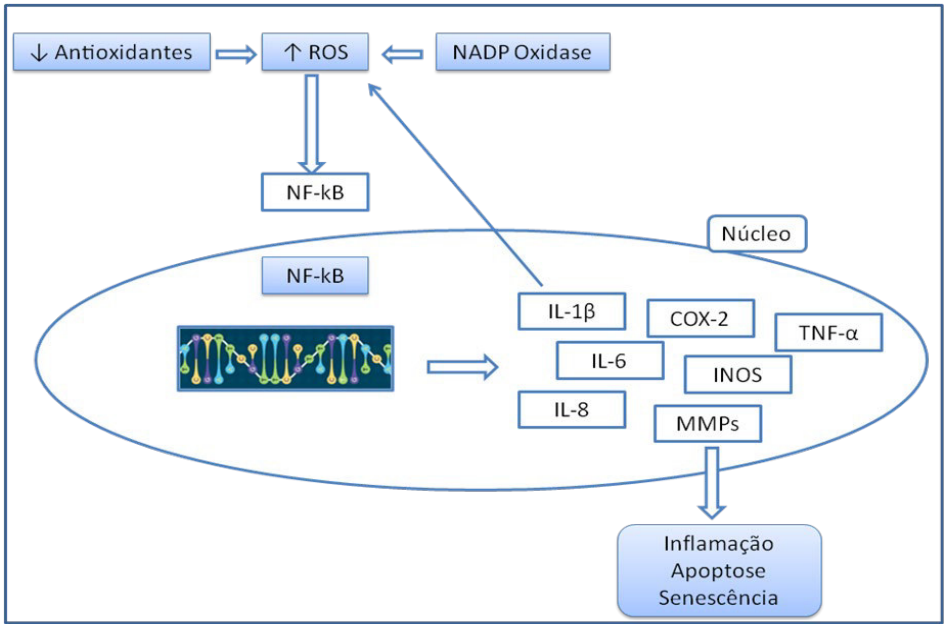


Figura 6 – Interação entre o ROS e o NF–κB – nas vias de sinalização da cartilagem da osteoartrite (OA). **Fonte**: adaptado LEPETSOS et al. (2019).

A expressões de iNOS e COX-2, e consequentemente a produção de NO e PGE2 pode ser induzida pela citocina IL-1β, e níveis elevados de NO e PGE2 tem significativa importância em indivíduos com OA (KOCH, et.al., 1988). Pois, a PGE2 é um importante mediador do processo inflamatório e está intimamente relacionada à produção de NO (AHMAD, et al., 2002; CHANG, et al., 2007). Estudos mostram que cartilagens afetadas pela OA, bem como tecido sinovial retirado de pacientes afetados pela artrite reumatoide tiveram indução de ciclooxigenase-2 (MARTEL-PELLETIER; PELLETIER; FAHMI, 2003; KOJIMA; KATO; KAWA, 2005; BENITO, et al., 2005). A COX-2 é considerada um importante mediador da destruição tecidual em doenças inflamatórias ósseas (KOJIMA; KATO; KAWAI, 2005; VUOLTEENAHO; MOILANEN; MOILANEN, 2008).

A ciclo-oxigenase (COX) é uma proteína com função enzimática que catalisa a biossíntese das prostaglandinas, através da conversão do ácido araquidônico. A COX, também conhecida como prostaglandina H sintetase (PGHS) tem uma ação bivalente, pois catalisam duas reações separadas, incluindo uma reação de COX, que permite a formação da prostaglandina G_2 (PGG_2) a partir do ácido araquidônico (AA) e uma reação de peroxidase, em que este componente da mesma enzima, permite a PGG_2 formada sofre uma redução em dois elétrons para formar a Prostaglandina H_2 (PGH2). Após a formação da PGH_2 podem ser produzidas 4 prostaglandinas: Prostaglandina D_2 (PGD_2), Prostaglandina E_2 (PGE_2), Prostaglandina F_2 (PGF_2) e a Prostaglandina I_2 (PGI_2 ou prostaciclina); e tromboxanos (TX). Várias enzimas atuam na síntese destes mediadores, que variam de acordo com o tecido,

determinando certa especificidade na sua regulação (Figura 7) (GARAVITO & DEWITT, 1999; CARVALHO; CARVALHO; RIOS-SANTOS, 2004; CHANDRASEKHARAN & SIMMONS, 2004).

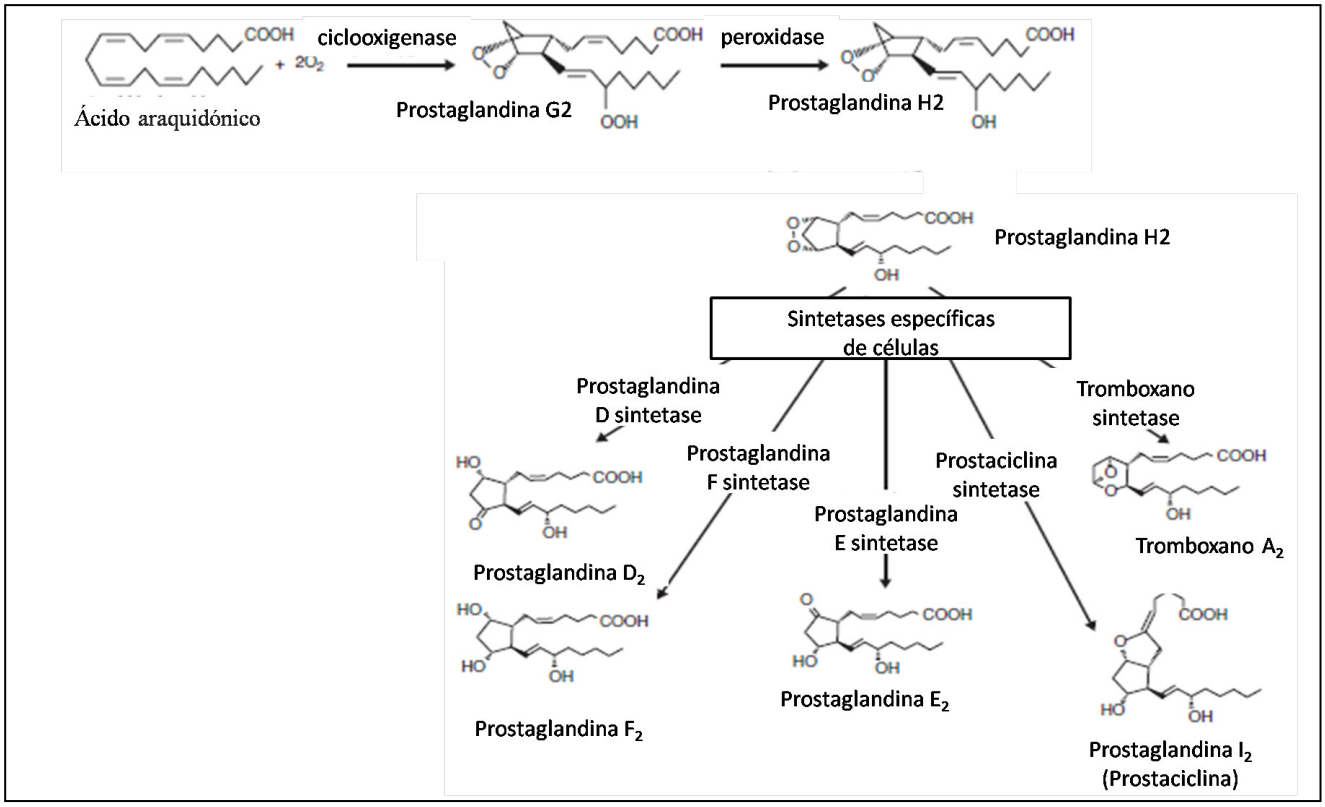


Figura 7 - Biossíntese das Prostaglandinas por COXs. Fonte: Adaptado de CHANDRASEKHARAN & SIMMONS (2004)

Existem três isoformas conhecidas da COX, definidas como COX-1, COX-2 e COX-3 (DUBOIS et al., 1998; WILLOUGHBY; MOORE; COLVILLE-NASH, 2000). A primeira a ser caracterizada foi a COX-1, que é constitutivamente expressa na maioria dos tecidos, sendo responsável pela produção de prostaglandinas, que são vitais para processos fisiológicos normais. A Cox-2 é uma forma principalmente induzível da enzima, sendo expressa caracteristicamente por células envolvidas no processo inflamatório, assim tem sido implicada em estados patológicos. A COX-3 é considerada como uma variante da COX-1, que se encontra distribuída principalmente no córtex cerebral, medula espinhal e coração (CROFFORD, 1997; VANE; BAKHLE; BOTTING, 1998; CHANDRASEKHARAN et al., 2002; LÚCIO et al., 2008). Apesar da COX-1 e 2 assumirem prioritariamente as condições descritas anteriormente, não se pode simplificar a atuação destas isoformas de COX, pois a COX-1 pode também contribuir para os processos inflamatórios, enquanto a COX-2 também se expressa constitutivamente em vários tecidos e órgãos, como cérebro, rins e trato reprodutivo (PATRIGNANI et al., 2005; ZARGHI & ARFAEI, 2011). Assim, apesar da

inibição seletiva da COX-2 ser frequentemente explorada como perspectiva terapêutica para o desenvolvimento de drogas mais seletivas e com menos efeitos adversos (VANE, 1994; FITZGERALD & PATRONO, 2001; MASTBERGEN, S. C.; LAFEBER, F. P. J. G.; BIJLSMA, 2002) existem importantes ressalvas, dependendo das condições clínicas do indivíduo que fará uso do tratamento (BERTOLINI; OTTANI; SANDRINI, 2001; PARENTE, 2001; GAETANO G, DONATI MB, CERLETTI, 2003).

2.5 Dor e nocicepção

No que diz respeito as manifestações clínica da OA a dor é a principal queixa e razão pela qual os indivíduos afetados buscam os serviços de saúde. A definição de dor promulgada pela Associação Internacional para o Estudo Dor (*International Association for the Study of Pain* - IASP), desde 1979, descreve a dor como: "Uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a um potencial real ou potencial danos nos tecidos, ou descritos em termos de tais danos". Contudo, avanços substanciais na compreensão da dor, na avaliação e tratamento, a luz de perspectivas multidisciplinares e surgimento de modelos de doença, levaram Williams & Craig, (2016) a propor uma nova definição de dor, afirmando que a dor é "uma experiência angustiante, associada a um potencial dano tecidual com sensorial, emocional, cognitivo, e componentes sociais". A dor é, portanto, uma experiência subjetiva, que envolve muitos aspectos, que vão além do dano real, mas levam em consideração todo o estado do indivíduo, desde o físico até o emocional e social.

Vale lembrar ainda, que a dor é um importante mecanismo de sinalização para o organismo quanto à ocorrência de estímulos nocivos, com função de restaurar o equilíbrio do corpo, através da ativação de reações e/ou comportamentos de prevenção na tentativa de inibir as causas da dor, e corrigir ou limitar os danos. Contudo, a ação prolongada desde estímulo doloroso pode ser prejudicial ao organismo, e merece atenção (LENT, 2010; CLAUW; HASSETT, 2017).

Quanto à classificação da dor, esta pode ser feita de muitas maneiras, que podem ainda se sobrepor, sendo que os tipos mais comuns incluem: dor nociceptiva (frequentemente inflamatória) resultante de uma resposta normal a estímulos nocivos ou lesão de tecidos como pele, músculos, órgãos viscerais, articulações, tendões ou ossos; dor neuropática, iniciada ou causada por uma lesão primária ou doença no sistema nervoso somatossensorial; e dor idiopática, que não tem causa identificada (THAKUR; DICKENSON; BARON, 2014). A dor pode ser classificada ainda quanto à duração, em aguda ou crônica. A dor aguda ou rápida é caracterizada por ser pontual, e desaparece após a remoção do agente causador. A dor crônica

ou lenta, típica da OA, é persistente e está associada a alterações fisiológicas e mudanças no padrão de transmissão neuronal (MERSKEY & BOGDUK, 1994; RODITI; ROBINSON, 2011). A dor na OA é mais frequentemente caracterizada como uma dor nociceptiva inflamatória, resultante da ativação e sensibilização da via nociceptiva. Contudo, cada vez mais estudos apoiam a hipótese de que a osteoartrite seja um estado de dor mista e que, em alguns indivíduos, os fatores do SNC desempenham um papel muito importante (ZHANG; JORDAN, 2008; THAKUR; DICKENSON; BARON, 2014; CLAUW; HASSETT, 2017).

A nocicepção consiste então na percepção dos estímulos pelos receptores da dor (nociceptores). Os nociceptores são terminações nervosas livres, que podem ser classificados em três grandes grupos principais, de acordo com sua velocidade de condução e principais estímulos de ativação. O primeiro grupo é formado pelas as fibras Aβ mielinizadas de condução rápida, que têm um limiar de resposta baixo, conduzem principalmente estímulos táteis inócuos, como estímulos mecânicos e térmicos de baixa intensidade e estão envolvidas em respostas reflexas. Os outros dois subtipos, as fibras Aδ e C (nociceptores) são capazes de traduzir um estímulo agressivo de natureza térmica, química ou mecânica, em estímulo elétrico que será transmitido até o sistema nervoso central e interpretado no córtex cerebral como dor. As fibras Aδ são mielinizadas e, em função disso transmitem o estímulo doloroso de forma rápida, e são responsáveis pela primeira fase da dor, rápida e forte, do tipo picada ou ferroada. As fibras C não são mielinizadas, e por isso tem uma velocidade de condução lenta, e são responsáveis pela segunda fase da dor ou dor difusa, com sensação de queimação persistente (GRUBB, 2004; MCCABE, 2004; FELSON, 2005; KLAUMANN, WOUK, SILLAS, 2008).

Diferentes mediadores, como citocinas pró–inflamatórias (IL–1–alfa, IL–1–beta, IL–6 e TNF–alfa), quimiocinas, bradicininas, prostaglandinas, espécies reativas de oxigênio, aminas vasoativas, lipídios, ATP e outros fatores liberados por leucócitos infiltrantes, células endoteliais vasculares ou mastócitos residentes em tecidos, têm sido implicados como componentes responsáveis pela sensibilização de nociceptores (Figura 8) (VERRI et al., 2006; BINGHAM et al., 2009).

Após a sensibilização, ocorre a tradução dos estímulos nocivos em atividade eletroquímica – pela despolarização dos terminais periféricos de neurônios sensoriais primários de alto limiar, com os potenciais de ação (APs) resultantes conduzidos ao sistema nervoso central (SNC) pelos axônios sensitivos aferentes primários. Os neurônios de projeção secundária no corno dorsal transmitem informações para o tronco cerebral e o tálamo, que

transmitem o sinal para o córtex, hipotálamo e sistema límbico. A partir destes iniciam–se as vias descendentes, que possuem um papel importante na modulação da dor. Elas são projetadas a uma região mesocefálica denominada de sustância cinzenta, e destas para diferentes núcleos bulbares, e destes ao corno dorsal da medula. Estimulações farmacológicas ou elétricas desses núcleos podem inibir a transmissão sináptica, provocando o bloqueio da dor (Figura 8) (FIELDS & MARTIN, 1998; GOTTSCHALK; SMITH, 2001; WOOLF; MA, 2007; GUYTON & HALL, 2017).

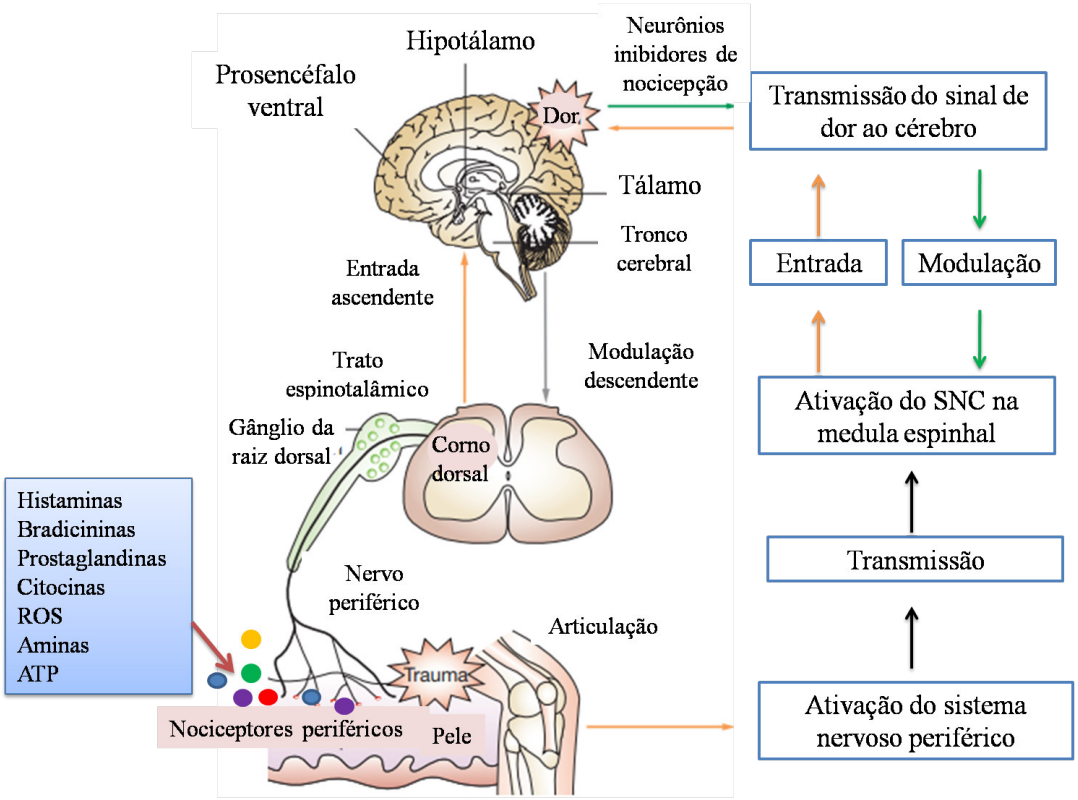


Figura 8 – Representação esquemática das vias da dor nociceptiva. Fonte: adaptado BINGHAM et al. (2009).

2.6 Modelo experimental de OA induzida por Monoiodoacetato (MIA)

Apesar da grande evolução tecnológica que o mundo tem visto ao longo das últimas décadas, ainda não existem alternativas válidas em relação ao uso de animais experimentais para todas as pesquisas que precisam ser realizados. Assim o uso de animais tem sido uma parte integrante e imprescindível do desenvolvimento da medicina, pois ajuda na compreensão dos fenômenos fisiopatológicos, bem como na avaliação da eficácia de potenciais medicamentos. Desse modo, tem evitado a mortalidade de um grande número de seres humanos, bem como de outros organismos, e prevenido ou tratado a dor decorrente de

diversas patologias (CASTRO–COSTA, SANTOS, CASTRO–COSTA, 2009; ANDERSEN; WINTER, 2019).

Apesar dos animais não serem capazes de verbalizar a ocorrência de dor, quando são submetidos a um estímulo doloroso, eles exibem respostas comportamentais, motoras e fisiológicas semelhantes às humanas e a partir da observação desses fatores pode–se inferir que um animal está experimentando uma resposta álgica (LAPA et al., 2007).

Os modelos animais de OA pertencem a três categorias gerais *in vivo*: modelos OA de ocorrência natural, incluindo animais geneticamente modificados; modelos de iniciação ou aceleração da degeneração articular desenvolvidos após cirurgia ou outro trauma; e modelos químicos desenvolvidos através da injeção intra–articular de substâncias condrotóxicas ou pró–inflamatórias (TEEPLE et al., 2013; KUYINU et al., 2016).

De todos os modelos químicos de OA, o monoiodoacetato de sódio (MIA) é o mais usado, particularmente para testar a eficácia de agentes farmacológicos no tratamento da dor, por ser mais preditivo da eficácia de drogas. Visto que, este modelo gera dados reprodutíveis, robustos e rápidos, que assemelhar–se à OA em humanos, em termos tanto de características histológicos como relacionados com a dor (BOVE et al., 2003; POMONIS et al., 2005; SCHUELERT; MCDOUGALL, 2009; IM et al., 2010; KELLY et al., 2012; LAMPROPOULOU-ADAMIDOU et al., 2014; TAKAHASHI et al., 2018).

O MIA é um inibidor da gliceraldeído–3–fosfato desidrogenase, que interrompe a glicólise, provocando a morte de condrócitos, perda de proteoglicanos, fibrilação, assim degradando a cartilagem articular e formando cistos e grandes osteófitos (BENDELE, 2001; MARKER; POMONIS, 2012).

Cronologicamente, as lesões histológicas na osteoartrite, induzida por MIA, tem inicialmente encolhimento, degeneração e morte de condrócitos, com edema sinovial e moderado infiltrado de células mononucleares, resultando em uma rápida inflamação e dor que se desenvolve até 7 dias. Após este período os osteoblastos são agrupados e ocorre aumento da ativação dos osteoclastos, indicando aumento da remodelação óssea. Seguida da fragmentação e erosão da cartilagem, intimamente ligada com colapso e fragmentação das trabéculas ósseas subjacentes, e a partir do 10º dia após indução instala–se uma dor musculoesquelética crônica (BOVE et al., 2003; FERNIHOUGH et al., 2004).

2.7 Tratamentos para OA

Apesar da alta e crescente prevalência da OA as opções terapêuticas ainda são muito limitadas. Os tratamentos devem ser multidisciplinares, pois as prescrições medicamentosas

isoladas não são suficientes para o controle ideal da OA, que promova melhora funcional, mecânica e clínica (COIMBRA et al., 2002).

Assim o tratamento deve adotar diversas abordagens desde educar os pacientes sobre os processos da doença, com tratamentos personalizados que inclui mudanças no estilo de vida e exercícios físicos; tratamentos farmacológicos orais; injeções intra-articulares, até intervenções cirúrgicas (JORDAN et al., 2003), podendo assim, ser divididos em tratamento farmacológicos e não–farmacológicos (COIMBRA et al., 2002).

Quando se trata do manejo não–farmacológico, ele visa melhorar a dor do paciente através de intervenções não medicamentosas, de modo que diminua os efeitos adversos oriundos dos fármacos utilizados. Deste modo, as intervenções compreendem principalmente orientações ao paciente e acesso à informação sobre a OA; intervenções e medidas dietéticas para perda de peso e referenciação a ajuda especializada de doentes com sobrepeso ou obesos; exercício físico, acupuntura e reabilitação funcional (fisioterapia) e procedimentos cirúrgicos. Esse conjunto de estratégias constitui-se como uma importante linha no tratamento, sendo tão fundamental quanto a analgesia, para recuperação e/ou manutenção do estado funcional e a readaptação funcional (FERREIRA et al., 2012; MCALINDON et al., 2014; NICE, 2019).

No que diz respeito às intervenções farmacológicas da OA estas podem ser de uso sistêmico, tópico ou intra–articular, e quanto a ação podem ser divididas em analgésicas e/ou anti–inflamatórias e drogas modificadoras dos sintomas e/ou da evolução da doença e, na maioria dos casos devem estar associadas com o tratamento não farmacológico (JOSÉ, 2013).

Com base na eficácia e custos, o paracetamol tem sido o analgésico geral de escolha para dor leve a moderada na OA, até uma dose máxima diária de 4 g, para o alívio da dor (GODWIN; DAWES, 2004; BELLAMY et al., 2006). Contudo, crescentes preocupações com a segurança do paracetamol estão surgindo, especialmente pelo risco de hepatotoxicidade com doses supraterapêuticas do paracetamol (CRAIG et al., 2012). Além disso, o uso continuado de paracetamol (> 22 dias/ mês) está associada a um aumento do risco de eventos cardiovasculares, semelhante ao uso crônico de anti–inflamatórios não esteroidais (AINEs) (CHAN et al., 2006).

Os AINEs são frequentemente considerados como o tratamento farmacológico de primeira linha, sendo utilizados preferencialmente para a osteoartrite (YU; HUNTER, 2015). Entretanto, os pacientes em uso de AINEs devem ser alertados sobre os efeitos adversos, que podem incluir sangramento gastrointestinal, disfunção renal e elevação da pressão arterial. O que torna relevante uma monitorização constante de parâmetros relacionados com estas funções. Como estratégia para redução da toxicidade, recomenda–se a adição de misoprostol,

de um inibidor da bomba de prótons ou a substituição por salicilatos ou inibidores seletivos da COX–2 (PAVELKA, 2000; SEED; DUNICAN; LYNCH, 2009; WENHAM; CONAGHAN, 2010, JOSÉ, 2013).

Os inibidores seletivos da COX–2 possuem propriedades analgésicas semelhantes aos AINEs não seletivos, mas têm um perfil de segurança melhorado para efeitos adversos gastrointestinais, contudo são caros e conferem aumento do risco cardiovascular (NIELSEN et al., 2006).

Podem ainda ser consideradas outras opções terapêuticas no tratamento da dor na OA, que incluem: AINEs de aplicação tópica, analgésicos opioides, glucosamina e sulfato de condroitina e injeções intra–articulares de glicocorticoides e ácido hialurônico (AH) (YU & HUNTER, 2015; FERREIRA et al., 2013; (BARRETT; SIVIERO, 2002; ALTMAN; SMITH, 2010).

Os produtos de aplicação tópica são uma alternativa para doentes com contra indicações para o uso de terapêutica sistêmica e um adjuvante dos tratamentos convencionais com resposta inadequada. Os benefícios dos AINES tópicos e a capsaicina são alcançados através do uso regular, com aplicação recomendada de 3 a 4 vezes / dia. Contudo, também existem efeitos adversos locais associados, incluindo erupção cutânea, ardor e prurido (BOLTEN, 2004; YU & HUNTER, 2015).

As injeções intra-articulares de glicocorticoides, como betametasona ou prednisolona são utilizadas em caso de inflamação local ou derrame articular. Seu uso intra-articulares fornece principalmente alívio de curto prazo com duração de quatro a oito semanas. E a aplicação intra-articular não deve ser feita mais de uma vez, a cada quatro meses, devido à possível progressão da OA. Os efeitos adversos destas injeções podem ser locais, com infeção da articulação afetada, osteonecrose, ruptura do tendão e atrofia no local de injeção, ou sistêmicos com quadros de hiperglicemia, edema, aumento da pressão arterial, dispepsia e risco de supressão adrenal (ARROLL; GOODYEAR-SMITH, 2004; FERREIRA, 2012).

O ácido hialurônico é uma componente normal da cartilagem, que confere propriedades viscoelásticas que permitem o movimento eficiente das articulações articulares. Na OA, ele encontra–se reduzido. Assim a administração intra-articular de AH tem sido estudada, de modo a avaliar o seu papel na reconstituição do líquido sinovial e na redução dos sintomas. Os estudos mostraram que o AH produz melhoras ao fim de três a quatro semanas e o efeito mantém–se durante meses. Contudo, podem ocorrer efeitos adversos, como edema

agudo da articulação, reações cutâneas locais, além de ser uma terapia relativamente cara, sendo assim pouco acessível (ALTMAN; MOSKOWITZ, 1998; BARRETT, 2002).

A glucosamina e condroitina são os suplementos mais utilizados para a osteoartrite e estão envolvidas na formação da cartilagem articular, por isso, são classificadas como drogas modificadoras dos sintomas e/ou da evolução da doença (BRIEF; MAURER; DI CESARE, 2001). Os condroprotetores têm composição semelhante aos componentes da matriz cartilaginosa. Acredita-se que tenham ação anti-inflamatória e possam reduzir a perda/ e ao mesmo tempo estimular a síntese de proteoglicanos e de colágeno, através da inibição de enzimas degradadoras de cartilagem (ELEOTÉRIO et al., 2015). Os efeitos adversos desses suplementos são mínimos, incluem inchaço, flatulência e cólicas. Contudo ainda existem controvérsias quanto aos seus benefícios (JOSÉ, 2013; FERREIRA, 2012).

O colágeno tipo II ou colágeno hidrolisado, também tem sido uma opção investigada para o tratamento de doenças articulares. Ruiz- Benito (2009) estudou o efeito do colágeno em 250 pessoas com OA no joelho, fornecendo 10g de colágeno hidrolisado, diariamente por 6 meses e, observou que o uso do colágeno promoveu uma redução da dor, apesar de produzir alguns efeitos colaterais, como dores de cabeça, enxaquecas e distúrbios gastrointestinais. Mclindon e colaboradores (2011) avaliaram também o potencial do colágeno tipo II no tratamento de OA, em um estudo clínico com 29 pacientes com OA no joelho. Os participantes receberam doses diárias de 10g de colágeno hidrolisado ou um placebo (sem colágeno), por 24 semanas. Contudo, não foram observadas diferenças entre os pacientes que receberam e não receberam o colágeno, nos aspectos avaliados: dor, rigidez, funcionalidade e locomoção. Entretanto, Prata e colaboradores (2018) observaram que o fornecimento diário de 10 mg do colágeno tipo II para cães produziu melhora significativa nos sinais clínicos da OA. Contudo, 30 dias após o tratamento os sinais reapareceram, indicando a necessidade de um tratamento contínuo. Dessa forma, o papel do colágeno no tratamento de OA, ainda apresenta resultados conflitantes e requer mais estudo.

Quanto aos analgésicos opioides, devido ao potencial abuso de seu uso, eles só devem ser uma opção em caso de insucesso de outras opções farmacológicas, como paracetamol, AINEs, injeções intra–articulares ou terapia tópicas, ou em casos de contra–indicação, como por insuficiência renal ou problemas gastrointestinais (GI), ou ainda de alto risco cirúrgico para a realização de artroplastia (ALTMAN & SMITH, 2010; LANG et al., 2010). Devem ser prescritos primeiro em dosagens baixas e cuidadosamente monitorados para avaliar a dependência potencial. Além de também poderem causar constipação crônica e

poder colocar pacientes idosos em risco de quedas (MANEK; LANE, 2000; HUNTER; LO, 2008).

Além das terapias já citadas, destacamos também o crescente uso de agente biológicos no tratamento da OA, entre os quais podemos citar os anticorpos monoclonais, que tem capacidade de agir bloqueando as moléculas que dão origem à inflamação, como o Tanezumab que agem contra o fator de crescimento do nervo (NAGASHIMA et al., 2011) e o Adalimumab, que é um anticorpo monoclonal que bloqueia o fator de necrose tumoral alfa (TNF-α) (VERBRUGGEN et al., 2012).

Outra forma de tratamento que tem alcançado um amplo espaço e atenção como terapia alternativa é o uso de fitoterápicos que ajudam no tratamento dos sintomas da OA. Neste contexto, vários estudos têm sido realizados (GARBACKI et al., 2002; SCHULZE-TANZIL; HANSEN; SHAKIBAEI, 2004; SENGUPTA et al., 2008; HASEEB; ANSARI; HAQQI, 2017; MULEK et al., 2017), contudo ainda muito aquém do potencial da flora mundial (BRASIL 2006; BATISTA, 2009). Christiansen e colaboradoes (2015) descrevem os efeitos de misturas insaponificáveis de abacate (*Persea gratissima*) e soja (*Glycine max*), tendo como principais componentes os fitoesteróis: β-sitosterol, campesterol e estigmasterol e destacam a ação anabólica e anticatabólica da mistura de insaponificáveis na cartilagem, sendo esta capaz de estimular a síntese de componentes da matriz extracelular (colágeno e agrecan) e inibir a produção de moléculas pró–inflamatórias (TNF–α, IL–1β, IL–6, IL–8, MIP–1β, NO e PGE2), provavelmente por interferência na sinalização do fator de transcrição NF–kB.

Investigações com preparações de raiz de *Harpagophyti radix* também evidenciaram atividade anti-inflamatória *in vitro* pela diminuição da produção de citocinas pró–inflamatórias (TNF–α, IL–1β e IL–6) e PGE2 em monócitos humanos estimulados por lipopolissacarídeos (LPS) (FIEBICH et al., 2012) e pela redução dos níveis de metaloproteinases de matriz (MMP–1, MMP–3, MMP–9) em condrócitos humanos estimulados por IL–1β (SCHULZE–TANZIL et al, 2004). O extrato aquoso de *Harpagophyti procumbens* diminuiu a expressão de COX–2 e iNOS nos fibroblastos de camundongos e, como resultado, diminuiu a geração de PGE2 e NO (JANG, 2003).

Um estudo de revisão realizado por Laslett & Jones (2014) avaliou sessenta e três artigos, que investigaram terapias derivadas de plantas no tratamento da dor, sendo em sua maioria eficazes no tratamento de dores osteoartríticas e limitação funcional quando comparadas ao placebo, e igualmente eficazes quando comparadas com fármacos padrões. Além de também apresentaram perfil de segurança semelhante ao placebo e melhor do que os

fármacos padrões. No entanto, os autores afirmam que faltam estudos de qualidade e dados de longo prazo, e o número de testes para cada terapia é reduzido, e os ensaios necessitam ser mais bem padronizados.

Li e colaboradores (2017) também realizaram uma revisão sobre as plantas úteis para o tratamento da OA, focando nas plantas da medicina tradicional chinesa. Nesta revisão foram discutidos os mecanismos de ação dos compostos presentes nas plantas, capazes de interferir na progressão da OA. Em termos de atividade anti-inflamatória, destacaram as moléculas: aucubina, piperina; Bavachin – fitoestrógeno, astragalin (isolado de *Rosa agrestis*), delfinidina – antocianidina, tetrandrina – alcalóide, resveratrol – fitoalexina, epigalocatequina-3-galato – catequina e berberina – alcaloide presentes em diversas plantas, sendo estas moléculas capazes de diminuir a produção de citocinas inflamatórias, como IL-6, IL-1 β e TNF α, além de inibir a expressão de COX-2 e iNOS, gerando assim uma ação condroprotetora, pela proteção da cartilagem de danos mediados pela inflamação.

Na atividade antiapoptóticas e antioxidante, Li e colaboradores (2017) também destacaram a berberina e o resveratrol, além das substâncias: ginsenosídeo, baicaleína , tetrametilpirazina, 5,7,3 ′, 4′-tetrametoxifavona, como sendo capazes de diminuir a produção de NO (óxido nítrico) e inibir a apoptose de condrócitos. Na atividade anticatabólica, destacaram: biochanina A, crocina, Sinomenine – alcalóide, monotropeina, gentiopicrosídeo, morin - 3,5,7,2 ′, 4′-penta-hidroxifavona, ácido ferúlico, além gerberina e baicaleína, e das fórmulas Sanmiao e Juanbi, como capazes de inibir o aumento da expressão de metaloproteinases da matriz, que desempenham um papel central na destruição catabólica da cartilagem na OA.

Na atividade proliferativa, Li e colaboradores (2017) citam alguns polissacarídeos, o ácido protocatecuico e o psoralen, como importantes para induzir a proliferação de condrócitos e auxiliar no tratamento da OA. Os autores concluem que os dados coletados indicam um efeito promissor dos vegetais na OA, embora os ensaios clínicos e pré-clínicos destas plantas estejam na etapa inicial, e os mecanismos de ação na OA ainda não estejam totalmente formulados ou sob investigação. Soma-se a isso o grande número de componentes presentes nas plantas que dificultam a especificação do alvo.

O estudo de revisão de Maksimović & Samardžić (2018) afirmam que a maioria dos dados atualmente disponíveis sobre as terapias a base de plantas para o tratamento da OA apresentam limitações, com frequentes falhas no desenho da pesquisa, critérios de seleção pouco claros e incompletos, e definição inadequada das intervenções fitoterápicas, sendo

assim insuficientes para reconhecer seu uso no tratamento da OA, com plenas garantias de eficácia e segurança. Neste contexto, investigações mais robustas e melhor padronizadas de produtos naturais são essenciais para o desenvolvimento de novos medicamentos para o tratamento de OA.

3. OBJETIVOS

3.1 GERAL

Avaliar a resposta anti-inflamatória e anti-nociceptiva do extrato hidroetanólico (EHA) e frações (hexânica, acetato de etila e butanólica) de *Arrabidaea chica* (pariri) em modelo experimental de osteoartrite (OA) e elucidar a composição química desse extrato e frações.

3.2 ESPECÍFICOS

- ✓ Verificar o efeito *in vitro* do extrato do extrato hidroetanólico e frações (hexânica, acetato de etila e butanólica) de *A. chica* sobre a inibição da ciclo-oxigenase 1e 2;
- ✓ Avaliar os efeitos do extrato hidroetanólico e frações (hexânica, acetato de etila e butanólica) de *A. chica* sobre o grau de incapacitação articular, através de parâmetros clínicos;
- ✓ Analisar os efeitos do extrato hidroetanólico e frações (hexânica, acetato de etila e butanólica) de *A. chica* sobre a lesão articular, através de métodos radiográficos e ensaios histopatológicos;
- ✓ Identificar a composição química do extrato hidroetanólico e frações (hexânica, acetato de etila e butanólica) de *A. chica.*
- ✓ Identificar através de ensaios *in silico* as substâncias químicas de *A. chica* que podem estar associados à ação antinociceptiva e anti-inflamatória.

4. RESULTADOS

4.1 CAPÍTULO I:

Artigo "Effects of extract of *Arrabidaea chica* **Verlot on experimental model of osteoarthritis", publicado** na revista *International Journal of Molecular Sciences* 2019, *20*(19), 4717

ISSN 1422-0067

Fator de Impacto JCR2019: 4.556 | Qualis A2

International Journal of
Molecular Sciences

MDPI

Article

Effects of Extract of *Arrabidaea chica* Verlot on an Experimental Model of Osteoarthritis

Cleydlenne Costa Vasconcelos [1,*], Alberto Jorge Oliveira Lopes [1], Emerson Lucas Frazão Sousa [1], Darleno Sousa Camelo [1], Fernando César Vilhena Moreira Lima [1], Cláudia Quintino da Rocha [2], Gyl Eanes Barros Silva [1], João Batista Santos Garcia [1] and Maria do Socorro de Sousa Cartágenes [1,*]

[1] Biological and Health Sciences Center, Federal University of Maranhão, Av. dos Portugueses 1966, São Luís, MA 65085-580, Brazil; lopesajo@gmail.com (A.J.O.L.); e.lucasfrazao@gmail.com (E.L.F.S.); leno.camelo@gmail.com (D.S.C.); fernandovilhena15@gmail.com (F.C.V.M.L.); gyleanes@fmrp.usp.br (G.E.B.S.); jbgarcia@uol.com.br (J.B.S.G.)

[2] Department of Chemistry, Federal University of Maranhão, São Luís, MA 65085-580, Brazil; claudiarocha3@yahoo.com.br

* Correspondence: cleydlenne@yahoo.com.br (C.C.V.); socartagenes@ufma.br (M.d.S.d.S.C.)

Received: 2 August 2019; Accepted: 18 September 2019; Published: 23 September 2019

Abstract: The aim of this study was to analyze the analgesic potential of *Arrabidaea chica* extract (EHA) as an alternative to osteoarthritis (OA) treatment. Thus, the extract was initially evaluated by the cyclooxygenase inhibition test. The analgesic effect of the extract, in vivo, was also verified in a model of OA induced by sodium monoiodoacetate (2 mg). EHA was administered to rats at doses of 50, 150, and 450 mg/kg between 3 and 25 days after OA induction. The animals were clinically evaluated every 7 days, euthanized at 29 days, and the liver, spleen, kidney and knee collected for histopathological analysis. The chemical composition of EHA was identified by HPLC-MS and the identified compounds submitted to molecular docking study. The results showed that the extract promoted cyclooxygenase inhibition and produced significant improvements in disability, motor activity, hyperalgesia, and OA-induced allodynia parameters, in addition to improvements in the radiological condition of the knees (but not observed in the histopathological study). Chemically the extract is rich in flavonoids. Among them, we evidence that amentoflavone showed very favorable interactions with the enzyme COX-2 in the in silico analysis. Thus, it is concluded that *A. chica* has important analgesic properties for the treatment of OA.

Keywords: pain; inflammation; phytotherapy; antinociception; pariri; bioinformatics; molecular docking; plants

1. Introduction

The plants have contributed significantly to the development of new therapeutic strategies for the treatment of several diseases, mainly through the secondary metabolites, that can interfere in the performance of mediators of the inflammatory process, second messenger production, and expression of transcription factors [1–3]. The *Arrabidaea chica* (Humb. And Bonpl.) B.Verlot (Bignoniaceae) plant species used in this study has been distinguished by its pharmacological potential, associated mainly to its antioxidant, astringent, antimicrobial, antitumor, and anti-inflammatory activities [4,5].

Osteoarthritis (OA) is the disease in which the inflammatory process plays a critical role in its pathogenesis [6]. Thus, *A. chica* could represent a potential alternative to treatment. OA is characterized by progressive destruction of articular cartilage, synovial inflammation, changes in the subchondral bone and peri-articular muscle, pain and has a generally slow progression [7,8]. As for the inflammatory

process, increased levels of pro-inflammatory cytokines such as interleukin 1β (IL-1β) and tumor necrosis factor alpha (TNF-α) decrease collagen synthesis and increase catabolic mediators such as metalloproteinases and other substances inflammatory [8,9]. As for existing pharmacological interventions for OA pain, these are often insufficient or poorly tolerated, and OA pain generally remains refractory to available treatments [10,11]. In addition to adverse drug effects resulting from long-term use, non-steroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs) provide temporary relief but can cause gastrointestinal problems, renal dysfunction and elevated blood pressure, among others [12,13].

OA is also an important public health issue related to aging, which affects about 40% of adults over 70 years of age and generates great socioeconomic impact since it can lead to functional disability of the individuals, affecting the quality of life in addition to producing high costs for health services [14–16]. Thus, the present study aimed to investigate the potential of *A. chica* extract as an alternative to the treatment of OA.

2. Results

2.1. Inhibition of Cyclooxygenase 1 and 2

In vitro inhibition assays of cyclooxygenase-1 and 2 (COX-1 and COX-2) were performed in order to investigate whether the hydroethanolic extract of *A. chica* has inhibitory effects on these enzymes. The results of the assay showed that the extract has an inhibitory effect, inhibiting up to 30% of COX-1 and COX-2 in the highest concentration tested, 50 μg/mL. However, concentrations of 2 and 10 μg/mL failed to produce any inhibitory effect on the enzymes, or the effect was very low. When comparing the effects of the extract on COX-1 and COX-2, it was possible to verify that the extract does not appear to be selective for COX-1 or COX-2, since at 50 μg/mL the extract inhibited around 20 to 30% in both the isoforms (Figure 1A,B).

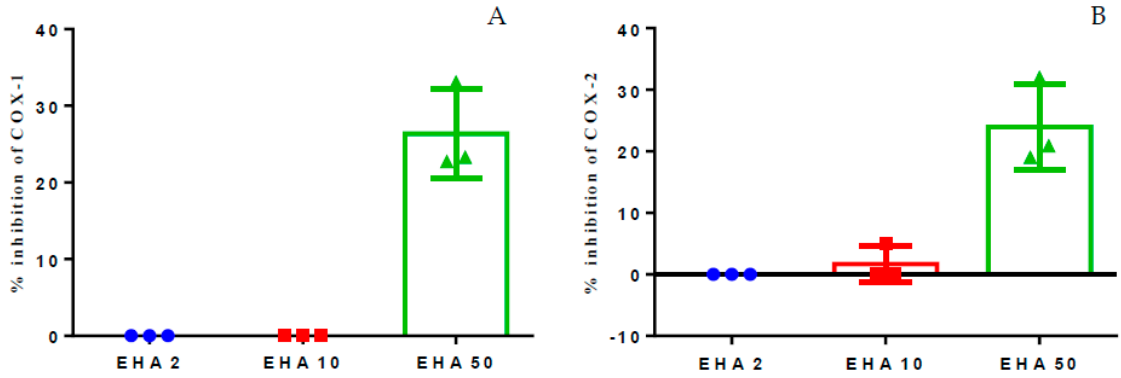


Figure 1. Percent inhibition of in vitro COX-1 (**A**) and COX-2 (**B**), induced by the hydroethanolic extract of *A. chica*, tested in three concentrations: 2, 10, and 50 μg/mL.

2.2. Clinical Evaluations

2.2.1. Evaluation of Motor Activity/Forced Deambulation (Rotarod Test)

The evaluation of the motor activity initially showed that the induction of OA was effective, since the first evaluation after induction (D7) showed a significant difference between the induced groups (EHA50, EHA150, EHA450, CTL + Melox, CTL−, and healthy control), marked by decreased motor activity of animals with induced OA. This decrease was also observed on day 14, demonstrating that, until this period, the treatments did not produce any significant improvement in motor activity (Figure 2). On day 21 after the induction of OA, all treated groups, namely, EHA50 ($p = 0.026$), EHA150 ($p < 0.0001$) EHA450 ($p = 0.0004$), and CTL + Melox ($p = 0.026$) showed a significant difference in relation to the saline group, demonstrating that the extract at this concentration is able to promote

improvement in motor activity. On day 28, these significant differences in relation to the saline group were also observed in relation to the extract EHA450 ($p = 0.028$) and EHA150 ($p = 0.028$) (Figure 2).

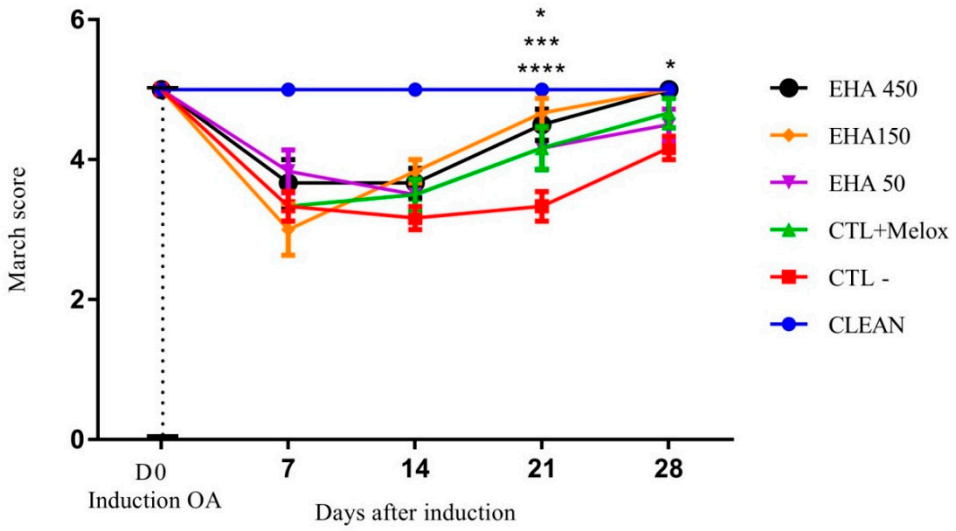


Figure 2. Effects of the *A. chica* extract on the motor activity/march score of rats with induced osteoarthritis (OA). The induction of OA was done by the injection of MIA (2 mg) in the knee of Wistar rats. After 3 days, the animals received oral saline (CTL−), Meloxicam (CTL + Melox), and *A. chica* extract at doses 50, 150, and 450 mg/kg (EHA50, EHA150, and EHA450). After 7, 14, 21, and 28 days of induction, the motor activity of the animals was measured to evaluate the rotarod score. The data are represented in mean ± standard deviation of the means. The healthy group is represented by animals without osteoarthritis and without treatment (CLEAN). * represents significant differences, with $p < 0.05$; *** with $p < 0.0005$; **** with $p < 0.0001$ comparing the treatments to the saline group.

2.2.2. Incapacitation/Weight Distribution Test on Hind Legs (Weight Bearing)

The analysis of the data related to joint incapacitation, evaluated using the percentage of weight distribution in the legs, showed that the induction of OA was effective, since on the seventh day after induction we observed a significant difference between the induced OA group and the control group (CLEAN). On days 14, 21, and 28 post-induction, all treated groups (EHA50, EHA150, EHA450, CTL + Melox) showed significant improvement in disability, and differed significantly from the saline group (CTL−) ($p < 0.0001$) (Figure 3).

2.2.3. Mechanical Hyperalgesia (Randall Selitto Test)

The animals, when evaluated, for mechanical hyperalgesia showed a decrease in the nociceptive paw withdrawal threshold on day 7 after MIA injection. This decrease occurred in all induced groups (EHA50, EHA150, EHA450, CTL + Melox, and CTL−), as expected, confirming the success of OA induction. On day 14 of the experiment, all treated groups EHA450, EHA150, EHA50 ($p < 0.0001$), and CTL + Melox ($p = 0.003$) showed nociceptive threshold increase, with significant improvement in mechanical hyperalgesia when compared to the saline group; the EHA450 extract being statistically better ($p = 0.02$) until drug meloxicam. Also, observations on day 21 and 28 of the analysis, showed that the EHA450, EHA150, EHA50 and CTL + Melox ($p < 0.0001$) treated groups continued to differ significantly from the saline group (Figure 4). Thus, the extract was able to induce significant improvements in hyperalgesia by induced OA from day 14 of the analysis, demonstrating its nociceptive potential.

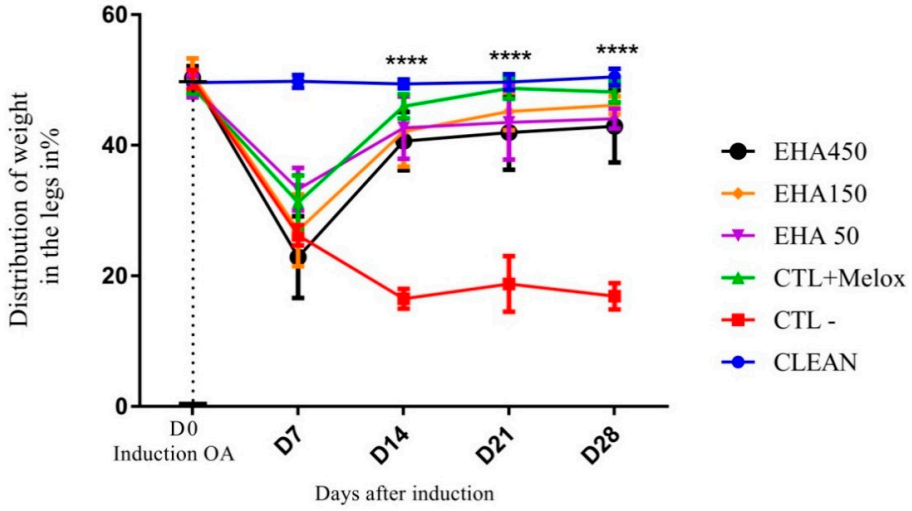


Figure 3. Effects of the extract *A. chica* on the degree of incapacitation of rats with induced osteoarthritis. The induction of osteoarthritis was done by the injection of MIA (2 mg) in the knee of Wistar rats. After 3 days, the animals received oral saline (CTL−), Meloxicam (CTL + Melox) and extract of *A. chica* at doses 50, 150, and 450 mg/kg (EHA50, EHA150, and EHA450). After 7, 14, 21, and 28 days of induction, the weight distribution on the hind legs of the animals was measured for the assessment of the incapacity by means of the Weight Bearing test. The data are represented in mean ± standard deviation of the means. The healthy group is represented by animals without osteoarthritis and no treatment (CLEAN). **** represents significant differences, **** with $p < 0.0001$ comparing the treatments to the saline group.

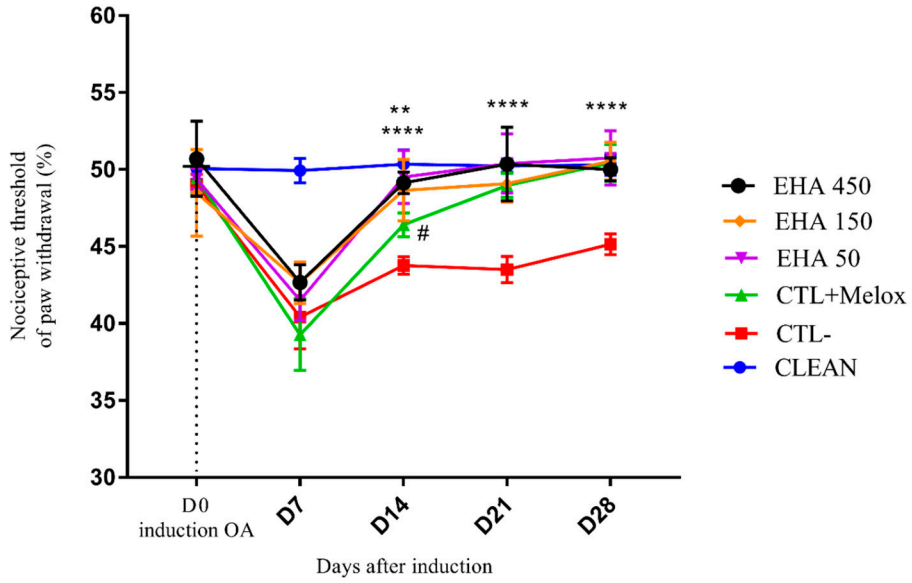


Figure 4. Effects of *A. chica* extract on mechanical hyperalgesia in rats with induced osteoarthritis (OA). The induction of OA was done by the injection of MIA (2 mg) in the knee of Wistar rats. After 3 days, the animals received oral saline (CTL−), Meloxicam (CTL + Melox) and extract of *A. chica* at doses 50, 150, and 450 mg/kg (EHA50, EHA150, and EHA450). After 7, 14, 21, and 28 days of OA induction, the nociceptive threshold of withdrawal of the affected paw was measured by indirect evaluation with Randall Sellito apparatus. The data are represented in mean ± standard deviation of the means. The healthy group is represented by animals without osteoarthritis and without treatment (CLEAN). ** represents significant differences, with $p < 0.005$; **** with $p < 0.0001$ comparing the treatments to the saline group. # represents significant differences, with $p < 0.05$ comparing the EHA450 with CTL + Melox.

2.2.4. Mechanical Allodynia (von Frey Test)

The results of mechanical allodynia evaluation first demonstrated the efficacy of fear of induction by MIA, since the animals immediately after induction (D7) had a significant reduction of the response time to the stimulus compared to the group that was not induced (CLEAN). On day 21 after induction the group treated with extract at the concentration of 450 mg/kg (EHA450) showed a significant difference ($p = 0.0015$) in relation to the saline group, demonstrating that the extract at this concentration is able to promote improvement in allodynia mechanics. On day 28 this result was also observed, but in addition to the EHA450 extracts, the extracts of lower concentration (EHA50) and (EHA150) also produced significant improvement ($p = 0.0108$) in allodynia compared to the saline group (Figure 5).

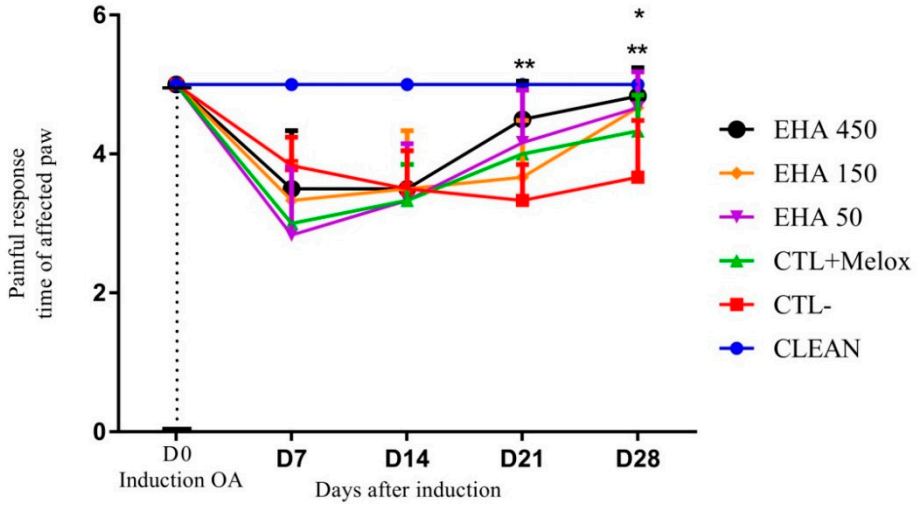


Figure 5. Effects of *A. chica* extract on mechanical allodynia in rats with induced osteoarthritis (OA). The induction of OA was made by the injection of MIA (2 mg) in the right knee of Wistar rats. After 3 days, the animals received oral saline (CTL−), Meloxicam (CTL + Melox) and *A. chica* extract at doses 50, 150, and 450 mg/kg (EHA50, EHA150, and EHA450). After 7, 14, 21, and 28 days of OA induction, mechanical allodynia was measured by indirect evaluation with the von Frey test. The data are represented in mean ± standard deviation of the means. The healthy group is represented by animals without osteoarthritis and without treatment (CLEAN). * represents significant differences, with $p < 0.05$; ** with $p < 0.005$ comparing the treatments to the saline group.

2.3. Radiographic Analysis

In the radiographic analyzes, it was observed that in the group without osteoarthritis (CLEAN), the scores were minimal (grade 0; Figure 6), with preservation of the joint space, without subchondral sclerosis and no formation of osteophytes (Figure 7A) which would be the main features of OA. In the group that had OA induction by MIA and received no treatment (CTL−), a high score was observed, reaching grade 4 (Figure 6), with common radiographic characteristics of the disease, such as reduction of articular space, marked subchondral bone sclerosis, and intense formation of osteophytes as seen in Figure 7(B1,B2). In the groups treated with extract (EHA50, EHA150, and EHA450 (Figure 7C) and Meloxicam, these common radiographic features of OA were much less evident and the score did not exceed grade 2 according to the classification of Kellgren–Lawrence (Figure 6). Thus, the extract in the three concentrations tested was able to significantly reduce ($p < 0.05$) the degree of joint involvement in relation to the saline group (CTL−) (Figure 6).

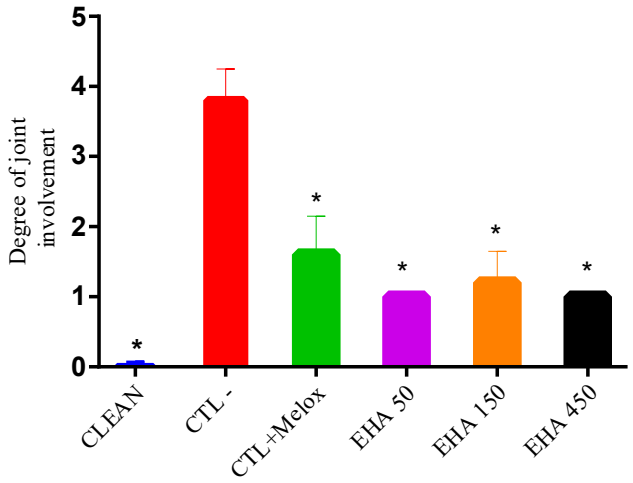


Figure 6. Degree of joint involvement in rats treated with *A. chica* extract (EHA50, 150, and 450 mg/kg, orally), Meloxicam (CTL + Melox) and saline (CTL–) administered from day 3 after OA induction. This analysis was performed with the knees collected on day 29 after OA induction. The data are represented according to classification proposed by Kellgren–Lawrence. * represents significant differences, with $p < 0.05$, between the groups treated with *A. chica* extract and the saline group (CTL–).

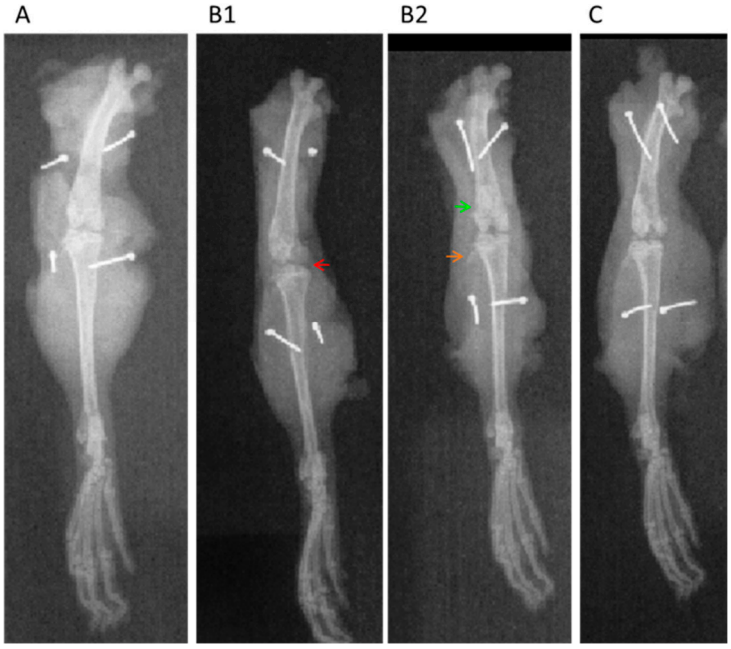


Figure 7. Knee radiographs in the antero-posterior projection. **A**-RX from the healthy rat paw (CLEAN); **B1** and **B2**-RX from the rat paw with experimental model of MIA-induced osteoarthritis–saline group; **C**-RX, *A. chica* extract 450 mg/kg treated group. This analysis was performed with the knees collected on day 29 after OA induction. Arrowhead: red—indicating a remarkable narrowing of the joint space and deformity in the bone contour; green—subchondral sclerosis; orange—large osteophytes.

2.4. Histopathological Analysis

Histopathological evaluation using the OARSI scoring system (see Materials and Methods item 4.5) revealed that the treatment with *A. chica* extract at the highest dose tested (EHA450) was not able to inhibit the OA-induced joint compromise. The OARSI classification system group EHA450 obtained an average grade rating of 5.9 (±0.22), similar to the saline group (CTL−) of 5.4 (±0.47) and the meloxicam-treated group (CTL + Melox) of 5.9 (±0.25) (Figure 8). These grades above 5, according to the OARSI classification, indicate greater articular cartilage injury in these animals, recognized by

denudation, complete erosion of the hyaline cartilage to the level of mineralized cartilage and/or bone, microfractures, as well as fibrocartilaginous bone surface repair (Figure 9).

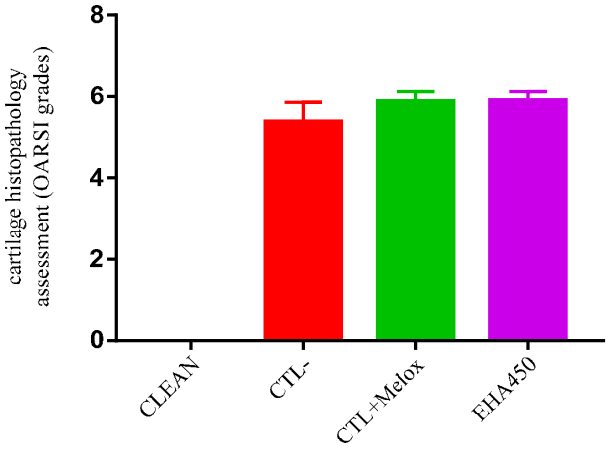


Figure 8. Histopathological evaluation of cartilage classified using the Osteoarthritis Research Society International (OARSI) scoring system. This analysis was performed with the knees collected on day 29 after OA induction. Groups: EHA450 = with sodium monoiodoacetate-induced osteoarthritis (MIA-induced OA) 2 mg and treated with *A. chica* hydroalcoholic extract 450 mg/kg; CTL− = with MIA-induced OA (2 mg) and treated with 0.9% sodium chloride saline; CTL + Melox = with MIA-induced OA (2 mg) and treated with meloxicam 0.5 mg/kg; CLEAN = untreated and uninduced OA, healthy. *Y*-axis: Histopathological evaluation of cartilage (OARSI histological classification: Grade 0—surface intact and cartilage intact; Grade 1—surface intact; Grade 2—surface discontinuity; Grade 3—vertical fissures; Grade 4—erosion; Grade 5—denudation; and Grade 6—deformation).

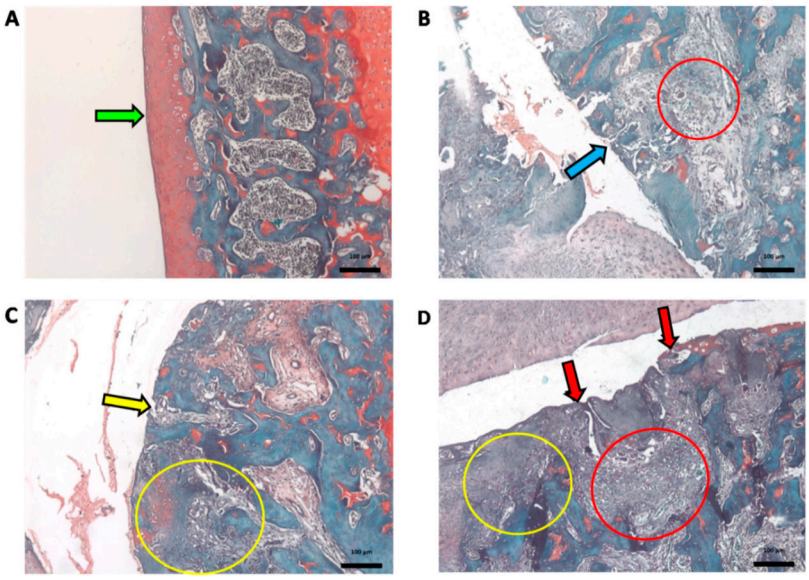


Figure 9. Sections of articular cartilage with different grades of degenerative changes in osteoarthritis (OA) classified using the Osteoarthritis Research Society International (OARSI) scoring system.This analysis was performed with the knees collected on day 29 after OA induction. (**A**) Example of CLEAN group, untreated and uninduced OA, healthy (Grade 0) normal cartilage. (**B**) Example of CTL-group treated with 0.9% saline. (**C**) Example of EHA450 group treated with *A. chica* hydroalcoholic extract 450 mg/kg. (**D**) Example of CTL + Melox group. B, C, and D with degrees on average between 5.4 and 5.9. Green arrow indicates normal cartilage lining (intact surface and cartilage); blue arrow indicates microfractures; red arrow indicates erosion with bone expositon; red circles indicate repair fabric; yellow arrowindicates complete erosion; yellow circles indicate fibrocartilage formation and bone remodeling. (O-safranin stain; Bar = 100 μm; 200×).

Histopathological analyses of the liver, spleen and kidney showed no pathological changes, even at the highest administered dose of *A. chica* extract (450 mg/kg) (Figure 10), thus demonstrating that the extract did not induce any toxicity.

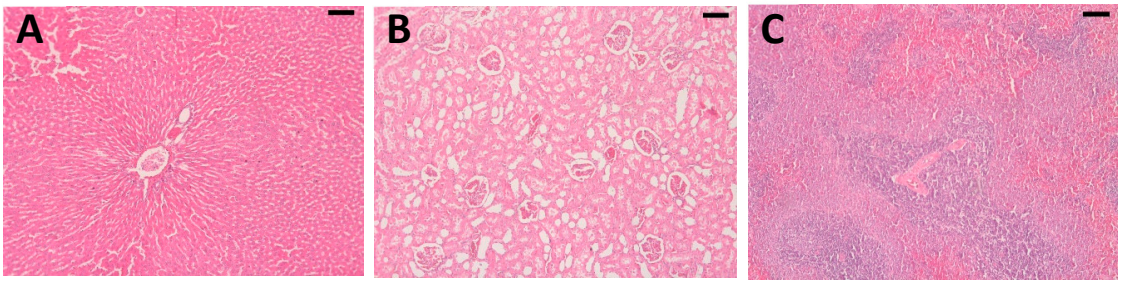


Figure 10. Exemplary histological sections of the liver (**A**), kidneys (**B**), and spleen (**C**) of EHA450 group. The images show no signs of ischemia, necrosis, cell injury and/or inflammation. (Hematoxylin-Eosin—HE stain, Bar = 100 µm, 100×).

2.5. Chemical Analysis

The HPLC-PDA-ESI-IT-MS/MS analysis, in the positive mode, showed the presence of 25 compounds in the hydroethanolic extract of *A. chica* leaves (Figure 11); among them, 22 were identified by dereplication, comparing the masses, retention times, and fragments obtained in mass spectrometry, with the literature (Table 1).

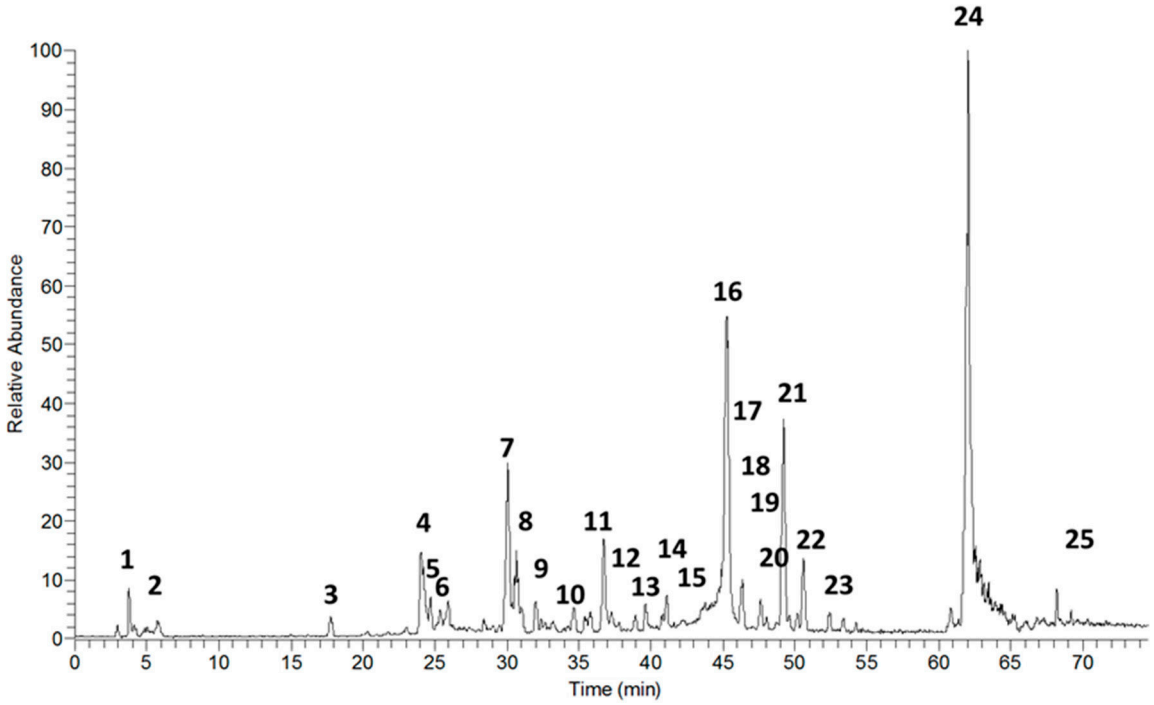


Figure 11. Chromatogram of total ions obtained by HPLC-PDA-ESI-IT-MS/MS, positive mode, from the hydroethanolic extract of *A. chica* leaves.

Table 1. HPLC-PDA-ESI-IT-MS/MS data (detected UV-vis and detected ions) and FIA-ESI-IT-MS/MS^n (product ions) of compounds detected in the *A. chica* leaves hydroethanolic extract.

N	RT	[M+H]	MS^n Fragments	Name Suggestion for Structure	Reference
1	4.48	299	289, 287, 160	carajurin	[17–19]
2	5.38	315	313, 289	6,7,3′-trihydroxy-5,4′-dimethoxy-flavylium	[18]
3	17.61	289	205, 188	2′-hydroxy-a-naphthoflavone	[20] ID BML00331
4	24.13	289		catechin	[21]
5	24.69	301	289	5,7-dimethoxy-4′-hydroxyflavone	
6	25.42	289		epicatechin	[21]
7	29.98	477	301, 289	quercetin-o-gallate	
8	31.12	465	301	Quercetin-o-glucoside	[22]
9	32.04	540	460, 301, 289	amentoflavone	[23]
10	34.72	479	301, 279	isorhamnetin-3-o-glucoside	[24]
11	36.62	301	279	chrysoeriol	[25]
12	37.64	287	279	kaempferol	[26]
13	39.65	463	330, 301	chrysoeriol-o-glucoside	[27]
14	41.24	317	301, 279	isorhamnetin	[24]
15	42.99	287	279	luteolin	[28,29]
16	45.25	303		6-hydroxyluteolin	[29]
17	46.18	477	328, 301, 279	cirsimarin	[30,31]
18	47.42	617	601, 301, 279	hyperin 6″ gallate	
19	47.64	301	279	6,7,3′,4′-tetrahydroxy-5-metoxy-flavilium	[32]
20	47.94	302	301, 288, 285	hispidulin	[29]
21	49.23			n.i.	
22	50.31–50.96	601		n.i.	
23	52.72–54.29	577	301, 289	catechin dimer	[29]
24	62.14	819		n.i.	
25	72.66	593	421, 399	feoforbide A	[33]

n.i.—not identified.

2.6. In silico Analysis

To our molecular docking analysis, we used all metabolites identified by HPLC-MS on *A. chica* extract. On general, all metabolites showed satisfactory parameters affinity with the COX-2 structure. In addition to these molecules, molecular docking of the commercial non-steroidal anti-inflammatory drug meloxicam was performed, with affinity parameters of −8.82 kcal·mol^{-1} and 0.34 μM from free binding energy and the inhibition constant, respectively, while among the *A. chica* metabolites, the best affinity parameters were shown to be amentoflavone and quercetin-o-gallate with −9.21 and −8.86 kcal·mol^{-1} from free binding energy, respectively, and 0.11 and 0.32 μM from the inhibition constant, respectively; these parameters being superior to those presented by meloxicam. The results of the binding energy values of all compounds are shown in Table 2.

Table 2. Free-binding energies and inhibition constant obtained by molecular docking of the compounds identified in the *A. chica* extract with the COX-2 structure.

Ligand	ΔGbind (kcal·mol^{-1}) *	Ki (μM) **
amentoflavone	−9.21	0.11
quercetin-o-gallate	−8.86	0.32
chrysoeriol-o-glucoside	−8.45	0.63
catechin dimer	−8.33	0.78
2′-hydroxy-a-naphthoflavone	−7.98	1.43
6-hydroxyluteolin	−7.95	1.48
hispidulin	−7.81	1.88
cirsimarin	−7.61	2.64
isorhamnetin-3-o-glucoside	−7.56	2.87
epicatechin	−7.49	3.25
catechin	−7.46	3.40
hyperin 6″ gallate	−7.39	3.81
6,7,3′,4′-tetrahydroxy-5-metoxy-flavylium	−7.21	5.19
6,7,3′-trihydroxy-5,4′-dimethoxy-flavylium	−7.11	6.11
carajurin	−7.06	6.71
kaempferol	−7.06	6.73
luteolin	−7.05	6.76
chrysoeriol	−6.90	8.72
quercetin-o-glucoside	−6.85	9.46
isorhamnetin	−6.72	11.86
meloxicam	−8.82	0.34

* ΔGbind: binding energy; ** Ki: inhibition constant.

The map from interactions of the amentoflavone and quercetin-o-gallate with COX-2 amino acids identified in selected configurations obtained through molecular docking calculations are displayed in Figure 12.

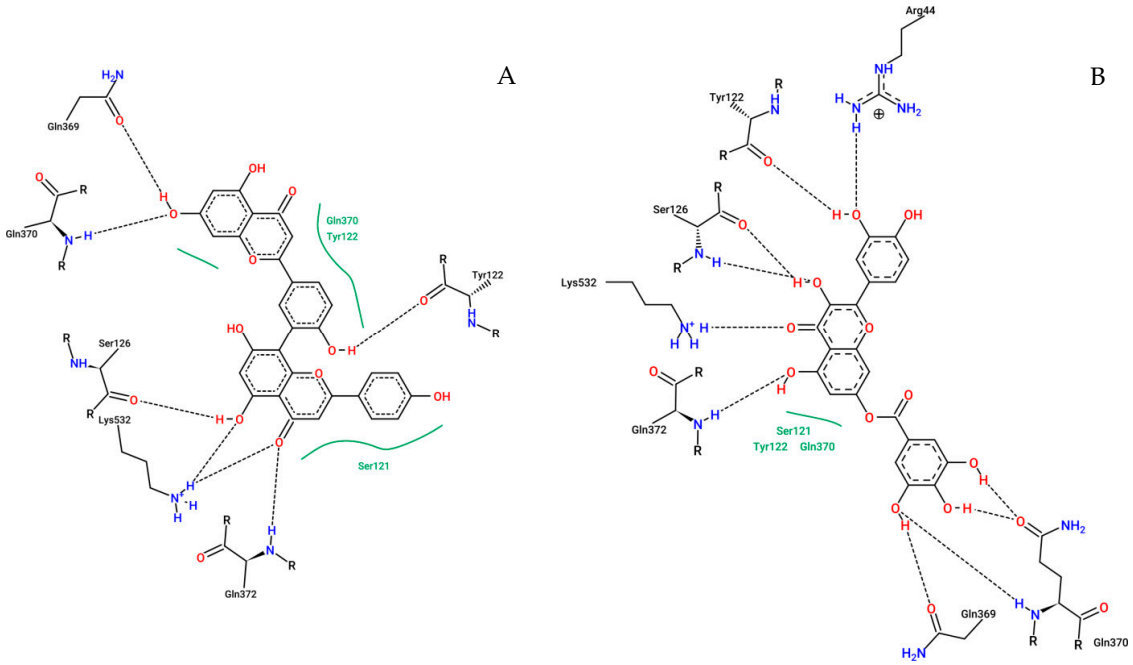


Figure 12. 2D representation of the interactions of COX-2 residues with amentoflavone (**A**) and quercetin-o-gallate (**B**). Dashed lines represent hydrogen bonds; green lines represent van der Waals interactions.

3. Discussion

Herbal medicines have become considerably popular to relieve the symptoms of various diseases, including OA [34]. However, available scientific data are still insufficient to support the use of these products in the clinical management of OA. However, the growth of studies in this sense brings expectations regarding the arrival of reliable, efficient, and safe herbal products that meet the criteria of modern medicine [35].

In order to meet these expectations, the present study evaluated pain behavior in an experimental OA model using *A. chica* extract as an alternative to traditional pharmacological treatments. Since many studies have proven its therapeutic potential, including its anti-inflammatory activity [36–38], and due to the fact that OA is a disease in which the inflammatory process plays a central role in the pathogenesis [8], we evaluated this plant against OA.

The present study shows the anti-inflammatory and analgesic properties of *A. chica* extract through in combo studies: In vitro, by inhibition of cyclooxygenase; in vivo, due to the improvement in clinical and radiological parameters of animals with MIA-induced OA; and also by the demonstration of potential mechanisms of action of *A. chica* secondary metabolites through in silico studies. Chemical analysis of the extract allowed the identification of a large number of molecules with bioactive potential, including metabolitoes were described for the first time in the species.

In this context, *A. chica* extract was evaluated for its ability to inhibit COX enzymes in vitro. COX-2 participates in inflammatory and painful processes, being responsible for the metabolization of arachidonic acid resulting from the action of phospholipase A_2 on membrane lipids, which produce intermediates, prostaglandin G_2, and prostaglandin H_2 which are isomerized to prostanoids such as prostaglandins, prostacyclins, and thromboxanes [39]. Due to the role this enzyme plays in inflammatory processes, it is the target of non-steroidal anti-inflammatory drugs and have represented a potential target for action of new compounds. And in this study, *A. chica* extract was able to inhibit COX-2 and COX-1 by up to 30% (Figure 1A,B), demonstrating its anti-inflammatory potential.

The antinociceptive activity of *A. chica* extract was observed from the improvement of motor activity from day 21 after OA induction, in all doses, similar to meloxicam (Figure 2). Treatment with the dose of 500 mg/kg of *Spinacia oleracea* L. extract also showed improvement in the motor activity of the animals, but only later (day 28) [40].

Treatment with *A. chica* extract also had antinociceptive effects, significantly reducing the weight distribution deficit between the left and right paws, improving OA-induced disability from 14 days after induction, in all doses (Figure 3). The paw weight distribution test is an indicator of OA progression and reveals the efficacy of anti-inflammatory compounds, as observed in the study with an isolated compound from *Zingiber zerumbet* (L.) Smith. which was able to reduce joint discomfort in this same model [41].

The extract also improved the hyperalgesia threshold from day 14 onwards after OA induction, also in all doses (Figure 4). Hyperalgesia is characterized by a painful response accentuated by a previously painful stimulus [42]. Treatment with *Entada pursaetha* DC., hydroethanolic extract 30, 100, and 300 mg/kg also significantly reduced hyperalgesia in the MIA-induced OA model on days 7, 14, and 21. The authors suggest that this effect may be linked to the reduced production of inflammatory mediators responsible for peripheral and central sensitization of pain and hyperalgesia in the model in question [43].

The results of the clinical evaluations of the present study also show that *A. chica* extract 450 mg/kg, from day 21 of treatment, significantly reduced allodynia (pain associated with a stimulus that would normally not cause pain), and for all doses on day 28 [42] (Figure 5). Lima [38] also observed this analgesic effect of *A. chica* extract in an experimental model of neuropathic pain induced by sciatic nerve compression, hence corroborating the results found here. Similar results were also found by our group in Calado et al. [44] when they analyzed the effects of the hydroethanolic extract of *Chenopodium ambrosioides* L. leaves in an experimental OA model using the same methodology.

A possible explanation for improvement of these clinical aspects could be the anti-inflammatory activity of the flavonoids present in the extract, which may be able to inhibit COX, and produce this action, as reported by [45]. *A. chica* extract also demonstrated this effect by inhibiting nuclear transcription factor kappaβ, which consequently prevents the formation of inflammatory mediators such as iNOS, COX-2, 5-LOX, and phospholipase A_2 [18]. Studies by Lima et al. [32] also observed that in lipopolysaccharide-induced peritonitis in mice, oral pretreatment with hydroethanolic extract of the leaves or with the isolated compound 4′,6,7-trihydroxy-5-methoxyflavone (5-o-methyl scutellarein) led to decreased leukocyte migration to the peritoneal cavity, as well as a reduction in proinflammatory cytokine concentrations (TNFα and IL-1β).

Regarding the radiographic findings of the present study, they showed that after OA induction, subchondral sclerosis, osteophytes, and decreased joint space were found in the evaluated knees. Although *A. chica* extract was unable to prevent the most frequent radiological changes that occur in OA, the animals treated with herbal medicine had lower degrees of joint changes according to the Kellgren–Lawrence classification. However, histopathological analyses did not show this improvement for the *A. chica*-treated EHA group.

Importantly, radiological parameters are not always associated with clinical or histological results. This factor generates difficulties in the interpretation of the pain phenomenon in OA; however, people with radiographic alterations compatible with OA have a higher chance of presenting pain than individuals without this type of alteration [46,47].

In the chemical analysis of the extract, 22 compounds were identified, most of which belong to the group of flavonoids (Table 1) that comprise an important class of natural pigments, having a chemical structure consisting of two aromatic rings linked by a chain of three atoms forming an oxygenated heterocycle. The degree of oxidation and the substitution pattern of ring C rank the flavonoids and the substitution pattern on rings A and B specifically defines each compound [48].

Flavonoids in general have been attributed important biological activities, among them an important anti-inflammatory action, due to the ability of these compounds to modulate the action of cellular components involved in the mechanism of inflammation such as pro-inflammatory cytokines TNF-α and IL-1, and the activity of arachidonic acid pathway enzymes such as cyclooxygenase and lipoxygenase [47,48]. Results such as these were observed by studying extract and fractions of *Tabernaemontana catharinensis* DC. leaves, which provide the ability to inhibit leukocyte migration and significantly decreased the levels of various proteins such as MPO, interleukin (IL)-1β, and tumor necrosis factor TNF-α [49]. These actions are attributed at least in part to the flavonoids present in the plant.

Among the 22 compounds identified, it should be noted that 12 are being reported for the first time in species *A. chica*. They are: 2′-hydroxy-a-naphthoflavone; 5,7-dimethoxy-4′-hydroxyflavone; quercetin-o-gallate; quercetin-o-glucoside; amentoflavone; isorhamnetin-3-o-glucoside; chrysoeriol; chrysoeriol-o-glucoside; isorhamnetin; cirsimarin; hyperine 6″ gallate; and catechin dimer.

Considering the potential of these compounds as therapeutic agents and with the encouraging results of the in vitro and in vivo studies, the in silico study was carried out in order to verify the possible pathways of action of the metabolites identified in the extract. Thus, the metabolites had their interactions with the structure of the COX-2 enzyme evaluated through molecular doping. Molecular docking data show that amentoflavone and quercetin-o-gallate were among the metabolites which had more favorable interactions with COX-2.

Negative binding-free energy values between the binder and the macromolecule indicate favorable interactions [50]. The active site of COX-2 involves residues Arg120, Tyr355, Tyr385, Glu524, and Ser530 where arachidonic acid binds, thus forming prostaglandins [51,52]. The result of molecular docking demonstrated that amentoflavone and quercetin-o-gallate performed a large number of interactions (hydrogen bonds and van der Walls interactions) with residues neighboring this region (Figure 12). Silva and colleagues [53] have identified through molecular docking and molecular dynamics simulations that the ursolic acid inside all metabolites identified on the ethylacetate fraction

of *Borreria verticillata* (L.) G. Mey. was responsible for the anti-inflammatory activity of this plant species. The ursolic acid was selected by in silico assay and when evaluated isolated in vivo on mice, showed anti-inflammatory activity higher than indomethacin.

Amentoflavone showed anti-inflammatory activity besides suppressing the production of nitric oxide (NO) and prostaglandin E_2 (PGE_2) in RAW264.7 cells [54]. Also, amentoflavone promotes the downregulation of COX-2 and iNOS levels in cancer cells. This activity is also well associated with the suppression of PGE_2 biosynthesis [55]. Evaluated against an ulcerative colitis model on mice, the amentoflavone showed decreases in the mucosal injury by lowered colonic wet weight as well as vascular permeability and diminished lactate dehydrogenase (LDH) and myeloperoxidase (MPO) activity reflecting reduced leukocyte infiltration and reducing significantly the tumor necrosis factor-alpha (TNF-α), interleukin-1 beta (IL-1β), and IL-6 levels as well as the expression of iNOS and COX-2 [56].

4. Materials and Methods

4.1. Collection and Processing of Plant Species

The leaves of *Arrabidaea chica* were collected in the urban area of São Luis city, Maranhão state, Brazil, in May 2016 (2° 33'29" S, 44° 18 '30" W) between 5 to 6 p.m. A sample of the plant was deposited in the "Atico Seabra" Herbarium, Federal University of Maranhão (UFMA), and was identified and cataloged in register 1.067. For preparation of the extract, the collected plant material was dried at 40 °C in an air circulating oven and then pulverized in an electric mill to obtain the powder, which was impregnated in 70% ethanol in a ratio of 1:4 (*m*/*v*) and placed in maceration, under daily manual agitation. The alcoholic extraction of the macerate was carried out by three successive changes every 72 h, with the renovation of the solvent. At the end of this process, the extracts were pooled and gauze filtered. The filtrate was concentrated in a rotary evaporator under reduced pressure and at a temperature of 40 °C. From this process, the hydroethanolic extract (EHA) was obtained.

4.2. In vitro Activity on Cyclooxygenase

Cyclooxygenase (COX) has been associated with the target of non-steroidal anti-inflammatory drugs and has been a potential target for the study of new drugs. Thus, in vitro tests of inhibition of COX by the hydroethanolic extract of *A. chica* were carried out, according to the instructions of the manufacturer of the enzymatic kit (Colorimetric COX Inhibitor Screening Assay Kit, Cayaman Chemical®, Ann Arbor, Michigan, USA.) and percent inhibition of COX-1 and COX-2, calculated from the means of the absorbance values, read at 590 nm. Inhibition assays were performed with extracts at three concentrations 2, 10, and 50 μg/mL in triplicate.

4.3. In vivo Experimental Studies

This study was conducted at the Experimental Laboratory for the Study of Pain (LEED). All procedures were approved in May 22, 2017 by the Ethics Committee on Animal Use of UFMA under No. 23115.000372/2017-09.

4.3.1. Animals

Wistar rats (*Rattus norvegicus*) males, adults approximately 60 days old, which were procured from the Central Vivarium (Biotério Central) of Federal University of Maranhão (UFMA), São Luis, Brazil, were used in this study. These animals, throughout the experiment, were fed standard feed and water ad libitum and kept under a controlled temperature of 23 ± 1 °C and humidity of 40–60% under a 12 h light–dark cycle.

4.3.2. Experimental Design

The animals were divided into 6 groups (n = 6, per group): Group 1—without OA and untreated (CLEAN); Group 2—with osteoarthritis and treated with saline (NaCl 0.9%, 0.1 mL/kg) (CTL−); Group 3—with osteoarthritis and treated with Meloxicam® (0.5 mg/kg) (CTL + Melox) [57]; Groups 4, 5,and 6—with osteoarthritis and treated with *A. chica* hydroethanolic extracts at doses of 50, 150, and 450 mg/kg (EHA50, EHA150, EHA450), respectively.

The CLEAN group did not undergo any type of intervention. The other groups (CTL−, CTL + Melox, EHA50, EHA150, EHA450) received intra-articular injections of MIA (2 mg) for induction of osteoarthritis in the knee. And after three days, these groups received their respective treatments, as described above, orally (once daily) for 25 days (Figure 13).

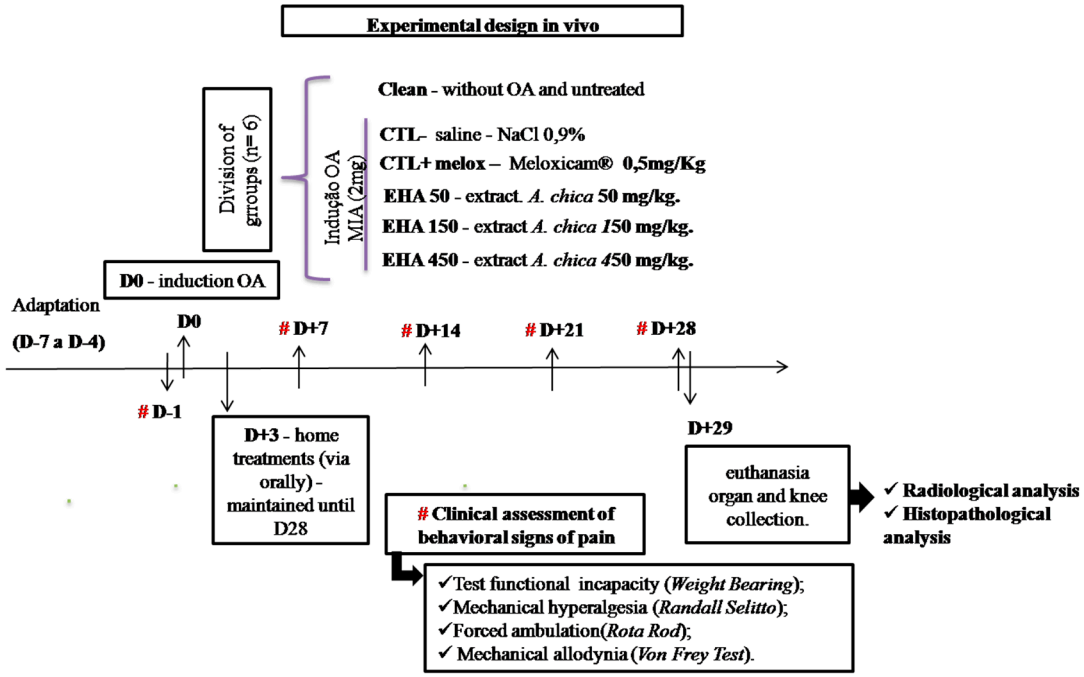


Figure 13. Experimental design.

These groups were evaluated clinically for disability, allodynia, mechanical hyperalgesia, and motor activity every 7 days, and were slaughtered on day 29 after initiation of OA induction. The animals were euthanized with a 2:1 anesthetic solution of ketamine hydrochloride (100 mg/kg) and xylazine hydrochloride (80 mg/kg), after which the blood of all animals was collected through the abdominal artery. Liver, spleen, and kidney were collected for histopathological analysis, as well as the right paw induced for radiographic and histopathological analyses (Figure 13).

4.3.3. MIA-Induced OA Model

The animals were anesthetized by inhalation of isoflurane 1%. After certifying the anesthetic plane, a trichotomy was performed in the right knee and, subsequently, a topical solution of 10% iodopovidone was applied for local asepsis. An articular lesion was induced by a single intra-articular injection of 2 mg sodium MIA (diluted in a maximum volume of 25 µL) into the right knee through the patellar ligament [58,59].

4.3.4. Clinical Evaluations

Evaluation of Motor Activity/Forced Deambulation (Rotarod Test)

The animals were placed on a swivel bar (IITC Life Science, Woodland Hills, CA, USA.) at a speed of 16 rpm for a period of 300 s. The use of the affected limb was assessed by forced deambulation. The use of the paw was graded using a numerical scale ranging from 5 to 1, where: 5 = normal use of the paw, 4 = mild claudication, 3 = severe claudication, 2 = intermittent disuse of affected paw, and 1 = complete disuse of affected paw [60].

Incapacitation/Weight Distribution Test on Hind Legs (Weight Bearing)

The animals were placed in a glass bowl angled and positioned so that each hind leg laid on different platforms. The weight exerted on each back paw (measured in grams) was evaluated for 5 s. The final measurement of weight distribution was the mean of three measurements [61]. Changes in the weight distribution on the paws were calculated as follows:

$$\text{Weight distribution } (\%) = \frac{\text{APW}}{\text{APW} + \text{CPW}} \times 100 \quad (1)$$

where APW was affected paw weight and CPW was contralateral paw weight.

Mechanical Hyperalgesia (Randall–SelittoTest)

Mechanical hyperalgesia was assessed by evaluating the nociceptive threshold paw withdrawal following the application of mechanical pressure using an analgesiometer (IITC Life Science, Woodland Hills, CA, USA). A wedge-shaped device (area, 1.75 mm^2) was applied to the dorsal surface of the hind paws with increasing linear pressure until the animal responded by withdrawing the paw. Three measurements were performed in the ipsilateral and contralateral paws. A cut-off threshold pressure of 250 g was programmed to prevent tissue damage. The paw withdrawal reflex was considered to represent the hypernociceptive threshold. The nociceptive paw withdrawal threshold (NPWT) was recorded in grams and defined as the percentage pressure required to provoke a withdrawal of the ipsilateral affected paw, and was calculated as follows:

$$\text{NPTW } (\%) = \frac{\text{NAPWT}}{\text{NAPWTW} + \text{NCPWT}} \times 100 \quad (2)$$

where NPWT was nociceptive paw withdrawal threshold, NAPWT was nociceptive affected paw–withdrawal threshold, and NCPWT was nociceptive contralateral paw withdrawal threshold [62,63].

Mechanical Allodynia (von Frey Test)

The Von Frey test was performed with a filament with an adapted tip, which was pressed with a constant force. For this evaluation the animals were placed in individual transparent acrylic boxes on raised platform to allow access to the lower part of their bodies. The response given at time of paw withdrawal to the filament stimulus was measured in 3 applications lasting up to 5 s each, always performed by the same evaluator [64].

4.4. Radiological Analysis

After euthanasia, the right hind paws of the animals were amputated and submitted to radiographs on anteroposterior and profile incidences, in order to evaluate the decrease in joint space, sclerosis of the subchondral bone and presence of osteophytes in the knees evaluated. The AP incidence was used to classify osteoarthritis by the [65], according to Table 3.

Table 3. Classification of Kellgren–Lawrence.

Grade 0	**No arthrosis**—Normal radiology
Grade I	**Doubtful arthrosis**—Doubtful articular space narrowing and possible
Grade II	**Minimal osteoarthritis**—Possible joint narrowing, defined osteophytes
Grade III	**Moderate arthrosis**—Defined joint narrowing, multiple moderate osteophytes, some subchondral sclerosis and possible deformity in the bone contour
Grade IV	**Severe arthrosis**—Significant articular space narrowing, severe subchondral sclerosis, defined deformity in the bone contour and large osteophytes

4.5. Histopathological Analysis of Articular Cartilage

On day 29, the knee of each animal was removed after euthanasia and fixed in 10% buffered formalin. Then, they were subjected to decalcification in 20% ethylenediaminetetraacetic acid (EDTA) for 28 days. Subsequently they were submitted to the inclusion protocol in paraffin blocks, cut into sections of 5 µm, and the proteoglycans of the organic cartilage matrix were stained specifically with 0.5% O-safranin.

The histopathological evaluation was performed according to the guidelines of the Osteoarthritis Research Society International (OARSI). The slides were analyzed blindly by two pathologists, who graded them on a scale of 0 to 6, according to the severity of the articular cartilage lesion. The classification considered the most severe lesion observed on the slide regardless of the extent of the lesion. Grade 0 indicates morphologically intact cartilage, Grade 1 indicates an intact surface with possible focal lesions or abrasion, Grade 2 shows discontinuity in the articular surface, Grade 3 shows vertical fissures, Grade 4 presents erosions, Grade 5 exhibits denudations with sclerotic bone or fibrocartilaginous tissue repair or both, and Grade 6 shows remodeling and bone deformation with changes in the contour of the articular surface [66], according to Table 4.

Table 4. Osteoarthritis cartilage histopathology assessment classification system (Osteoarthritis Research Society International) [66].

Grade (Key Feature)	Subgrade (Optional)	Associated Criteria (Tissue Reaction)
Grade 0: Surface intact, Cartilage intact	No subgrade	Intact, uninvolved cartilage
Grade 1: Surface intact	1.0 Cells intact 1.5 Cell death	Matrix: superficial zone intact, edema and/or fibrillation; Cells:proliferation (clusters),hypertrophy; Reaction must be more than superficial fibrillation only.
Grade 2: Surfacediscontinuity	2.0 Fibrillation through superficial zone 2.5 Surface abrasion with matrix loss within superficial zone	As above +Discontinuity at superficial zone; ±Cationic stain matrix depletion (Safranin O or Toluidine Blue) upper 1/3 of cartilage (mid zone); ±Disorientation of chondron columns
Grade 3: Verticalfissures	3.0 Simple fissures 3.5 Branched/complex fissures	As above; ±Cationic stain depletion (Safranin O or Toluidine Blue) into lower 2/3 of cartilage (deep zone); ±New collagen formation (polarized light microscopy, Picro Sirius Red stain)
Grade 4: Erosion	4.0 Superficial zone delamination 4.5 Mid zone excavation	Cartilage matrix loss, cyst formation within cartilage matrix

Table 4. *Cont.*

Grade (Key Feature)	Subgrade (Optional)	Associated Criteria (Tissue Reaction)
Grade 5: Denudation	5.0 Bone surface intact 5.5 Reparative tissue surface present	Surface is sclerotic bone or reparative tissue including fibrocartilage.
Grade 6: Deformation	6.0 Joint margin osteophytes 6.5 Joint margin and central osteophytes	Bone remodeling; Deformation of articular surface contour (more than osteophyte formation only); Includes: microfracture and repair

4.6. FIA-ESI-IT-MS/MSn and HPLC-ESI-IT-MS Analysis Instrumentation

For the FIA-ESI-IT-MSn assay, 10 mg of *A. chica* hydroethanolic extract was dissolved in 1 mL MeOH:H_2O (1:1, *v*/*v*). The sample was filtered through a 0.22 µm PTFE filter, and 20 µL aliquots were injected into the LC-MS and directly into the FIA-ESI-IT-MSn system. Chromatographic profile of the crude extract of *A. chica* was performed on LCQ Fleet (Thermo Scientific®, San Jose, CA, USA), Kinetex® C18, 100 Å (4.6 × 100 mm.; 5 µm). The mobile phase was ultra-pure water (eluent A) and acetonitrile (eluent B), both containing 0.1% formic acid in an exploratory gradient starting with 10% to 100% B in 60 min at a flow rate of 1.0 mL/min.

The sample was ionized by electrospray (ESI) and the fragments were obtained in multiple stages (MSn), in ion trap type interface. The experimental conditions were: Capillary voltage35 V, spray voltage 5000 V, capillary temperature at 350 °C, drag gas (N2), and flow 60 (arbitrary units). The acquisition range was m/z 100–2000, with two or more scanning events performed simultaneously on the spectrum. The direct flow infusion of the sample was performed on an LTQ XL Ion trap type analyzer equipped with a positive mode electrospray ionization (ESI) source (Thermo Scientific®, San Jose, CA, USA). A 280 °C stainless steel capillary tube, a spray voltage of 5.00 kV, a capillary voltage of 90 V, a tube lens of −100 V and a flow of 5 µL min^{-1} were used. The complete scan analysis was recorded in the m/z range of 100–1000. Multiple-stage fragmentation (ESI-MSn) was performed using the collision-induced dissociation (CID) method against helium for ion activation.

The first event was a full sweep mass spectrum to acquire data on ions in this m/z range. The second scanning event was an MS/MS experiment performed using a data-dependent scanning on the [M + H] molecules of the compounds of interest with a collision energy of 30% and an activation time of 30 ms. The product ions were then subjected to further fragmentation under the same conditions, until no further fragments were observed. The identification of the different compounds in the chromatographic profile of the hydroethanolic extract was accomplished by the mechanisms of fragmentation and comparing their mass spectral data with the literature.

4.7. In silico Studies

4.7.1. Predictive Models and Theoretical Calculations

The metabolites identified in the *A. chica* hydroethanolic extract had their geometric, electronic, and vibrational properties optimized using the Gaussian program 09 (Gaussian, Inc., Wallingford CT) [67]. The GaussView 5.0.8 (Semichem Inc., Shawnee Mission, KS) [68] was used to obtain 3D structural models. Geometric optimization calculations were performed according to the Functional Density Theory (DFT) method, combining the functional hybrid B3LYP and the set of bases 6-31++G(d, p).

4.7.2. Molecular Docking

All docking procedures utilized the Autodock 4.2 package [69]. The structure of the cyclooxygenase 2 (COX-2) (PDB ID 1DDX) and ligands were prepared for docking simulations with AutoDock Tools version 1.5.6 [70]. Docking methodology described in literature were used [70] with some modifications [44,53]. Gasteiger partial charges were calculated after addition of all hydrogens, both ligand and macromolecule. Non-polar hydrogens from COX-2 and *A. chica* metabolites were

subsequently merged. The dimensions of the cubic box in the X-, Y- and Z-axes were 120 × 120 × 120 Å, respectively, with a spacing of 0.375 Å between grid points. Grid box was centered on oxygen atom from residue Arg120 from COX-2 and the Lamarckian genetic algorithm (LGA) was chosen to search for the best conformations, with 100 runs for each compound. Initial coordinates of COX-2 and *A. chica* compounds interaction complexes were chosen based on the criterion of the better docking conformation of the cluster with the lowest energy in addition to visual inspection.

4.8. Statistics

The comparison of the means of different experimental groups was performed using Student's *t*-test or univariate analysis of variance (One-way ANOVA), followed by the Tukey test. In the evaluation of two sources of variability, bivariate variance analysis (Two-way ANOVA) was used. The p value <0.05 was considered as indicative of significance and the data obtained were analyzed through the software GraphPad Prism 7.0® software for Windows® (CA, USA).

5. Conclusions

The results of the present study provide evidence that *A. chica* extract has the potential to be used in the treatment of OA. It has been shown to inhibit the enzyme COX-2; additionally, oral treatment for 25 days with *A. chica* hydroethanolic extract (50, 150, and 450 mg/kg) showed antinociceptive activity, producing improvements in incapacitation, motor activity, allodynia and hyperalgesia parameters in rats with OA experimentally induced by MIA.

The extract was able to produce radiological improvements in the affected knees; however, histopathological analysis revealed that the extract apparently did not act significantly on cartilage regeneration. Investigations into prophylactic use of the extract before OA induction may show whether the extract would be effective in preventing cartilage deterioration. Thus, more study is needed.

The results of the present study also showed that *A. chica* extract is rich in flavonoids, which have a large biological potential and may help in the treatment of OA. The in silico assays indicate a possible way of action of the compounds present in the extract, suggesting that through an interaction with cyclooxygenase-2 these compounds reduce the inflammatory process and improve OA.

Author Contributions: Conceptualization, C.C.V. and M.d.S.d.S.C.; methodology, C.C.V., A.J.O.L., E.L.F.S., D.S.C., G.E.B.S., C.Q.d.R. and M.d.S.d.S.C.; formal analysis, C.C.V., M.d.S.d.S.C., A.J.O.L., C.Q.d.R, J.B.S.G., G.E.B.S. and F.C.V.M.L.; investigation, C.C.V., A.J.O.L., E.L.F.S., D.S.C., F.C.V.M.L., G.E.B.S., C.Q.d.R. and M.d.S.d.S.C.; writing—original draft preparation, C.C.V.; writing—review and editing, C.C.V., M.d.S.d.S.C., C.Q.d.R., A.J.O.L. and J.B.S.G.; supervision, M.d.S.d.S.C.; project administration, C.C.V. and M.d.S.d.S.C.; funding acquisition, M.d.S.d.S.C.

Funding: We would like to thank to the Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) for financial support (Process Universal 871/17) and as well the Scholarship to Cleydlenne Vasconcelos and thank to the National High-Performance Processing Center (Centro Nacional de Processamento de Alto Desempenho/CENAPAD-UFC) from the Federal University of Ceará (UFC) for provide the computational resources used in the study.

Conflicts of Interest: The authors declare no conflict of interest and that the funders had no role in the design of the study; in the collection, analyses, or interpretation of data; in the writing of the manuscript, or in the decision to publish the results.

References

1. Calixto, J.B. Twenty-five years of research on medicinal plants in Latin America: A personal view. *J. Ethnopharmacol.* **2005**, *100*, 131–134. [CrossRef] [PubMed]
2. Joly, C.; Haddad, C.; Verdade, L.; Oliveira, M.; Bolzani, V.; Berlinck, R. Diagnóstico da pesquisa em biodiversidade no Brasil. *Rev. USP* **2011**, *89*, 114–133. [CrossRef]
3. Filardi, F.L.R.; de Barros, F.; Baumgratz, J.F.A.; Bicudo, C.E.M.; Cavalcanti, T.B.; Coelho, M.A.N.; Costa, A.F.; Costa, D.P.; Goldenberg, R.; Labiak, P.H.; et al. Brazilian Flora 2020: Innovation and collaboration to meet Target 1 of the Global Strategy for Plant Conservation (GSPC). *Rodriguésia* **2018**, *69*, 1513–1527.

4. Rocha, C.Q.; Vilela, F.C.; Cavalcante, G.P.; Santa-Cecilia, F.V.; Santos-e-Silva, L.; dos Santos, M.H.; Giusti-Paiva, A. Anti-inflammatory and antinociceptive effects of *Arrabidaea brachypoda* (DC.) Bureau roots. *J. Ethnopharmacol.* **2011**, *133*, 396–401. [CrossRef] [PubMed]
5. Lorenzi, H.; Matos, F.J.A. *Plantas medicinais no Brasil: Nativas e exóticas*, 2nd ed.; Instituto Plantarum: Nova Odessa, Brazil, 2008.
6. Wang, H.; Wang, Q.; Yang, M.; Yang, L.; Wang, W.; Ding, H.; Zhang, D.; Xu, J.; Tang, X.; Ding, H.; et al. Histomorphology and innate immunity during the progression of osteoarthritis: Does synovitis affect cartilage degradation? *J. Cell. Physiol.* **2018**, *233*, 1342–1358. [CrossRef] [PubMed]
7. Ximenes, A.C.; Melo, A.M.P.; Custodio, D.M.E. *Dor: Princípios e Prática.*, 1a ed.; Artmed: Porto Alegre, Brazil, 2009.
8. Robinson, W.H.; Lepus, C.M.; Wang, Q.; Raghu, H.; Mao, R.; Lindstrom, T.M.; Sokolove, J. Low-grade inflammation as a key mediator of the pathogenesis of osteoarthritis. *Nat. Rev. Rheumatol.* **2016**, *12*, 580–592. [CrossRef] [PubMed]
9. Siebuhr, A.S.; Bay-Jensen, A.C.; Jordan, J.M.; Kjelgaard-Petersen, C.F.; Christiansen, C.; Abramson, S.B.; Attur, M.; Berenbaum, F.; Kraus, V.; Karsdal, M.A. Inflammation (or synovitis)-driven osteoarthritis: An opportunity for personalizing prognosis and treatment? *Scand. J. Rheumatol.* **2016**, *45*, 87–98. [CrossRef] [PubMed]
10. Bjordal, J.M.; Klovning, A.; Ljunggren, A.E.; Slordal, L. Short-term efficacy of pharmacotherapeutic interventions in osteoarthritic knee pain: A meta-analysis of randomised placebo-controlled trials. *Eur. J. Pain* **2007**, *11*, 125–138. [CrossRef] [PubMed]
11. Tang, C.H. Research of Pathogenesis and Novel Therapeutics in Arthritis. *Int. J. Mol. Sci.* **2019**, *20*, 1646. [CrossRef]
12. Chou, R.; Helfand, M.; Peterson, K.; Dana, T.; Roberts, C.; Health, O.; Helfand, M. *Drug Class Review on Cyclo-Oxygenase (COX)-2 Inhibitors and Non-Steroidal Anti-Inflammatory Drugs (NSAIDs)*; Oregon Health & Science University: Portland, OR, USA, 2006.
13. Muri, E.; Sposito, M.; Metsavaht, L. Antiinflamatórios não-esteroidais e sua farmacologia local. *Acta Fisiátr.* **2009**, *16*, 186–190.
14. Sharma, L.; Kapoor, D.; Issa, S. Epidemiology of osteoarthritis: An update. *Curr. Opin. Rheumatol.* **2006**, *18*, 147–156. [CrossRef] [PubMed]
15. De Rosis, R.G.; Kairalla, M. Osteoartrite: Avaliação clínica e epidemiológica de pacientes idosos em instituição de longa permanência. *Rev. Bras. Clin. Med.* **2010**, *8*, 101–108.
16. Kawano, M.M.; Araújo, I.L.A.; Castro, M.C.; Matos, M.A. Assessment of quality of life in patients with knee osteoarthritis. *Acta Ortop. Bras.* **2015**, *23*, 307–310. [CrossRef] [PubMed]
17. Chapman, E.; Perkin, A.; Robinson, R. The coloring matters of carajuruna. *J Chem Soc* **1927**, 3015–3040. [CrossRef]
18. Zorn, B.; Garcia-Pineres, A.J.; Castro, V.; Murillo, R.; Mora, G.; Merfort, I. 3-Desoxyanthocyanidins from Arrabidaea chica. *Phytochemistry* **2001**, *56*, 831–835. [CrossRef]
19. Devia, B.; Llabres, G.; Wouters, J.; Dupont, L.; Escribano-Bailon, M.T.; de Pascual-Teresa, S.; Angenot, L.; Tits, M. New 3-deoxyanthocyanidins from leaves of *Arrabidaea chica*. *Phytochem. Anal.* **2002**, *13*, 114–119. [CrossRef]
20. Horai, H.; Arita, M.; Kanaya, S.; Nihei, Y.; Ikeda, T.; Suwa, K.; Ojima, Y.; Tanaka, K.; Tanaka, S.; Aoshima, K.; et al. MassBank: A public repository for sharing mass spectral data for life sciences. *J. Mass Spectrom.* **2010**, *45*, 703–714. [CrossRef]
21. Shen, D.; Wu, Q.; Wang, M.; Yang, Y.; Lavoie, E.J.; Simon, J.E. Determination of the predominant catechins in *Acacia catechu* by liquid chromatography/electrospray ionization-mass spectrometry. *J. Agric. Food Chem.* **2006**, *54*, 3219–3224. [CrossRef]
22. Li, Z.H.; Guo, H.; Xu, W.-B.; Ge, J.; Li, X.; Alimu, M.; He, D.J. Rapid Identification of Flavonoid Constituents Directly from PTP1B Inhibitive Extract of Raspberry (*Rubus idaeus* L.) Leaves by HPLC-ESI-QTOF-MS-MS. *J. Chromatogr. Sci.* **2016**, *54*, 805–810. [CrossRef]
23. Bahia, M.V.; David, J.P.; David, J.M. Occurrence of biflavones in leaves of Caesalpinia pyramidalis specimens. *Química Nov.* **2010**, *33*, 1297–1300. [CrossRef]

24. Chen, Y.; Yu, H.; Wu, H.; Pan, Y.; Wang, K.; Jin, Y.; Zhang, C. Characterization and Quantification by LC-MS/MS of the Chemical Components of the Heating Products of the Flavonoids Extract in Pollen Typhae for Transformation Rule Exploration. *Molecules* **2015**, *20*, 18352–18366. [CrossRef] [PubMed]
25. Plazonic, A.; Bucar, F.; Males, Z.; Mornar, A.; Nigovic, B.; Kujundzic, N. Identification and quantification of flavonoids and phenolic acids in burr parsley (*Caucalis platycarpos* L.), using high-performance liquid chromatography with diode array detection and electrospray ionization mass spectrometry. *Molecules* **2009**, *14*, 2466–2490. [CrossRef] [PubMed]
26. Barbosa, W.L.R.; do Nascimento Pinto, L.; Quignard, E.; dos Santos Vieira, J.M.; Silva, J.O.C., Jr.; Albuquerque, S. *Arrabidaea chica* (HBK) Verlot: Phytochemical approach, antifungal and trypanocidal activities. *Rev. Bras. Farmacogn.* **2008**, *18*, 544–548.
27. Iwashina, T.; Smirnov, S.V.; Damdinsuren, O.; Kondo, K. *Saussurea* Species from the Altai Mountains and Adjacent Area, and Their Flavonoid Diversity. *Bull. Natl. Mus. Nat. Sci. Ser. B* **2010**, *36*, 141–154.
28. Takemura, O.S.; Iinuma, M.; Tosa, H.; Miguel, O.G.; Moreira, E.A.; Nozawa, Y. A flavone from leaves of *Arrabidaea chica* f. cuprea. *Phytochemistry* **1995**, *38*, 1299–1300. [CrossRef]
29. Siraichi, J.T.G.; Felipe, D.F.; Brambilla, L.Z.S.; Gatto, M.J.; Terra, V.A.; Cecchini, A.L.; Cortez, L.E.R.; Rodrigues-Filho, E.; Cortez, D.A.G. Antioxidant capacity of the leaf extract obtained from *Arrabidaea chica* cultivated in Southern Brazil. *PLoS ONE* **2013**, *8*, e72733. [CrossRef] [PubMed]
30. Hasrat, J.A.; Pieters, L.; Claeys, M.; Vlietinck, A.; De Backer, J.P.; Vauquelin, G. Adenosine-1 active ligands: Cirsimarin, a flavone glycoside from *Microtea debilis*. *J. Nat. Prod.* **1997**, *60*, 638–641. [CrossRef] [PubMed]
31. Lee, J.; Rodriguez, J.P.; Lee, K.H.; Park, J.Y.; Kang, K.S.; Hahm, D.-H.; Huh, C.K.; Lee, S.C.; Lee, S. Determination of flavonoids from *Cirsium japonicum* var. maackii and their inhibitory activities against aldose reductase. *Appl. Biol. Chem.* **2017**, *60*, 487–496. [CrossRef]
32. Lima, J.C.S.; de Oliveira, R.G.; Silva, V.C.; de Sousa, P.T.J.; Violante, I.M.P.; Macho, A.; de Oliveira Martins, D.T. Anti-inflammatory activity of 4′,6,7-trihydroxy-5-methoxyflavone from *Fridericia chica* (Bonpl.) L.G.Lohmann. *Nat. Prod. Res.*. [CrossRef]
33. Miranda, N.; Gerola, A.P.; Novello, C.R.; Ueda-Nakamura, T.; de Oliveira Silva, S.; Dias-Filho, B.P.; Hioka, N.; de Mello, J.C.P.; Nakamura, C.V. Pheophorbide a, a compound isolated from the leaves of *Arrabidaea chica*, induces photodynamic inactivation of *Trypanosoma cruzi*. *Photodiagnosis Photodyn. Ther.* **2017**, *19*, 256–265. [CrossRef]
34. Liu, X.; Machado, G.C.; Eyles, J.P.; Ravi, V.; Hunter, D.J. Dietary supplements for treating osteoarthritis: A systematic review and meta-analysis. *Br. J. Sports Med.* **2018**, *52*, 167–175. [CrossRef] [PubMed]
35. Maksimović, Z.; Samardžić, S. Herbal Medicinal Products in the Treatment of Osteoarthritis. In *Osteoarthritis Biomarkers and Treatments*; IntechOpen: London, UK, 2018. [CrossRef]
36. Ribeiro, A.F.C. Avaliação das atividades anti-inflamatoria, antiangiogenica e anti-tumoral de extratos de *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) B. Verlot. Ph.D. Thesis, Universidade Federal de Minas Gerais—UFMG, Belo Horizonte, Brazil, 2012.
37. Michel, A.F.R.M.; Melo, M.M.; Campos, P.P.; Oliveira, M.S.; Oliveira, F.A.S.; Cassali, G.D.; Ferraz, V.P.; Cota, B.B.; Andrade, S.P.; Souza-Fagundes, E.M. Evaluation of anti-inflammatory, antiangiogenic and antiproliferative activities of Arrabidaea chica crude extracts. *J. Ethnopharmacol.* **2015**, *165*, 29–38. [CrossRef] [PubMed]
38. Lima, F.C.V.M. Efeito de Arrabidaea chica Verlot na dor neuropática póstraumática em ratos. Ph.D. Thesis, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brazil, 2018.
39. Hohjoh, H.; Inazumi, T.; Tsuchiya, S.; Sugimoto, Y. Prostanoid receptors and acute inflammation in skin. *Biochimie.* **2014**, *107*, 78–81. [CrossRef] [PubMed]
40. Choudhary, D.; Kothari, P.; Tripathi, A.K.; Singh, S.; Adhikary, S.; Ahmad, N.; Kumar, S.; Dev, K.; Mishra, V.K.; Shukla, S.; et al. Spinacia oleracea extract attenuates disease progression and sub-chondral bone changes in monosodium iodoacetate-induced osteoarthritis in rats. *BMC Complement. Altern. Med.* **2018**, *18*, 69. [CrossRef] [PubMed]
41. Chien, T.-Y.; Huang, S.K.-H.; Lee, C.-J.; Tsai, P.-W.; Wang, C.-C. Antinociceptive and Anti-Inflammatory Effects of Zerumbone against Mono-Iodoacetate-Induced Arthritis. *Int. J. Mol. Sci.* **2016**, *17*, 249. [CrossRef] [PubMed]

42. Verri, W.A.J.; Cunha, T.M.; Parada, C.A.; Poole, S.; Cunha, F.Q.; Ferreira, S.H. Hypernociceptive role of cytokines and chemokines: Targets for analgesic drug development? *Pharmacol. Ther.* **2006**, *112*, 116–138. [CrossRef] [PubMed]
43. Kumari, R.R.; More, A.S.; Gupta, G.; Lingaraju, M.C.; Balaganur, V.; Kumar, P.; Kumar, D.; Sharma, A.K.; Mishra, S.K.; Tandan, S.K. Effect of alcoholic extract of *Entada pursaetha* DC on monosodium iodoacetate-induced osteoarthritis pain in rats. *Indian J. Med. Res.* **2015**, *141*, 454–462. [PubMed]
44. Calado, G.P.; Lopes, A.J.O.; Costa Junior, L.M.; Lima, F.D.C.A.; Silva, L.A.; Pereira, W.S.; do Amaral, F.M.M.; Garcia, J.B.S.; Cartágenes, M.D.S.D.S.; Nascimento, F.R.F. *Chenopodium ambrosioides* L. Reduces Synovial Inflammation and Pain in Experimental Osteoarthritis. *PLoS ONE* **2015**, *10*, e0141886. [CrossRef] [PubMed]
45. Seeram, N.P.; Momin, R.A.; Nair, M.G.; Bourquin, L.D. Cyclooxygenase inhibitory and antioxidant cyanidin glycosides in cherries and berries. *Phytomedicine* **2001**, *8*, 362–369. [CrossRef] [PubMed]
46. Dougados, M.; Nguyen, M.; Berdah, L.; Mazieres, B.; Vignon, E.; Lequesne, M. Evaluation of the structure-modifying effects of diacerein in hip osteoarthritis: ECHODIAH, a three-year, placebo-controlled trial. Evaluation of the Chondromodulating Effect of Diacerein in OA of the Hip. *Arthritis Rheum.* **2001**, *44*, 2539–2547. [CrossRef]
47. Dieppe, P.A.; Lohmander, L.S. Pathogenesis and management of pain in osteoarthritis. *Lancet* **2005**, *365*, 965–973. [CrossRef]
48. Manach, C.; Scalbert, A.; Morand, C.; Rémésy, C.; Jiménez, L. Polyphenols: Food sources and bioavailability. *Am. J. Clin. Nutr.* **2004**, *79*, 727–747. [CrossRef] [PubMed]
49. Marques, J.I.; Alves, J.S.F.; Torres-Rêgo, M.; Furtado, A.A.; da Silva Siqueira, E.M.; Galinari, E.; de Souza Araújo, D.F.; Guerra, G.C.B.; de Azevedo, E.P.; Fernandes-Pedrosa, M.D.F.; et al. Phytochemical Analysis by HPLC–HRESI-MS and Anti-Inflammatory Activity of Tabernaemontana catharinensis. *Int. J. Mol. Sci.* **2018**, *19*, 636. [CrossRef]
50. Lopes, A.J.O.; Vasconcelos, C.C.; Pereira, F.A.N.; Silva, R.H.M.; Queiroz, P.F.S.; Fernandes, C.V.; Garcia, J.B.S.; Ramos, R.M.; Rocha, C.Q.; Lima, S.T.J.R.M.; et al. Anti-Inflammatory and Antinociceptive Activity of Pollen Extract Collected by Stingless Bee *Melipona fasciculata*. *Int. J. Mol. Sci.* **2019**, *20*, 4512. [CrossRef]
51. Rowlinson, S.W.; Kiefer, J.R.; Prusakiewicz, J.J.; Pawlitz, J.L.; Kozak, K.R.; Kalgutkar, A.S.; Stallings, W.C.; Kurumbail, R.G.; Marnett, L.J. A novel mechanism of cyclooxygenase-2 inhibition involving interactions with Ser-530 and Tyr-385. *J. Biol. Chem.* **2003**, *278*, 45763–45769. [CrossRef]
52. Xu, S.; Hermanson, D.J.; Banerjee, S.; Ghebreselasie, K.; Clayton, G.M.; Garavito, R.M.; Marnett, L.J. Oxicams bind in a novel mode to the cyclooxygenase active site via a two-water-mediated H-bonding Network. *J. Biol. Chem.* **2014**, *289*, 6799–6808. [CrossRef]
53. Silva, R.H.M.; Lima, N.D.F.M.; Lopes, A.J.O.; Vasconcelos, C.C.; de Mesquita, J.W.C.; de Mesquita, L.S.S.; Lima, F.C.V.M.; Ribeiro, M.N.D.S.; Ramos, R.M.; Cartágenes, M.D.S.D.S.; et al. Antinociceptive activity of *Borreria verticillata:* In vivo and in silico studies. *Front. Pharmacol.* **2017**, *8*, 1–14.
54. Oh, J.; Rho, H.S.; Yang, Y.; Yoon, J.Y.; Lee, J.; Hong, Y.D.; Kim, H.C.; Choi, S.S.; Kim, T.W.; Shin, S.S.; et al. Extracellular signal-regulated kinase is a direct target of the anti-inflammatory compound amentoflavone derived from *Torreya nucifera*. *Mediators Inflamm.* **2013**, *2013*, 761506. [CrossRef]
55. Banerjee, T.; Van der Vliet, A.; Ziboh, V.A. Downregulation of COX-2 and iNOS by amentoflavone and quercetin in A549 human lung adenocarcinoma cell line. *Prostaglandins. Leukot. Essent. Fatty Acids* **2002**, *66*, 485–492. [CrossRef]
56. Sakthivel, K.M.; Guruvayoorappan, C. Amentoflavone inhibits iNOS, COX-2 expression and modulates cytokine profile, NF-kappaB signal transduction pathways in rats with ulcerative colitis. *Int. Immunopharmacol.* **2013**, *17*, 907–916. [CrossRef] [PubMed]
57. Nagy, E.; Vajda, E.; Vari, C.; Sipka, S.; Farr, A.-M.; Horvath, E. Meloxicam ameliorates the cartilage and subchondral bone deterioration in monoiodoacetate-induced rat osteoarthritis. *PeerJ* **2017**, *5*, e3185. [CrossRef] [PubMed]
58. Fernihough, J.; Gentry, C.; Malcangio, M.; Fox, A.; Rediske, J.; Pellas, T.; Kidd, B.; Bevan, S.; Winter, J. Pain related behaviour in two models of osteoarthritis in the rat knee. *Pain* **2004**, *112*, 83–93. [CrossRef] [PubMed]
59. Silva, A.; Andersen, M.L.; Tufik, S. Sleep pattern in an experimental model of osteoarthritis. *Pain* **2008**, *140*, 446–455. [CrossRef] [PubMed]

60. Monville, C.; Torres, E.M.; Dunnett, S.B. Comparison of incremental and accelerating protocols of the rotarod test for the assessment of motor deficits in the 6-OHDA model. *J. Neurosci. Methods* **2006**, *158*, 219–223. [CrossRef] [PubMed]
61. Schott, E.; Berge, O.G.; Angeby-Moller, K.; Hammarstrom, G.; Dalsgaard, C.J.; Brodin, E. Weight bearing as an objective measure of arthritic pain in the rat. *J. Pharmacol. Toxicol. Methods* **1994**, *31*, 79–83. [CrossRef]
62. Santos-Nogueira, E.; Redondo Castro, E.; Mancuso, R.; Navarro, X. Randall-Selitto test: A new approach for the detection of neuropathic pain after spinal cord injury. *J. Neurotrauma* **2012**, *29*, 898–904. [CrossRef]
63. Randall, L.O.; Selitto, J.J. A method for measurement of analgesic activity on inflamed tissue. *Arch. Int. Pharmacodyn. Ther.* **1957**, *111*, 409–419.
64. Moller, K.A.; Johansson, B.; Berge, O.G. Assessing mechanical allodynia in the rat paw with a new electronic algometer. *J. Neurosci. Methods* **1998**, *84*, 41–47. [CrossRef]
65. Kellgren, J.H.; Lawrence, J.S. Radiological assessment of osteo-arthrosis. *Ann. Rheum. Dis.* **1957**, *16*, 494–502. [CrossRef]
66. Pritzker, K.P.H.; Gay, S.; Jimenez, S.A.; Ostergaard, K.; Pelletier, J.-P.; Revell, P.A.; Salter, D.; van den Berg, W.B. Osteoarthritis cartilage histopathology: Grading and staging. *Osteoarthr. Cartil.* **2006**, *14*, 13–29. [CrossRef] [PubMed]
67. Frisch, M.J.; Trucks, G.W.; Schlegel, H.B.; Scuseria, G.E.; Robb, M.A.; Cheeseman, J.R.; Scalmani, G.; Barone, V.; Petersson, G.A.; Nakatsuji, H.; et al. *Gaussian 09*; Gaussian, Inc.: Wallingford, UK, 2009.
68. Dennington, R.; Keith, T.A.; Millam, J.M. *GaussView5*; Semichem Inc.: Shawnee Mission, KS, USA, 2016.
69. Morris, G.M.; Goodsell, D.S.; Halliday, R.S.; Huey, R.; Hart, W.E.; Belew, R.K.; Olson, A.J. Automated docking using a Lamarckian genetic algorithm and an empirical binding free energy function. *J. Comput. Chem.* **1998**, *19*, 1639–1662. [CrossRef]
70. Morris, G.M.; Huey, R.; Olson, A.J. Using AutoDock for ligand-receptor docking. *Curr. Protoc. Bioinform.* **2008**, *24*, 8.14.1–8.14.40.

4.2 CAPÍTULO II

Artigo "*Arrabidaea chica* **Verlot fractions reduces MIA-induced osteoarthritis progression in rats' knees",** submetido a revista ***Inflammopharmacology*** (ISSN 0925-4692).

Fator de Impacto JCR2019: 3.238 | Qualis A2

Arrabidaea chica Verlot fractions reduce MIA-induced osteoarthritis progression in rat knees

Cleydlenne Costa Vasconcelos[1]*, Alberto Jorge Oliveira Lopes[1], Emilly de Jesus Garcia Ataide[1], Kevin Waquim Pessoa Carvalho[1], Maria Fernanda Freitas de Brito[2], Marineide Sodré Rodrigues[1], Sebastião Vieira de Morais[1], Gyl Eanes Barros Silva[1,2], Claudia Quintino da Rocha[3], João Batista Santos Garcia[1] and Maria do Socorro de Sousa Cartágenes[1]*

[1] Biological and Health Sciences Center, Federal University of Maranhão, Av. dos Portugueses 1966, São Luís, MA, Postal Code: 65085–580, Brazil;

[2] Hospital Universitário Presidente Dutra, HUPD, Federal University of Maranhão, São Luís, MA, Brazil;

[3] Chemistry Department, Federal University of Maranhão, São Luís, MA, Brazil;

* Correspondence: cleydlenne@yahoo.com.br; scartagenes@gmail.com

Acknowledgments: The authors like to thank the Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) for financial support (Universal 871/17 grant process) and for the PhD scholarship givern to Cleydlenne Vasconcelos and the Federal University of Ceará (UFC) National High-Performance Processing Center (Centro Nacional de Processamento de Alto Desempenho/CENAPAD-UFC) for providing the computational resources used in this study.

Abbreviations

OA	osteoarthritis
IL-1	Interleukin-1
IL-6	Interleukin-6
COX-1	Cyclooxygenase-1
COX-2	Cyclooxygenase-2
NSAIDS	nonsteroidal anti-inflammatory drugs
Hex	n-hexane
EtAc	ethyl acetate
But	butanol
SISGEN	National System of Genetic Heritage Management and Associated Traditional Knowledge
ECAU	Ethics Committee in Animal Use
UFMA	Federal University of Maranhão
MIA	sodium monoiodoacetate
NaCl	Sodium chloride (saline)
APW	affected paw weight
CPW	contralateral paw weight
EDTA	Ethylenediaminetetraacetic acid
OARSI	Osteoarthritis Research Society International
GC/MS	gas chromatograph and mass spectrometry
EI-MS	Electron-impact mass spectra
DFT	Density Functional Theory
ANOVA	Analysis of variance
iNOS	Inducible nitric oxide synthase
PGE2	Prostaglandin E2
TNF-α	Tumour necrosis factor-α
NF-κB	Nuclear factor kappa B

p38MAPK	p38 mitogen-activated protein kinases
DPPH	2,2 Diphenyl 1 picrylhydrazyl
ABTS	2,2'-azinobis-3-ethylbenzothiazoline-6- sulfonic acid
NO	nitric oxide
IL-1β	Interleukin-1β
IFN-γ	*Interferon-gamma*
LPS	*Lipopolysaccharide*
PBMC	peripheral blood mononuclear cell

Abstract: This study aims to investigate the activity of n-hexane, ethyl acetate and butanol fractions obtained from *Arrabidaea chica* Verlot against MIA-induced osteoarthritis (OA). The antinociceptive potentials of each fraction were evaluated through a cyclooxygenase (COX) 1 and 2 inhibition test and an *in vivo* OA-model. In addition, toxicity assessments in the liver, spleen and kidney, as well as radiographic and histopathological knee analyses, were performed. The chemical composition of the n-hexane fraction was elucidated, and a molecular docking protocol was carried out to identify which compounds are associated to the detected bioactivity. The n-hexane *A. chica* fraction preferentially inhibits COX-2, with 90% inhibition observed at 10 µg/mL. The fractions also produced significant improvements in OA incapacity, motor activity and hyperalgesia parameters and in radiological knee conditions. However, concerning the histopathological evaluations, these improvements were only significant in the hexane and ethyl acetate fraction treatments, which resulted in better average scores, suggesting that these fractions slow OA-promoted joint injury progression. Histopathological organ analyses indicate that the fractions are not toxic to animals. Twenty compounds were identified in the n-hexane fraction, comprising fatty acids, terpenes and phytosterols. *In silico* analyses indicate the presence of favourable interactions between some of the identified compounds and the COX–2 enzyme, mainly concerning alpha-tocopherol (Vitamin E), squalene and beta-sitosterol. The findings indicate that *A. chica* fractions display analgesic, anti-inflammatory properties, are non-toxic and are able to slow OA progression, and may, therefore, be prioritized as natural products in OA human clinical trials.

Keywords: new drug candidates; cartilage damage; molecular docking; joint degeneration.

1. Introduction

Osteoarthritis (OA) is a musculoskeletal disorder of significant public health importance worldwide, because, as it is a currently irreversible and debilitating condition and increases mortality and cardiovascular event risks, generating relevant socioeconomic impacts (Hsu et al. 2016; Turkiewicz et al. 2019). Musculoskeletal diseases now represent the second main cause of years of life lived with a disability, with OA responsible for 7.1% of this burden (Kloppenburg and Berenbaum 2020). OA is a multifactorial disease presenting higher incidence risks with old age, overweight, genetic factors, diet, gender, trauma and physical or occupational activities that imply biomechanical joint tension (Smith et al. 2004; McWilliams et al. 2011; Murphy et al. 2016).

OA is a degenerative disease, characterized by progressive damage to the articular cartilage and changes in the subchondral region and perichondral muscle, which hinder free movement and cause pain (Alves-Neto; et al. 2009; Robinson et al. 2016). Inflammation is a common finding in this disease, since the osteoblasts in the subchondral region exhibit a pro-inflammatory phenotype, with increases in several inflammatory mediators, such as prostaglandins, produced mainly by the activity of cyclooxygenase-2 (COX-2), and interleukins, such as IL-1 and IL-6 (Martel-Pelletier et al. 2003; Henrotin et al. 2006; Robinson et al. 2016).

The current pharmacological treatment for OA consists in the use of analgesics, COX-2 enzyme inhibitor drugs and nonsteroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs), although this approach is still

insufficient, since these drugs cannot reverse the progress of this disease and result in important side effects, important, in addition to the persistent nature of pain to current treatments (Bjordal et al. 2007; Tang 2019).

A treatment perspective for OA is Alternative and Complementary Medicine, which comprises, among others, the use of nutritional and botanical products, also known as herbal medicines, that may represent an alternative not only for symptom treatment, but also for the natural progression of disorder's or disease's (Akhtar et al. 2011; Umar et al. 2014; Li et al. 2017).

Arrabidaea chica (Humb. & Bonpl.) Verlot is noteworthy among popular medicinal plants. This species is found predominantly in tropical regions of the Americas and Africa (von Poser et al. 2000) and is traditionally used for several therapeutic purposes, mainly due to its anti-inflammatory and healing activities concerning skin and blood disorders and leukaemia (Lorenzi and Matos 2008; Aro et al. 2013; Michel et al. 2015; de Araújo et al. 2017). Previous studies by our research group have reported the analgesic properties of *A. chica* hydroethanolic extracts (Lima 2017; Vasconcelos et al. 2019), although the search for the active fraction of this plant and the identification and/or elucidation of its active principle justifying the aforementioned biological activities is paramount in obtaining an effective and safe herbal medicine.

In this context, the present study aims to investigate the use of *A. chica* fractions as a therapeutic alternative for OA treatment through *in vitro*, *in silico* and in vivo assays. We aim, therefore, to suggest its possible mechanisms of action and propose new drug alternatives for OA management, so that one can intervene not only in OA symptoms, but also in OA pathogenesis, including improvements to cartilage health and inflammation inhibition.

2. Material and Methods

2.1. Plant collection and fraction preparation

Arrabidaea chica leaves were collected in São Luis (2 ° 33′29 ″S, 44 ° 18 ′30″ W), in the state of Maranhão, Brazil, from 5 pm to 6 pm. One sample was deposited at the "Atico Seabra" Herbarium, Federal University of Maranhão (UFMA), and was identified and catalogued as no. 1.067. The plant material was dehydrated at 40 °C in an air circulation and renewal oven and then pulverized in an electric mill. An hydroethanolic extract was obtained as described previously (Vasconcelos et al. 2019). The hydroethanolic extract (70% v/v) was then dissolved in methanol/water (80:20 v/v) under stirring, and the extractive solution was then submitted to liquid-liquid partition using n-hexane, ethyl acetate and butanol. The solutions were filtered and concentrated using a rotary evaporator at 40ºC under vacuum, to obtain the n-hexane (Hex), ethyl acetate (EtAc) and butanol (But) fractions, which were freeze-dried before use, thus ensuring total solvent removal. This study is registered at the National System of Genetic Heritage Management and Associated Traditional Knowledge (SISGEN) under code AAF93D3, as determined by Brazilian legislation for studies that use Brazilian genetic heritage, samples.

2.2. In vitro COX inhibition test

In-vitro COX-1 and 2 tests were performed to assess the potential of *A. chica* fractions in inhibiting these important enzymes implicated in the inflammatory process, since they catalyse the synthesis of prostaglandins from arachidonic acid. The tests were performed according to the manufacturer's

instructions (Colorimetric COX Inhibitor Screening Assay Kit, Cayman Chemical ®) and COX-1 and 2 inhibition percentages were calculated from absorbance values determined at 590 nm. The inhibition tests were performed with the n-hexane, ethyl acetate and butanol *A. chica* fractions solubilized in 70% ethanol/water (70:30, *v*/*v*) at three concentrations (2, 10 and 50 µg/mL). This solvent mixture was used in all control reactions, with and without enzymes, as described previously (Lopes et al. 2019).

2.3 In vivo experimental studies

All *in vivo* experimental assessment protocols were approved and authorized on May 22, 2017 by the Federal University of Maranhão (UFMA) Ethics Committee in Animal Use (ECAU), under protocol code 23115.000372/2017- 09 and performed according to the International Association for the Study of Pain (IASP) Guidelines for the Use of Animals in Research.

2.3.1 Animals

The *in vivo* experimental model comprised adults male Wistar rats (*Rattus norvegicus*) approximately 60 days-old obtained from UFMA's Central Vivarium (Biotério Central) . During the entire experimental period, the animals were fed standard chow and water, *ad libitum*, and maintained under controlled temperature (23 ± 1 ºC), humidity (40–60%) and 12-hour light-dark cycle.

2.3.2 Experimental design

The animals were randomly divided into groups (N = 6). The CLEAN group did not undergo any type of intervention, while other groups received an intra-articular sodium monoiodoacetate (MIA) injection (2 mg) to induce osteoarthritis in the right knee, followed by their respective treatments: saline solution - NaCl 0.9% (vehicle) (CTL -), Meloxicam ® - 0.5 mg/kg (CTL + Melox), *A. chica* Hex fraction 5 mg/kg; *A. chica* EtAc fraction 5 mg/kg, *A. chica* But fraction 5 mg/kg (with sample sonication for complete solubilization). The animals received this daily dose orally by the orogastric route, using the gavage method, from D3 to D28 day (Fig. 1). These groups were clinically assessed for antinociceptive activity by incapacitation (Weight Bearing test), mechanical hyperalgesia (Randall-Selitto Test) and motor activity (Rotarod test) every 7 days, and were euthanized on the 29th day after of OA induction, using a 2:1 anesthetic ketamine hydrochloride (100 mg/kg) and xylazine hydrochloride (80 mg/kg) solution. The liver, spleen and kidneys were collected for toxicity assessment. The right OA-induced paw was also collected for radiographic and histopathological analyses (Fig. 1).

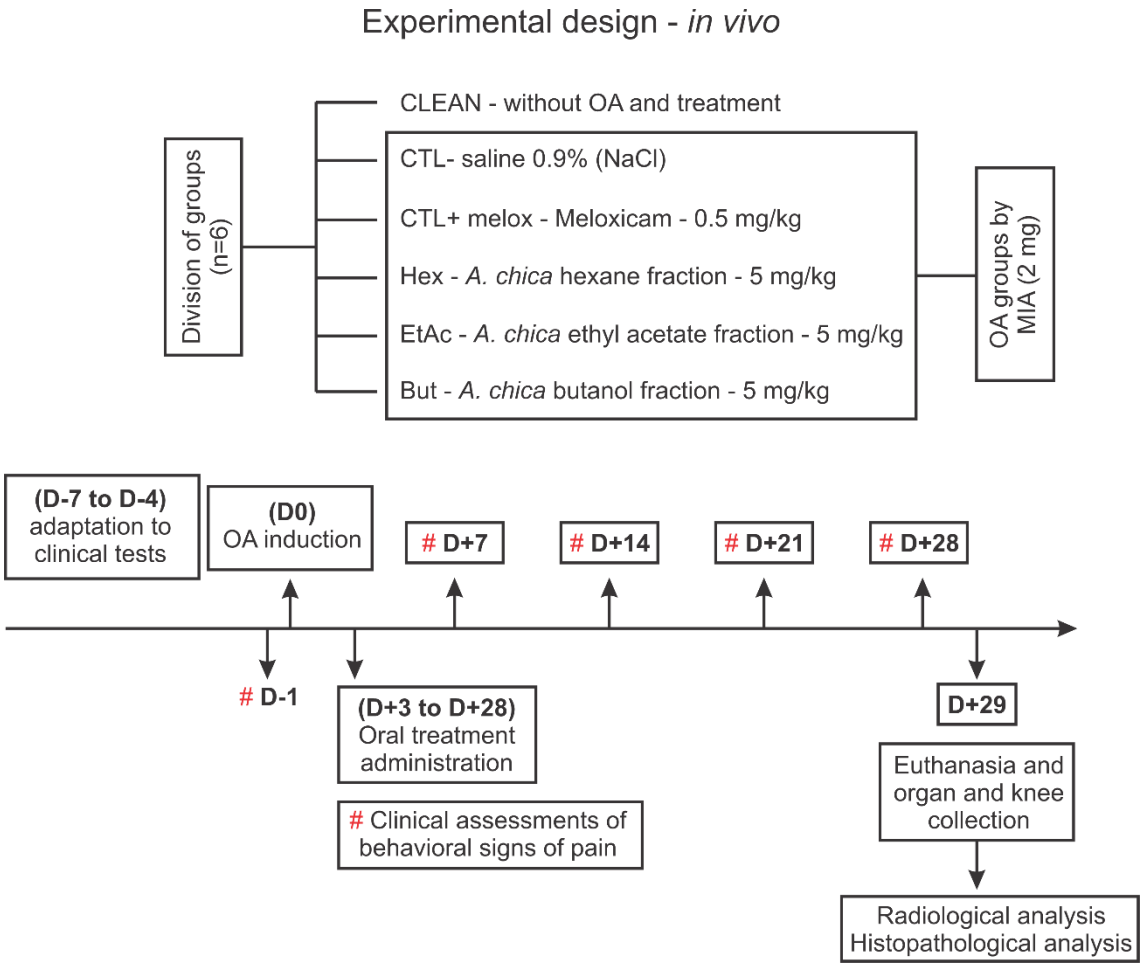


Fig. 1. Experimental design applied in the present study.

2.3.3 Clinical assessments

2.3.3.1 Evaluation of Motor Activity/Forced Deambulation (Rotarod Test)

The animals were placed on a rotating bar (IITC model, Life Science) at 16 rpm for 300 s. The use of the affected limb was assessed by forced walking. Paw use was assessed on a 5 to 1 numerical scale, where: 5 = normal paw use, 4 = mild claudication, 3 = severe claudication, 2 = intermittent disuse of the affected paw and 1 = complete disuse of the affected paw (Kalff et al. 2010).

2.3.3.2 Incapacitation/Weight Distribution Test on Hind Legs (Weight Bearing)

The animals were placed in an angled glass chamber and positioned so that each hind leg rested on different platforms. The weight exercised on each hind leg (measured in grams) was evaluated for five seconds. The final measurement was given by an average of three measurements (Schött et al. 1994).

Changes in weight leg distribution were calculated as follows:

Weight distribution (%) = APW / (APW + CPW) x 100

Where APW represents the affected paw weight and CPW represents the contralateral paw weight.

2.3.3.3 Mechanical Hyperalgesia (Randall-Selitto Test)

Mechanical hyperalgesia was assessed using the nociceptive threshold of paw removal under mechanical pressure using an analgesimeter (model IITC Life Science, California, United States). A wedge-shaped device (1.75mm² area) was applied to the dorsal surface of the hind legs with increasing linear pressure until the animal produced a response characterized by paw removal. Three measurements were performed on the ipsilateral and contralateral paws. A cut-off pressure of 250g was programmed to avoid tissue damage. The paw withdrawal reflex was considered to represent the hypernociceptive threshold. The nociceptive paw withdrawal threshold (LNRP) was recorded in grams and defined as the percentage of pressure necessary to cause the ipsilateral affected paw to be removed, calculated as follows:

NPWT (%) = NAPWT / (NAPWT + NCPWT) x 100

where NPWT is nociceptive paw withdrawal threshold, NAPWT comprises nociceptive affected paw-withdrawal threshold and NCPWT consists in the nociceptive contralateral paw withdrawal threshold (Randall and Selitto 1957; Santos-Nogueira et al. 2012).

2.3.4 Radiological analysis

After euthanasia, the animals right hind legs were amputated and subjected to radiographs in anteroposterior and lateral views, aiming to assess decreased joint space, subchondral bone sclerosis and the presence of osteophytes in the evaluated knees. The profile view was used to classify osteoarthritis by the Kellgren-Lawrence method (Kellgren and Lawrence 1957), where five degrees of classification are assigned: 0 - no arthrosis, normal radiology; grade I - doubtful arthrosis: doubtful joint narrowing, possible marginal osteophyte; grade II - minimal arthrosis: possible narrowing, definitive osteophyte; grade III - moderate arthrosis: definitive narrowing, multiple osteophytes, some subchondral sclerosis, possible bone deformity; grade IV - severe arthrosis: remarkable joint narrowing, severe subchondral sclerosis, large osteophytes, definite deformity.

2.3.5 Histopathological analysis of the articular cartilage

After euthanasia at D29, the knee of each animal was removed and fixed in 10% buffered formaldehyde, followed by decalcification in 20% ethylenediaminetetraacetic acid (EDTA) for 28 days. A paraffin block inclusion protocol was then performed (5 µm sample sectioning), followed by specific staining of the proteoglycans of the organic cartilage matrix with 0.5% O-safranin. Histopathological evaluations were performed according to Osteoarthritis Research Society International (OARSI) Guidelines. The slides were blindly analysed by a pathologist, who classified the samples on a scale from 0 to 6, according to joint cartilage injury severity. The classification considered the most serious injury observed on the slide, regardless of the extent of the injury. Grade 0 indicates a morphologically intact cartilage, grade 1 indicates an intact surface with possible focal lesions or abrasion, grade 2 indicates discontinuity on the joint surface, grade 3 comprises vertical cracks, grade 4 indicates erosions, grade 5 consists in bone denudations sclerotic or fibrocartilaginous tissue repair or both, and grade 6, bone remodelling and deformation with articular surface contour changes (Pritzker et al. 2006).

2.4 Analysis of the A. chica n-hexane fraction by gas chromatography–mass spectrometry

The *A. chica* n-hexane fraction analysis was performed by gas chromatograph mass spectrometry (GC/MS) using a GC-2010gas chromatograph (Shimadzu, Japan) coupled to a CGMSQP2010 mass spectrometer (Ultra Shimadzu, Japan) with a capillary column fused silica SGE BPX5 column (30m × 0.25 mm x 0.25 µm, SIS, USA). The oven temperature was programmed to linearly increase from 60 °C to 240 °C at 3 ºC/min., resulting in a 60 min elution time. Helium was used as the carrier gas at a flow rate of 1.8 mL/min, and an injection volume of 1 µL at a split ratio 1:5 was applied. The injector and detector temperature was set at 280 ºC. Electron-impact mass spectra (EI-MS; 70 eV) were acquired at the mass-to-charge ratios (m/z) range from 35 to 700. The compounds were identified through comparison of the obtained mass spectra with the NIST14s library.

2.5 In silico studies

2.5.1. Predictive models and theoretical calculations

The identified *A. chica* n-hexane fraction metabolites had their geometric, electronic and vibrational properties optimized using the Gaussian09 software (Frisch et al. 2016). The GaussView 5.0.8 (Dennington et al. 2016) was used to obtain 3D structural models. Geometric optimization calculations were performed according to the Density Functional Theory (DFT) method, combining the functional hybrid B3LYP and the set of bases 6-31 ++ G (d, p).

2.*5.2 Molecular docking*

All docking procedures utilized the Autodock Vina software (Trott and Olson 2009). The structure of cyclooxygenase-2 (COX-2) (PDB ID 1DDX) and the ligands were prepared for docking simulations using the AutoDock Tools, version 1.5.7 software (Morris et al. 2009). A docking methodology described in literature were used (Morris et al. 1998), with modifications (Vasconcelos et al. 2019; Lopes et al. 2020). Gasteiger partial charges were calculated after addition of all hydrogens for both the ligands and COX-2 structure. Non-polar hydrogens from COX-2 and the identified *A. chica* metabolites were subsequently merged. The dimensions of cubic box in the X-, Y- and Z-axes were 30 x 30 x 30. The grid box was centred on the oxygen atom from the COX-2 Arg120 residue. Initial COX-2 coordinates and *A. chica* compound interactions complexes were chosen based on the criterion of better docking conformation with the lowest energy score, in addition to visual inspection.

2.6 Statistical analysis

The comparison of the means of different experimental groups was performed using Student's t test or a univariate analysis of variance (One- way ANOVA), followed by the Tukey test. A bivariate variance analysis (Two-way ANOVA) was used to assess two sources of variability. A p value <0.05 was considered as indicative of significance and the obtained data were analysed using the GraphPad Prism 7.0 ® software for Windows® (CA, USA).

3. Results

3.1. Inhibition of cyclooxygenase 1 and 2

The *in vitro* inhibition of COX-1 and COX-2 indicates that *A. chica* n-hexane, ethyl acetate and butanol fractions exhibit potential inhibitory activity against both enzyme isoforms, varying in COX-1 inhibition from approximately 28% (butanol fraction) up to 55% (hexane fraction) at the highest tested concentration, of 50 µg/mL. At this same concentration, the tested fractions also inhibited COX-2 enzyme 55% (butanol fraction) and 97% (n-hexane fraction) (Fig. 2). The results also indicate that the n-hexane fraction exhibits better inhibition potential, able to inhibit COX-2 by about 95% at 10 µg/mL (Fig. 2B), and COX-1, by around 46% (Fig. 2A). Thus, the n-hexane fraction inhibited COX-2 over 2-fold compared to COX-1, demonstrating higher selectively for the former.

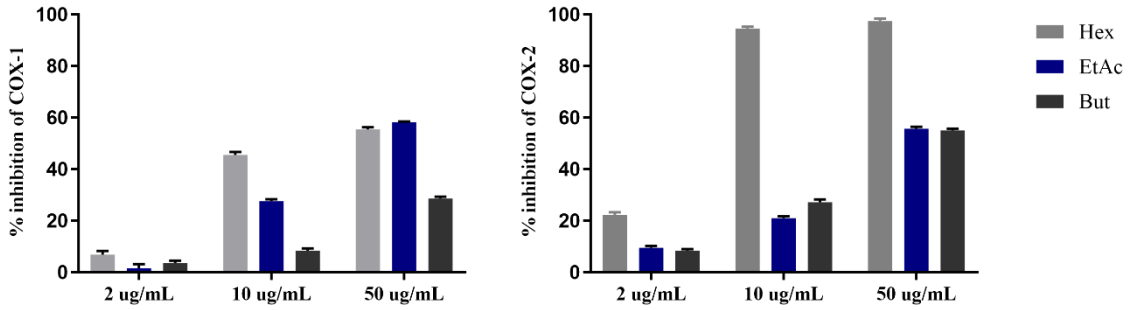


Fig. 2. Percentual *in vitro* inhibition of COX-1 (A) and COX-2 (B), induced by *Arrabidaea chica* n-hexane (Hex), ethyl acetate (EtAc) and butanol (But) fractions, tested at 2, 10 and 50 µg/mL.

3.2. Clinical assessments

3.2.1 Motor Activity/Forced Deambulation (Rotarod Test) evaluation

The deambulation score of all OA-induced groups (CTL-, CTL + Melox, Hex, EtAc and But) was similarly reduced in D7 (Fig. 3) demonstrating effective induction. From D14 after induction, the groups treated with *A. chica* fractions (Hex, EtAc and But) and with meloxicam (CTL + Melox) exhibited significant improvement in motor activity, improving respectively by up to 26.3% and 23.5% when compared to the saline group (CTL-), which received no treatment. On D21, treatment with meloxicam (CTL + Melox) improved motor activity in 27.9%, while the Hex and But fractions both improved motor activity in 35.4% and the EtAc fraction, in 32.6% in relation to the saline group (CTL-). On D28, all treatments also produced significant motor activity improvement in treated animals compared to the saline group (Fig. 3), demonstrating that *A. chica* fractions exhibit analgesic activity and improve the mobility of animals presenting OA.

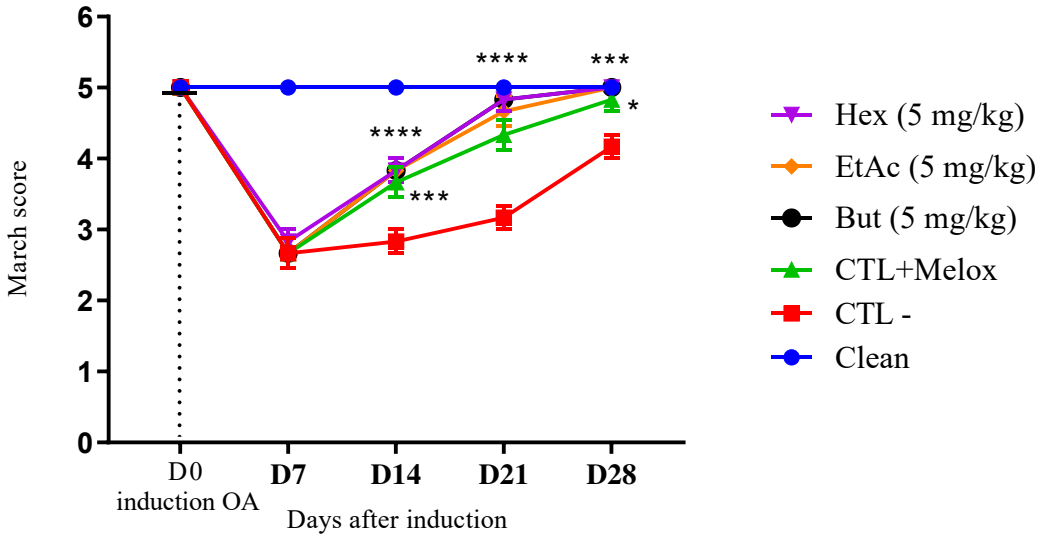


Fig. 3. Effects of *Arrabidaea chica* n-hexane (Hex), ethyl acetate (EtAc) and butanol (But) fractions on the motor activity/forced ambulation of rats presenting induced OA, evaluated using the Rotarod test score. The animals received their respective treatments of oral saline (CTL-), meloxicam (CTL + Melox) and fractions (Hex, EtAc and But - 5 mg/kg) from D3 to D28, and were evaluated on days 7, 14, 21 and 28, after OA induction. Data are represented as means ± standard error of the means (SEM). The healthy group is represented by animals without osteoarthritis and without any treatment (CLEAN). * Represents significant differences, at P <0.05; *** at P <0.0005; **** at P <0.0001 compared to the saline group (CTL-).

3.2.2. Incapacitation/Weight Distribution Test on Hind Legs (Weight Bearing)

The healthy group (CLEAN) exhibited symmetrical support on the two hind limbs after the beginning and at the end of the experiment, with a score of around 50% indicating loss of joint discomfort. The other OA-induced groups (CTL-, CTL + Melo, Hex, EtAc and But) exhibited signs of discomfort on D7, distributing the weight predominantly on the unaffected limb (left side), with marked reduction in weight placed on the affected limb (right side). This pattern demonstrates that OA-induction was efficient. However, on days 14, 21 and 28, the animals in the CTL + Mel, Hex, Acet and But groups displayed significant improvement in weight distribution between the lower limbs and exhibited over 40% of the weight distribution on the affected leg, while the CTL- group exhibited less than 20%. Therefore, the Meloxicam and *A. chica* fraction treatments were able to reduce incapacity compared to the saline group ($p < 0.0001$) (Fig. 4).

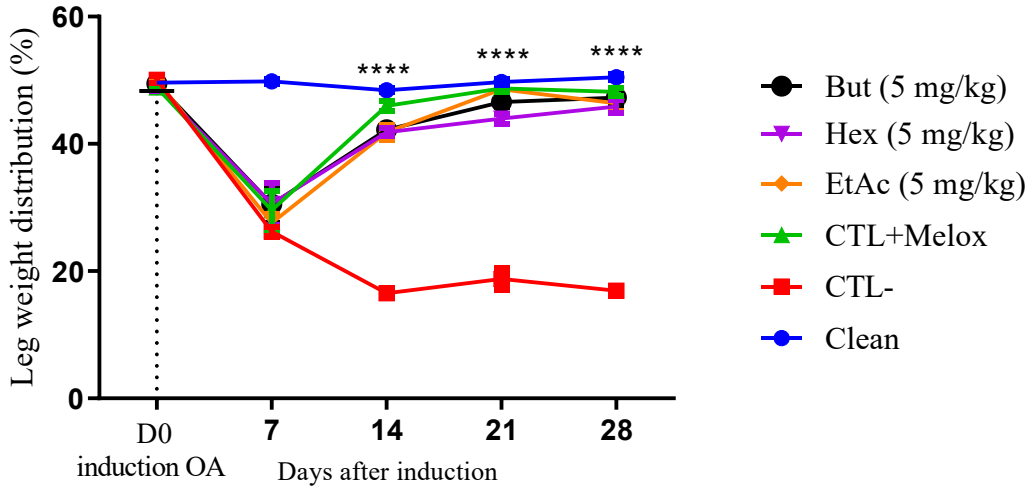


Fig. 4. Effects of *Arrabidaea chica* n-hexane (Hex), ethyl acetate (EtAc) and butanol (But) fractions on degree of incapacitation of rats displaying induced osteoarthritis (OA) evaluated using the Weight Bearing test. The animals received their respective treatments of oral saline (CTL-), meloxicam (CTL + Melox) and fractions (Hex, EtAc and But - 5 mg/kg) from D3 to D28 and were evaluated on days 7, 14, 21 and 28 after OA induction. Data are represented as means ± standard error of the means (SEM). The healthy group is represented by animals without osteoarthritis and without treatment (CLEAN). **** Represents significant differences at $p < 0.0001$ compared to the saline group.

3.2.3 Mechanical hyperalgesia (Randall Selitto test)

On D0, animals were subjected to behavioural testing to determine the basal nociceptive threshold of the hyperalgesia response. At D7, the animals were re-evaluated and a decrease in the nociceptive threshold was observed in all induced groups (CTL-, CTL + Melo, Hex, EtAc and But), characterizing successful OA induction. This decrease was maintained in the CTL-, EtAc and But groups until D14. The Hex group, however, demonstrated an increase in the nociceptive threshold in this period, reaching baseline levels and differing significantly from the saline group ($p < 0.0001$). This group maintained this behaviour both on D21 and D28. The meloxicam-treated group also differed significantly from the saline group on days D14, D21 and D28, but more evident increases in the nociceptive threshold were only observed on D14 and D28, equalling the results of the Hex group (Fig. 5).

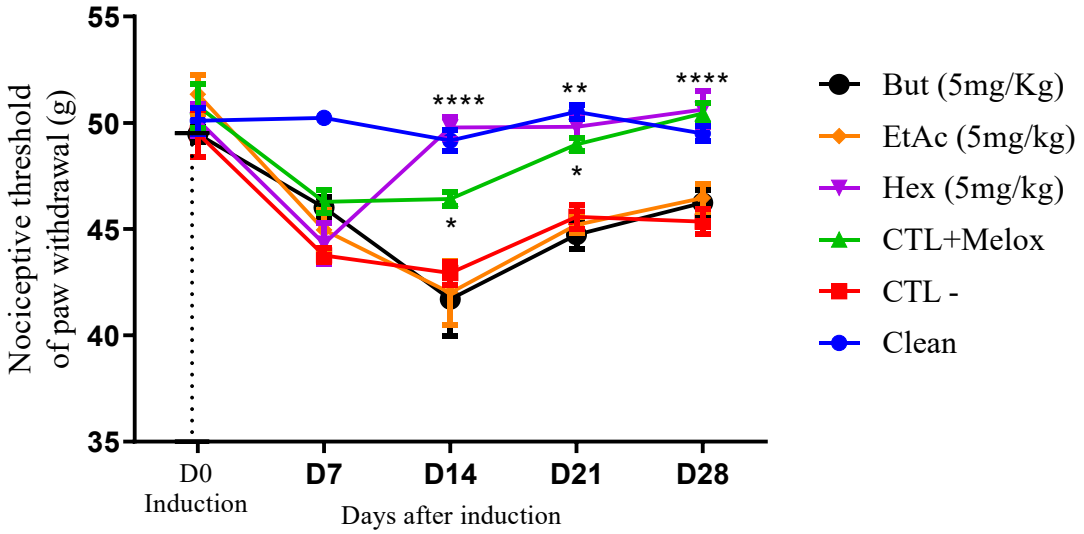


Fig. 5. Effects of *Arrabidaea chica* n-hexane (Hex), ethyl acetate (EtAc) and butanol (But) fractions on mechanical hyperalgesia in rats with induced osteoarthritis (OA) by the nociceptive threshold of affected paw removal, measured by Randall-Sellito test. The animals received their respective treatments of oral saline (CTL-), meloxicam (CTL + Melox) and fractions (Hex, EtAc and But - 5 mg/kg) from D3 to D28 and were evaluated on days 7, 14, 21 and 28 after OA induction. Data are represented as means ± standard error of the means (SEM). The healthy group is represented by animals without osteoarthritis and without treatment (CLEAN). * Represents significant differences, at $p < 0.05$, ** at $p < 0.005$; **** at $P < 0.0001$ compared to the saline group.

3.3 Radiographic analysis

The radiographic analysis indicated that all treatments produced significant improvement ($p < 0.05$) in the degree of articular involvement in the assessed rats (Fig. 6), following the classification proposed by Kellgren-Lawrence. When compared to the saline group (CTL-), which exhibited a high score, the treated rats reached an average score of 3.8 (Fig. 6), with common OA radiographic characteristics, such as reduced joint space, marked subchondral bone sclerosis and osteophyte formation (Fig. 7 CTL-). We also highlight that the groups treated with the *A. chica* Hex and EtAc fractions presented the lowest average scores of joint impairment after OA induction, of 1.2 and 1.4, respectively (Fig. 6). Thus, the common radiographic OA characteristics were much less evident in these groups (Fig. 7, Hex and EtAc).

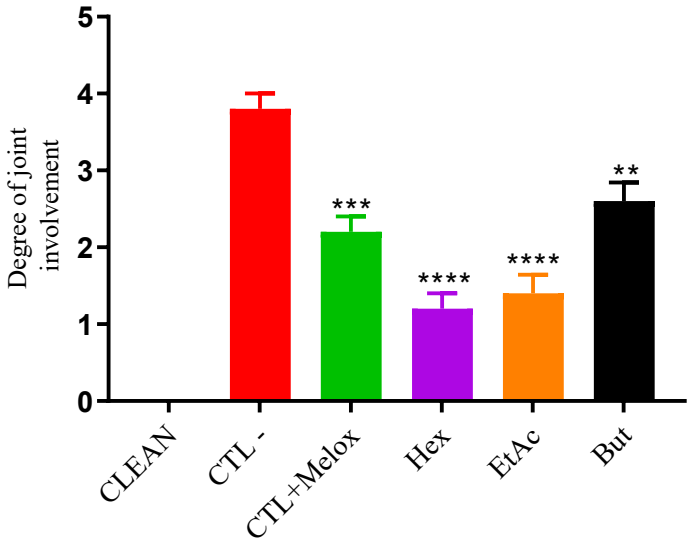


Fig. 6. Degree of joint involvement in rats treated with *Arrabidaea chica* fractions, following the classification proposed by Kellgren-Lawrence. Data are represented as means ± standard error of the means (SEM). CLEAN - group healthy; (CTL-) group presenting induced osteoarthritis (OA); (CTL+Melox) presenting induced OA and treated with Meloxicam; (Hex, EtAc, But) - groups presenting induced OA and treated with *A. chica* hexane, ethyl acetate and butanol fractions, respectively. This analysis was performed with the knees collected on day 29 after OA induction. ** Represents significant differences at $P < 0.005$; *** at $P < 0.0005$, **** at $P < 0.0001$ compared to the saline group (CTL-).

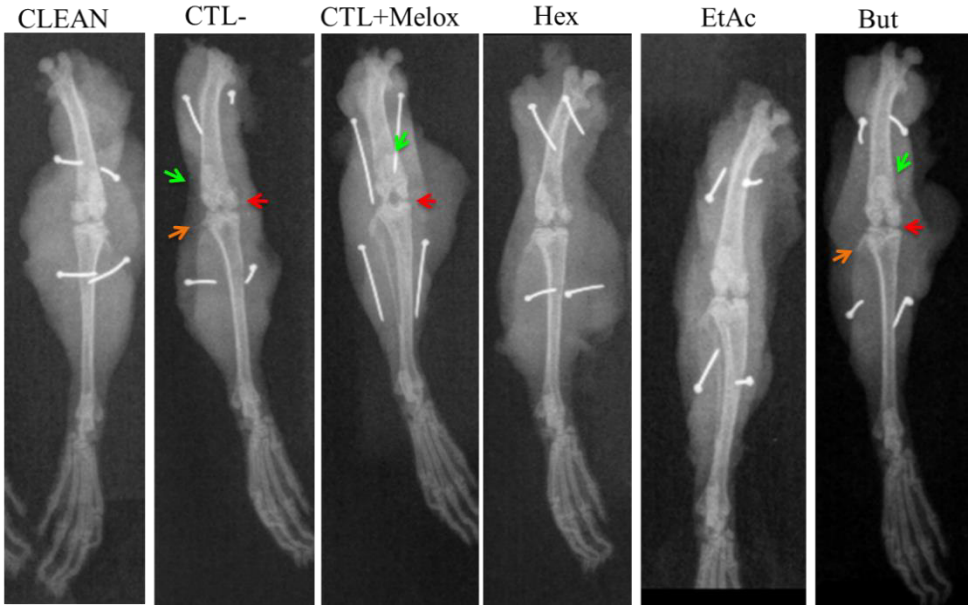


Fig. 7. Effects of *Arrabidaea chica* fractions assessed by radiographic analyses in rats presenting induced osteoarthritis (OA). Representative radiographic images of rat knee joints are shown. CLEAN - healthy; CTL- presenting MIA-induced OA; CTL-+Melox - presenting MIA-induced OA and treated with Meloxicam; Hex, EtAc, But- rats presenting MIA-induced OA and treated with *A. chica* hexane, ethyl acetate and butanol fractions, respectively. This analysis was performed with knees collected on day 29 after OA induction. Arrowhead: red - indicating a remarkable narrowing of the joint space and deformity

in the bone contour; green- subchondral sclerosis; orange - osteophytes. Knee radiographs in antero-posterior projection.

3.4 Histopathological analysis

Considering the classification of the severity or biological progression of the osteoarthritic process into scores as defined by the Osteoarthritis Research Society International (OARSI), treatments with *A. chica* Hex and EtAc fractions exhibited statistical significance in OA progression, with an average rating of 2.9 (± 1.8) for the Hex group and 3.7 (± 1.6) for the EtAc group, both differing significantly from the saline control group (CTL-), which presented a means of 6.0 (± 0.5) (Fig. 8). Thus, the Hex and EtAc fractions were able to decrease OA severity. The But fraction and Meloxicam (CTL + Melox), on the other hand, did not produce significant improvements in OA progression.

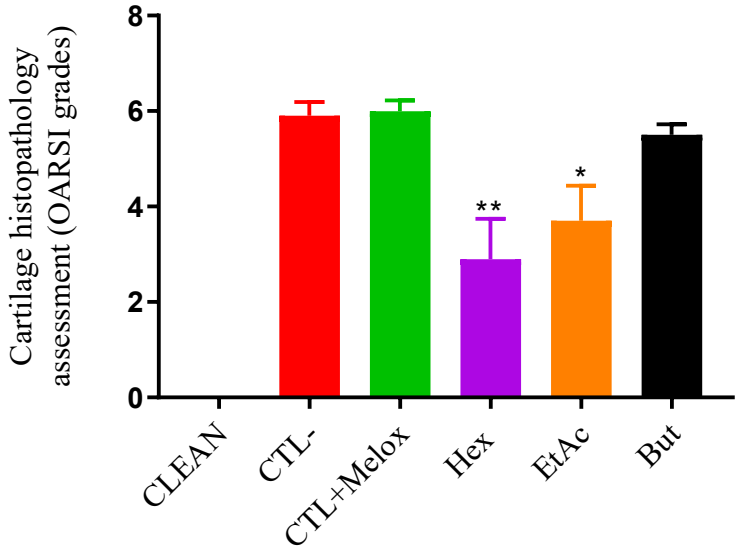


Fig. 8. Histopathological cartilage evaluations, classified by the Osteoarthritis Research Society International (OARSI) scoring system. Data are represented as means ± standard error of the means (SEM). This analysis was performed with the knees collected on 29th day after OA induction. Groups: (CLEAN) - untreated and OA uninduced; (CTL-) presenting induced OA; (CTL+Melox) - presenting induced OA and treated with Meloxicam 0.5 mg/kg; (Hex, EtAc, But) - rats presenting induced OA and treated with *Arrabidaea chica* hexane, ethyl acetate and butanol fractions, respectively. Y-axis: Histopathological evaluation of cartilage (OARSI histological classification: Grade 0 – surface intact and cartilage intact; Grade 1 – surface intact; Grade 2 – surface discontinuity; Grade 3 – vertical fissures; Grade 4 – erosion; Grade 5 – denudation; and Grade 6 – deformation). *Represents significant differences, at $p < 0.05$, ** at $p < 0.005$ compared to the saline group (CTL-).

The OARSI classification scores attributed to animals in the groups treated with Hex (Fig. 9C) and EtAc (Fig. 9D) indicated only changes at the articular cartilage level, without changes to the subchondral bone, observed in the CTL- (Fig. 9B), But (Fig. 9E) and CTL + Melox (Fig. 9G) groups, where the cartilage

was completely corroded and microfracture, repair and bone remodelling processes altered articular surface contour.

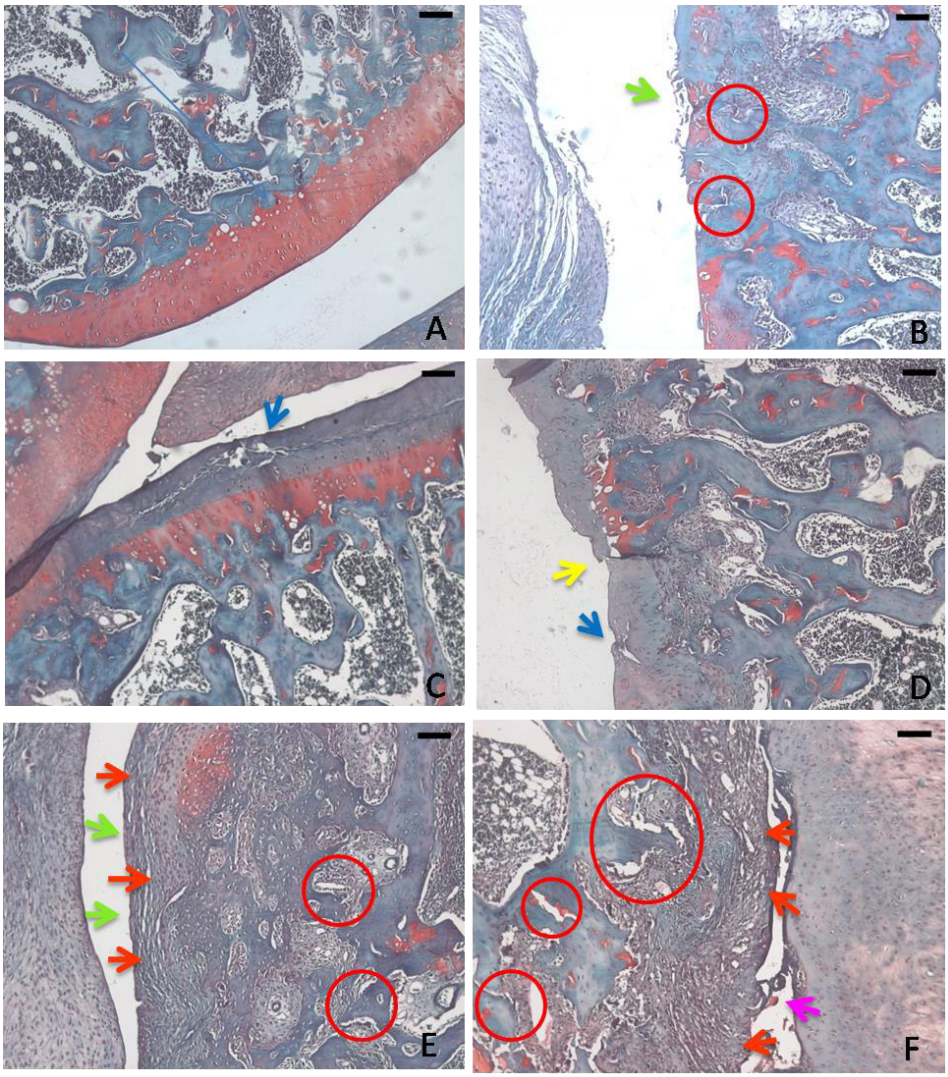


Fig. 9. Articular cartilage sections exhibiting different degenerative change grades in osteoarthritis (OA) classified using the Osteoarthritis Research Society International (OARSI) scoring system. This analysis was performed with knees collected on day 29 after OA induction. (A) example of a CLEAN group representative, untreated and OA uninduced, exhibiting normal healthy cartilage, (Grade 0- surface and cartilage intact); (B) example of a (CTL-) group OA-induced representative treated with 0.9% saline (Grade 6 - deformation); (C) example of a Hex group OA-induced representative and treated with the *Arrabidaea chica* n-hexane fraction (5 mg/kg), (Grade 2.9 on average - vertical fissures); (D) example of an EtAc group OA-induced representative and treated with the *Arrabidaea chica* ethyl acetate fraction (5 mg/kg) - (Grade 3.7 on average - erosion); (E) example of a But group group OA-induced representative and treated with the *Arrabidaea chica* butanol fraction (5 mg/kg), (Grade 5.5 on average – denudation, with reparative tissue surface present); (F) example of a CTL + Melox group group OA-induced representative and treated with meloxicam 0, 5mg/kg (Grade 6 - deformation). Green arrows indicate hyaline cartilage absence; the red circle indicates a microfracture; the yellow arrow indicates erosion; the blue arrow indicates cracks; red

arrows indicate bone plates with fibrocartilage repair resulting in microfractures and the pink arrow indicates joint contour deformation. (O-safranin stain; Bar = 100 µm; 200×).

Histopathological liver, spleen and kidney analyses indicate that the *A. chica* Hex, EtAc and But fractions orally administered to the rats at 5 mg/kg for 26 consecutive days did not produce any pathological changes (Fig. 10), thus demonstrating that the administered doses do not induce toxicity.

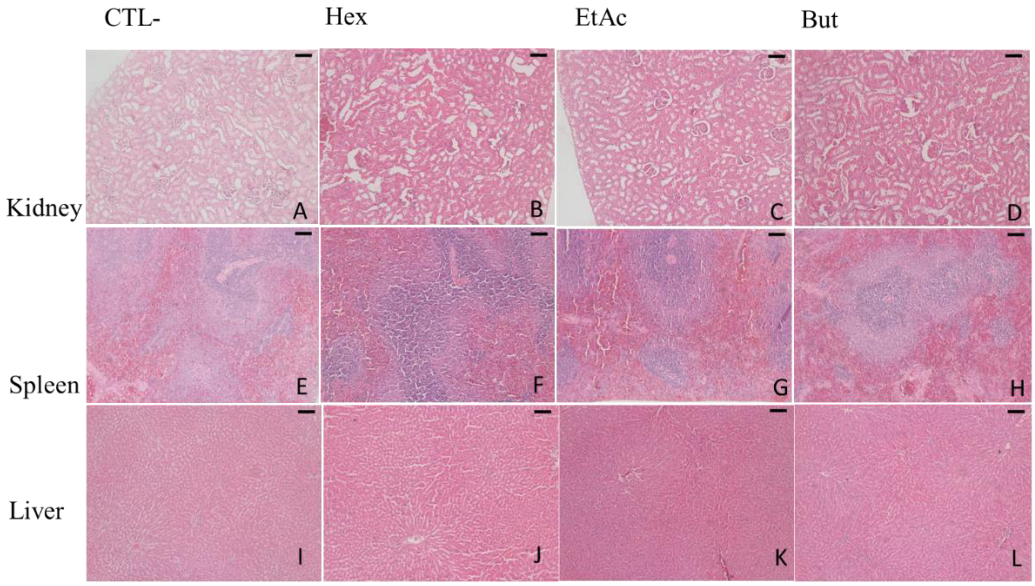


Fig. 10. Representative histological kidney (A, B, C), spleen (D, E, F) and liver (G, H, I) sections of groups treated with *Arrabidaea chica* n-hexane (Hex), ethyl acetate (EtAc) and butanol (But) fractions. The images show no signs of ischemia, necrosis, cell injury and/or inflammation (Hematoxylin-Eosin—HE stains, Bar = 100 µm, 100×).

3.6 Chemical analysis

GC-MS analysis allowed for the identification of 20 compounds in the n-hexane *A. chica* fraction (Figs. 11 and 12/Table 1), classified as fatty acids, terpenes and phytosterols.

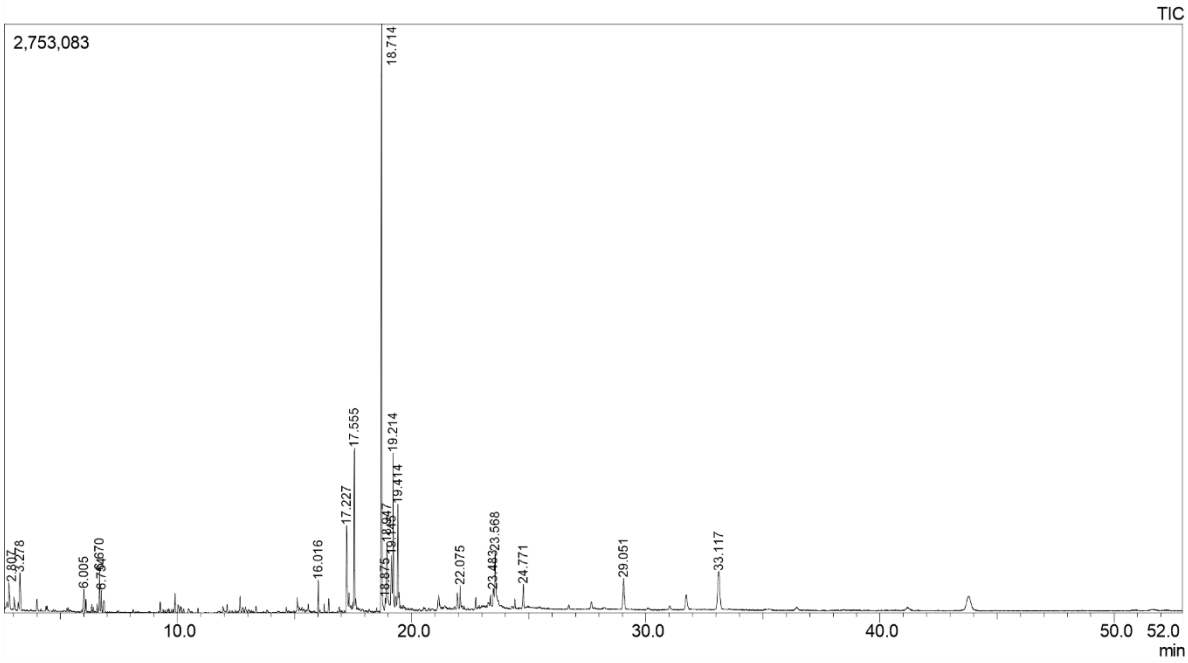


Fig. 11. Total ion chromatogram of the n-hexane *A. chica* fraction.

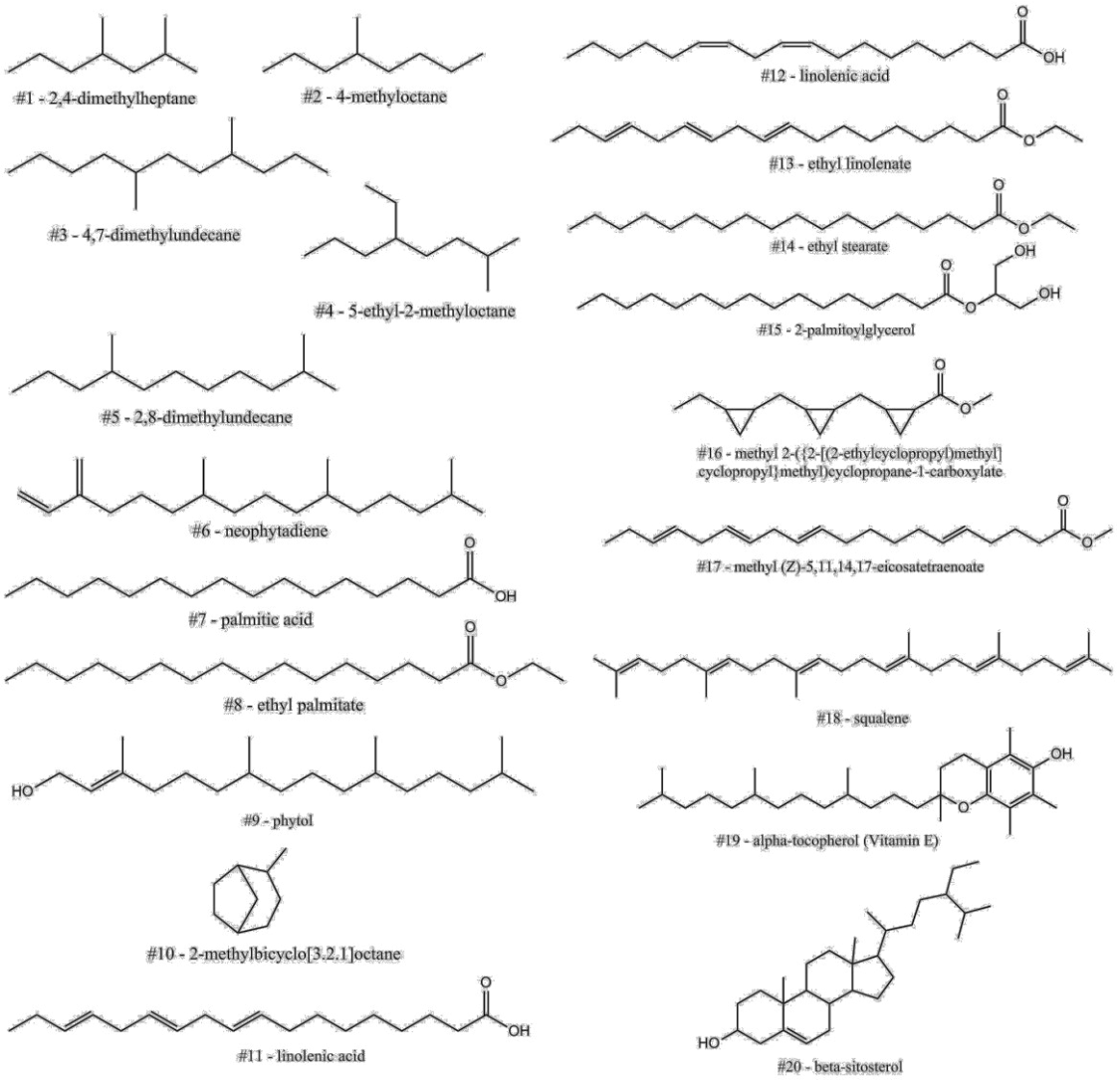


Fig. 12. Chemical structures of the compounds identified by GC-MS in the A. chica n-hexane fraction.

Table 1. Gas chromatography–mass spectrometry (GC/MS) analysis of the *A. chica* n-hexane fraction.

Peak#	Retention Time	m/z	Area (%)	Identified compounds
1	2.807	128.25	1.78	2,4-Dimethylheptane
2	3.278	128.25	2.56	4-Methyloctane
3	6.005	184.36	1.01	4,7-Dimethylundecane
4	6.670	156.31	2.40	5-Ethyl-2-Methyloctane
5	6.754	184.36	1.21	2,8-Dimethylundecane
6	16.016	278.50	1.62	Neophytadiene
7	17.227	256.42	5.28	Palmitic Acid
8	17.555	284.50	8.65	Ethyl palmitate
9	18.814	296.5	31.82	Phytol
10	18.875	124.22	1.12	2-Methylbicyclo[3.2.1]octane
11	18.947	278.40	5.46	Linolenic Acid
12	19.145	280.40	5.73	Linoleic Acid
13	19.214	306.50	9.70	Ethyl linolenate
14	19.414	312.50	7.12	Ethyl stearate
15	22.075	330.50	1.26	2-Palmitoylglycerol
16	23.483	263.35	1.16	Methyl 2-({2-[(2-ethylcyclopropyl)methyl]cyclopropyl}methyl)cyclopropane-1-carboxylate
17	23.568	318.50	3.22	Methyl (Z)-5,11,14,17-eicosatetraenoate
18	24.771	410.70	1.52	Squalene
19	29.051	430.70	2.93	alpha-tocopherol (Vitamin E)
20	33.117	414.70	4.45	beta-Sitosterol

3.7 In silico analysis

All metabolites identified by GC-MS in the *A. chica* n-hexane fraction were used for the molecular docking analysis. In general, all metabolites exhibited satisfactory parameter affinity to the COX-2 structure. Molecular docking of the NSAID meloxicam was also performed, with an affinity parameter of -9.1 kcal/mol for free binding energy, while the best affinity parameters among the n-hexane *A. chica* fraction metabolites were found for alpha-tocopherol (Vitamin E), squalene and beta-sitosterol, with free binding energies of -10.4, -10.4 and -9.8 kcal/mol, respectively, superior to the parameters obtained for meloxicam. The results of the binding energy values of all compounds are presented in Table 2.

Table 2. Free-binding energies by molecular docking of the compounds identified in *A. chica* n-hexane fraction displaying affinity to the COX-2 structure.

Ligand	**ΔG_{bind} (kcal/mol)**
Alpha-tocopherol (Vitamin E)	-10.4
Squalene	-10.4
beta-Sitosterol	-9.8
Methyl 2-({2-[(2-ethylcyclopropyl)methyl]cyclopropyl}methyl)cyclopropane-1-carboxylate	-8.1
Linoleic Acid	-8.1
Methyl (Z)-5,11,14,17-eicosatetraenoate	-8.0
Ethyl linolenate	-7.9
Phytol	-7.6
Linolenic Acid	-7.5
Neophytadiene	-7.5
Ethyl palmitate	-7.0
Ethyl stearate	-6.9
2,8-Dimethylundecane	-6.8
Palmitic Acid	-6.7
4,7-Dimethylundecane	-6.7
5-Ethyl-2-Methyloctane	-6.0
2-Methylbicyclo[3.2.1]octane	-6.0
2,4-Dimethylheptane	-5.9
4-Methyloctane	-5.4
2-Palmitoylglycerol	-5.1
Meloxicam	-9.1

Both alpha-tocopherol, squalene and beta-sitosterol performed only van der Walls interactions with amino acids residues from the COX active site, such as Pro86, Val89, Leu93, Tyr115, Val116, SEr119, Arg120, Thr206, Tyr348, Val349, Leu352, Ser353, Tyr355, Phe357, Leu359, Phe381, Leu384, Tyr385, Trp387, Met522, Val523, Gy526, Ala527, Ser530 and Leu531. Our docking results successfully predicted the ligand position, as alpha-tocopherol, squalene and beta-sitosterol remained in the same region where traditional COX-2 inhibitor drugs, such as Naproxen, Indomethacin and Meloxicam, perform interactions with COX-2 residues (Fig. 12).

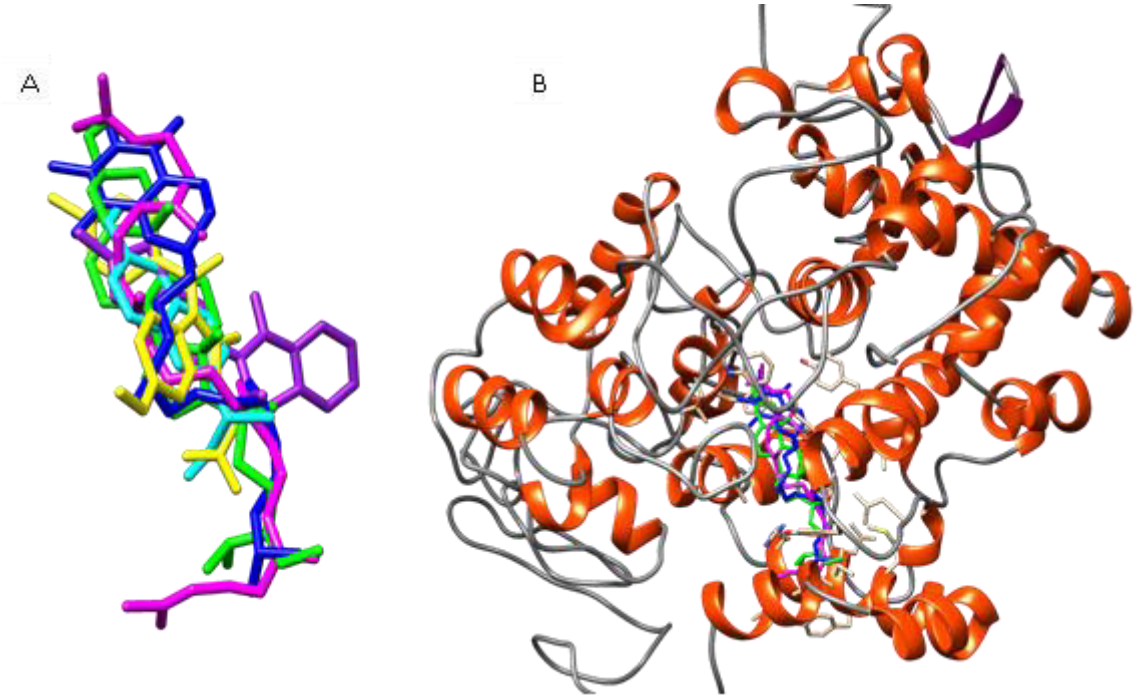


Fig. 12. (A) Spatial docking conformations from alpha-tocopherol (blue), squalene (magenta) and beta-sitoesterol (green), compared to indomethacin (yellow; PDB ID 4COX), naproxen (cyan; PDB ID 3NT1) and meloxicam (purple; PDB ID 4M11) and (B), COX-2 active site ligands.

4. Discussion

The assays carried out in the present study indicate that *A. chica* extract fractions, especially the n-hexane fraction, exhibit significant analgesic and anti-inflammatory properties, thus representing a potent ally in OA-treatment.

OA is a strongly associated with joint pain, resulting mainly from damage induced by an intense inflammatory process. In this regard, it is important to highlight the role of COX-2 in the inflammatory pathway, which is an essential enzyme in this pathway, as it leads to the generation of potent proinflammatory mediators, i.e. prostaglandins. COX-2 is usually expressed at low levels in normal tissues, and highly expressed under inflammatory conditions (Chikanza and Fernandes 2000; Queiroga et al. 2007).

Considering the role of this enzyme and its significance in OA, we evaluated the potential of the fractions obtained from the *A. chica* extracts in *in vitro* COX-2 inhibition. The results indicate that the Hex fraction exhibits significant COX-2 inhibitory activity, inhibiting COX-2 in approximately 95% at a concentration of 10 µg/mL (Fig. 2B), and COX-1 in around 46% (Fig. 2A), demonstrating greater selectivity for COX-2. The EtAc and But fractions also displayed the ability to inhibit both COX-1 and COX-2, although they exhibited similar affinity to both enzymes, and not only COX-2, which is more effectively involved in inflammatory processes.

Previous studies carried out by our research group also evaluated the potential of a hydroethanolic *A. chica* extract in inhibiting these enzymes, which exhibited lower inhibitory potential, of around only 30% for the highest tested concentration of 50 µg/mL, and showed similar affinity to both enzymes (Vasconcelos et al. 2019). One hypothesis that could justify the greater success of the Hex fraction in inhibiting COX-2 in present study is its chemical composition, since fractionation allows for the separation

of compounds found in the total extract, according to their properties (Alves Ferreira 2018). The Hex fraction can potentially contain a higher amount of non-polar compounds, such as lipids, terpenes and sterols (Zapata et al. 2011; Pinheiro et al. 2013). Most non-polar compounds exhibit important anti-inflammatory activities (Jeong et al. 2014; Morales-Del-Rio et al. 2015; Othman et al. 2015).

The analgesic and anti-inflammatory potential of the Hex, EtAc and But fractions was also evaluated *in vivo* using a MIA-induced knee joint OA animal model. MIA is a glyceraldehyde–3–phosphate dehydrogenase inhibitor, which interrupts glycolysis, resulting in chondrocyte death, neovascularization, subchondral bone necrosis and collapse, in addition to inflammation and several types of joint damage. Thus, MIA injections induce mechanical sensitivity in injected limbs, resulting in measurable and quantifiable weight support deficits (Bendele 2001; Marker and Pomonis 2012; Pitcher et al. 2016). Because of this, MIA injection is considered a very useful model to test the effectiveness of pharmacological agents in pain treatment, as it generates reproducible and robust data resembling OA symptoms in humans, validating MIA injections as a useful and significant preclinical model for OA assessments (Im et al. 2010; Kelly et al. 2012; Takahashi et al. 2018).

After OA induction, rats were then subjected to behavioural tests to determine the antinociceptive potential of *A. chica* fractions against OA. Animal mobility was evaluated through the rotarod test, considering affected paw use by forced walking.

As joint movement is significantly affected in individuals presenting OA, due to pain, their ability to perform physical activities is greatly reduced (Bhatia et al. 2013). The mobility test indicated that animals treated with Hex, EtAc and But *A. chica* fractions exhibited significant motor activity improvement from the 14th day of evaluation, maintained until the final evaluation period (D28) (Fig. 3), demonstrating that *A. chica* fractions exhibit potential analgesic activity, resulting in mobility improvement in animals presenting OA.

We also demonstrated the effect of *A. chica* fractions against pain relief through the functional disability test - Weight Bearing. The antinociceptive results were determined by the animal's weight distribution between the unaffected (left paw) and affected (right paw, presenting OA induction) hind limbs. On days 14, 21 and 28, the animals in the groups treated with Hex, EtAc and But *A. chica* fractions, exhibited significant improvement in hind limb weight distribution, with over 40 % of weight distribution put on the affected leg, almost the same as the values observed for the healthy group (CLEAN) (Fig. 4). This demonstrated that *A. chica* fractions significantly reduced affected limb impairment. Mechanical hyperalgesia was also evaluated *in vivo* using the Randall-Selitto test, where only the Hex fraction produced significant analgesic effects compared to the saline group (CTL-), as the Hex group demonstrated a significant nociceptive threshold increase the on the 14th, 21st and 28th assessment days (Fig. 5).

The analgesic potential of *A. chica* fractions demonstrated herein may be attributed to their ability to inhibit COX-2, decreasing the inflammatory process and, consequently, improving OA prognosis, avoiding or reducing pain. This is due to the fact that, by intervening in the COX-2 pathway, the compounds present in this fraction may modulate the entire inflammatory process, thus producing analgesic effects. Hwang et al. (Hwang et al. 2018) reported that decreases in COX-2 and iNOS mRNA and protein levels caused by a hydroethanolic *Zanthoxylum piperitum* (L.) DC (Rutaceae) extract (90%) (100 mg/kg), significantly reduced inflammation and produced remarkable pain relief in animals presenting MIA-

induced OA. The decreases in COX-2 and PGE2 expressions may also decrease aggrecan and collagen II degradation in human chondrocytes presenting OA, thus justifying OA improvement (Jiang et al. 2019).

The radiographic data of OA-affected paws also demonstrated that the meloxicam and hexane, ethyl acetate and butanol *A. chica* fraction treatments produced significant improvements in joint involvement degrees, with the Hex and EtAc *A. chica* fractions exhibiting the lowest average joint involvement scores. Concerning the histopathological evaluation, only the Hex and EtAc fractions resulted in significant improvement in the severity or biological progression of the osteoarthritic process.

These findings suggest that the Hex and EtAc fractions exhibit a significant degree of joint protection, decreasing joint degradation, probably due to cartilage inflammation effects through COX-2 inhibition. The COX-2-dependent prostaglandin PGE2 plays an essential role in OA pathogenesis, as it may interfere with chondrocyte proliferation and prevent extracellular matrix production (Goggs et al. 2003; Li et al. 2010). In this context, COX-2 inhibition can decrease the structural changes that occur during OA progression (Hardy et al. 2002; Li et al. 2010; Rasheed et al. 2016). Lee et al. (Lee et al. 2019) corroborated this hypothesis by demonstrating that COX-2 and metalloproteinase (MMP-2 and MMP-9), suppression by an ethanolic *Mollugo pentaphylla* L. (Molluginaceae) extract in knee joint tissues of rats presenting MIA-induced OA contributed to decreased inflammation and cartilage damage severity observed through histological analyses.

In analgesic terms, the fractions tested herein, especially the Hex fraction, resulted in similar effects as the hydroethanolic *A. chica* extract tested previously (Vasconcelos et al. 2019). However, histological analyses indicate that this fraction was able to prevent OA progression, which was not observed for the hydroethanolic extract (Vasconcelos et al. 2019). Thus, we focused on this fraction.

Considering the results of the *in vitro* and *in vivo* tests, the *A. chica* n-hexane fraction exhibited the most promising results. Therefore, a chemical analysis of this fraction was carried out, in order to investigate its composition. A total of 20 compounds were identified, mostly classified as fatty acids, with the presence of some terpenes and phytosterols (Table 1). Phytol was the major compound of the Hex fraction, although its presence in the n-hexane fraction of *A. chica* was also reported by Rodrigues et al. (Rodrigues et al. 2014), who also identified the presence of linolenic and linoleic acids and vitamin E. Phytol is a acyclic diterpene exhibiting several pharmacological properties, including anti-inflammatory, antioxidant and antinociceptive activities (Santos et al. 2013; Silva et al. 2014; Islam et al. 2018; Carvalho et al. 2020).

Carvalho et al. (Carvalho et al. 2020) demonstrated that phytol was able to decrease the formation of joint oedema and hyperalgesia, reduce myeloperoxidase activity and the release of pro-inflammatory cytokines (TNF-α and IL-6) in synovial fluid, IL-6 and COX-2 in the spinal cord and alter the p38MAPK and NF-κB signalling pathways, indicating that phytol can be a potent antiarthritic agent. Santos et al. (Santos et al. 2013) also demonstrated the antinociceptive and anti-inflammatory effects of phytol in the acetic acid-induced abdominal contortion test, where this compound was able to significantly reduce the number of animal contortions, as well as decrease the time spent on paw licking in the formalin test, both in the neurogenic and in the inflammatory phase; while latency time increased in the hot plate test, also suggesting central action. In addition, the authors also reported a strong antioxidant *in vitro* phytol effect. These findings demonstrate the pharmacological importance of phytol and allow us to suggest that the

analgesic and anti-inflammatory action of the hexane fraction demonstrated in the present study may be associated with this compound.

The chemical analysis of the n-hexane *A. chica* fraction evidenced a high amount of fatty acids and triterpenes. These classes are traditionally recognized as antinociceptive and anti-inflammatory agents. According to the positive *in vitro* and *in vivo* results, an *in-silico* study was carried out to assess potential mechanisms of action of this fraction. Thus, molecular docking analyses for all compounds identified by CG-MS in the n-hexane *A. chica* fraction were performed against the 3D structure of COX-2. The results indicate that alpha-tocopherol, squalene and beta-sitosterol are the metabolites demonstrating the best affinity parameters with COX-2.

The active COX-2 site comprises the Arg120, Tyr355, Tyr385, Glu524 and Ser530 residues, where arachidonic acid binds, thus forming prostaglandins (Rowlinson et al. 2003; Xu et al. 2014). Arachidonic acid binds and interacts in this region, chaining prostaglandins production (Rowlinson et al. 2003; Xu et al. 2014; Lopes et al. 2019). The molecular docking assay indicated that all selected ligands interacted with this group of residues, as well as with neighbouring residues, where the spatial conformations of plant metabolites at the active site of COX-2 were similar to the conformations obtained in X-ray crystallography studies from traditional NSAIDs such as naproxen, meloxicam and indomethacin. This suggests that molecular docking was successful in predicting the spatial conformation of the interaction of these metabolites with COX-2.

Squalene is a polyunsaturated triterpene described as a biochemical precursor of cholesterol and other steroids that has exhibited antioxidant activities detected by the DPPH and ABTS methods (Warleta et al. 2010), thus considered an efficient free radical scavenger. This molecule has been commonly used in various pharmacological applications, such as in the delivery of vaccines, drugs, and other medicinal substances (Reddy and Couvreur 2009; Feng et al. 2019). At low concentrations (25 and 50 μM), squalene significantly reduced COX-2, NO and iNOS expressions in LPS-induced murine macrophages. It also reduced NF-κB gene mRNA and pro-inflammatory cytokine precursor gene expressions, such as TNF-α, IL-1β in human monocytes and TNF-α, IL-1β, IL-6 and IFN- γ in human neutrophils. Reduced iNOS and COX-2 gene expressions have also been reported in LPS-induced human monocytes treated with squalene (Cárdeno et al. 2015).

Alpha-tocopherol has been reported as decreasing the release of pro-inflammatory cytokines such as IL-1, IL-6, and TNF-α and the chemokine IL-8, promoting decreased adhesion of monocytes to endothelium and reducing cytokine (IL-1β and TNF-α) production from LPS-activated PBMCs (Singh and Jialal 2004). It has also been evidenced that this molecule improved the clinical symptoms of patients with severe OA due to the reduction of oxidative stress caused by OA progression, indicating significant antioxidant potential (Machtey and Ouaknine 1978; Tantavisut et al. 2017). In addition, alpha-tocopherol is also efficient in slowing the speed of natural OA progression, protecting the subchondral vascular system, reducing necrosis and bone remodelling (Li et al. 2016). The recognized antioxidant activity of this molecule has been associated with inhibition of the NF-kB pathway and the release of other pro-inflammatory mediators (Chin and Ima-Nirwana 2018). Alpha-tocopherol has also been shown to improve the histological score of joints with a significant increase in the amount of proteoglycans in the articular cartilage (Ozkan et al. 2015). Likewise, the present study indicates articular cartilage improvements in

animals treated with the *A. chica* n-hexane fraction. In addition, scanning electron microscopy also evidenced that the articular cartilage of OA rats displayed less damage to the matrix and collagen contents after treatment with alpha-tocopherol (Heidar et al. 2014).

β-sitosterol is a phytosterol, a class of compounds exhibiting extensive reported biological activities(Liu et al. 2019). β-sitosterol has been reported to significantly reduce the production of nitric oxide (NO), and the release of TNF-α, in addition to COX-2 and iNOS expression and activity (Yuan et al. 2019; Sun et al. 2020), the NF-κB pathway and IL-6 expression (Sun et al. 2020).

5. Conclusions

This study demonstrated that *A. chica* fractions display analgesic, anti-inflammatory properties and are able to intervene in OA progression. The assessed fractions inhibited the enzymes COX-1 and COX-2, while the n-hexane fraction was also able to inhibit over 90% of COX-2, an enzyme significantly involved in the OA inflammatory process. Concerning nociceptive activity, the *A. chica* fractions produced significant incapacity, motor activity and hyperalgesia improvements in rats presenting induced OA. The radiological and histopathological analyses indicated fraction ability to intervene in OA progression, with the n-hexane and ethyl acetate fractions noteworthy for significantly reducing joint impairment degree and OA severity. Finally, the chemical analysis of the hexane fraction demonstrated that this fraction contains compounds with significant analgesic and anti-inflammatory potential. An *in silico* evaluation indicated very favourable interactions between some of these compounds and COX–2. Our results explain the traditionally recognized use of *A. chica* by Brazilian populations, indicating potentially safe use and suggesting that it may be the subject of clinical research studies.

Funding: This research was funded by the Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) Process Universal 871/17.

Conflicts of Interest: The authors declare no conflict of interest. The funders had no role in the design of the study; in the collection, analyses, or interpretation of data; in the writing of the manuscript, or in the decision to publish the results.

References

Akhtar N, Miller MJ, Haqqi TM (2011) Effect of a Herbal-Leucine mix on the IL-1β-induced cartilage degradation and inflammatory gene expression in human chondrocytes. BMC Complement Altern Med 11:66. https://doi.org/10.1186/1472-6882-11-66

Alves-Neto; O, Costa; CMDC, Siqueira; JTT De, Teixeira; MJ (2009) Dor: Princípios e Prática., 1a ed. Artmed, Porto Alegre

Alves Ferreira AE (2018) Atividade biológica e caracterização de compostos presentes nas folhas e cascas de Cordiera sessilis (Vell.) Kuntze. Universidade Federal de Uberlândia

Aro AA, Simões GF, Esquisatto MAM, et al (2013) Arrabidaea chica extract improves gait recovery and changes collagen content during healing of the Achilles tendon. Injury 44:884–892. https://doi.org/10.1016/j.injury.2012.08.055

Bendele AM (2001) Animal models of osteoarthritis. J Musculoskelet Neuronal Interact 1:363–376

Bhatia D, Bejarano T, Novo M (2013) Current interventions in the management of knee osteoarthritis. J Pharm Bioallied Sci 5:30. https://doi.org/10.4103/0975-7406.106561

Bjordal JM, Klovning A, Ljunggren AE, Slørdal L (2007) Short-term efficacy of pharmacotherapeutic interventions in osteoarthritic knee pain: A meta-analysis of randomised placebo-controlled trials. Eur J Pain 11:125–138. https://doi.org/10.1016/j.ejpain.2006.02.013

Cárdeno A, Aparicio-Soto M, Montserrat-de la Paz S, et al (2015) Squalene targets pro- and anti-inflammatory mediators and pathways to modulate over-activation of neutrophils, monocytes and macrophages. J Funct Foods 14:779–790. https://doi.org/10.1016/j.jff.2015.03.009

Carvalho AMS, Heimfarth L, Pereira EWM, et al (2020) Phytol, a Chlorophyll Component, Produces Antihyperalgesic, Anti-inflammatory, and Antiarthritic Effects: Possible NFκB Pathway Involvement and Reduced Levels of the Proinflammatory Cytokines TNF-α and IL-6. J Nat Prod 83:1107–1117. https://doi.org/10.1021/acs.jnatprod.9b01116

Chikanza I, Fernandes L (2000) Novel strategies for the treatment of osteoarthritis. Expert Opin Investig Drugs 9:1499–1510. https://doi.org/10.1517/13543784.9.7.1499

Chin K-Y, Ima-Nirwana S (2018) The Role of Vitamin E in Preventing and Treating Osteoarthritis – A Review of the Current Evidence. Front Pharmacol 9:. https://doi.org/10.3389/fphar.2018.00946

de Araújo ÉJF, de Almeida AAC, Silva OA, et al (2017) Behavioral effects induced by antitumor cleronade diterpenes from Casearia sylvestris and in silico interactions with neuron receptors. J Ethnopharmacol 198:460–467. https://doi.org/10.1016/j.jep.2017.01.006

Dennington R, Keith TA, And, Millam JM (2016) GaussView5

Feng J, Lepetre-Mouelhi S, Gautier A, et al (2019) A new painkiller nanomedicine to bypass the blood-brain barrier and the use of morphine. Sci Adv 5:eaau5148. https://doi.org/10.1126/sciadv.aau5148

Frisch MJ, Trucks GW, Schlegel HB, et al (2016) Gaussian 09

Goggs R, Carter SD, Schulze-Tanzil G, et al (2003) Apoptosis and the loss of chondrocyte survival signals contribute to articular cartilage degradation in osteoarthritis. Vet J 166:140–158. https://doi.org/10.1016/S1090-0233(02)00331-3

Hardy MM, Seibert K, Manning PT, et al (2002) Cyclooxygenase 2-dependent prostaglandin E2 modulates cartilage proteoglycan degradation in human osteoarthritis explants. Arthritis Rheum 46:1789–1803. https://doi.org/10.1002/art.10356

Heidar EH, Al Faya F, Hassan WN, et al (2014) THE IMPACT OF ANTIOXIDANTS ON INFLAMMATION AND OXIDATIVE STRESS MARKERS IN OSTEOARTHRITIS RAT MODEL: SCANNING ELECTRON MICROSCOPE INSIGHTS. Am J Pharmacol Toxicol 9:157–167. https://doi.org/10.3844/ajptsp.2014.157.167

Henrotin YE, Deberg MA, Crielaard J-M, et al (2006) Avocado/soybean unsaponifiables prevent the inhibitory effect of osteoarthritic subchondral osteoblasts on aggrecan and type II collagen synthesis by chondrocytes. J Rheumatol 33:1668–78

Hsu D-Z, Chu P-Y, Jou I-M (2016) Daily sesame oil supplement attenuates joint pain by inhibiting muscular oxidative stress in osteoarthritis rat model. J Nutr Biochem 29:36–40. https://doi.org/10.1016/j.jnutbio.2015.10.007

Hwang K-A, Kwon JE, Noh Y, et al (2018) Effects of Zanthoxylum piperitum ethanol extract on osteoarthritis inflammation and pain. Biomed Pharmacother 105:481–490. https://doi.org/10.1016/j.biopha.2018.05.109

Im H-J, Kim J-S, Li X, et al (2010) Alteration of sensory neurons and spinal response to an experimental osteoarthritis pain model. Arthritis Rheum 62:2995–3005. https://doi.org/10.1002/art.27608

Islam MT, Ali ES, Uddin SJ, et al (2018) Phytol: A review of biomedical activities. Food Chem Toxicol 121:82–94. https://doi.org/10.1016/j.fct.2018.08.032

Jeong D-H, Kim K-B-W-R, Kim M-J, et al (2014) Anti-inflammatory activity of methanol extract and n-hexane fraction mojabanchromanol b from Myagropsis myagroides. Life Sci 114:12–19. https://doi.org/10.1016/j.lfs.2014.07.036

Jiang C, Sun Z-M, Hu J-N, et al (2019) Cyanidin ameliorates the progression of osteoarthritis via the Sirt6/NF-κB axis in vitro and in vivo. Food Funct 10:5873–5885. https://doi.org/10.1039/C9FO00742C

Kalff K-M, El Mouedden M, van Egmond J, et al (2010) Pre-treatment with capsaicin in a rat osteoarthritis model reduces the symptoms of pain and bone damage induced by monosodium iodoacetate. Eur J Pharmacol 641:108–113. https://doi.org/10.1016/j.ejphar.2010.05.022

Kellgren JH, Lawrence JS (1957) Radiological Assessment of Osteo-Arthrosis. Ann Rheum Dis 16:494–502. https://doi.org/10.1136/ard.16.4.494

Kelly S, Dunham JP, Murray F, et al (2012) Spontaneous firing in C-fibers and increased mechanical sensitivity in A-fibers of knee joint-associated mechanoreceptive primary afferent neurones during MIA-induced osteoarthritis in the rat. Osteoarthr Cartil 20:305–313. https://doi.org/10.1016/j.joca.2012.01.002

Kloppenburg M, Berenbaum F (2020) Osteoarthritis year in review 2019: epidemiology and therapy. Osteoarthr Cartil 28:242–248. https://doi.org/10.1016/j.joca.2020.01.002

Lee YM, Son E, Kim S-H, et al (2019) Anti-inflammatory and anti-osteoarthritis effect of Mollugo pentaphylla extract. Pharm Biol 57:73–80. https://doi.org/10.1080/13880209.2018.1557700

Li L, Liu H, Shi W, et al (2017) Insights into the Action Mechanisms of Traditional Chinese Medicine in Osteoarthritis. Evidence-Based Complement Altern Med 2017:1–13. https://doi.org/10.1155/2017/5190986

Li N, Rivéra-Bermúdez MA, Zhang M, et al (2010) LXR modulation blocks prostaglandin E 2 production and matrix degradation in cartilage and alleviates pain in a rat osteoarthritis model. Proc Natl Acad Sci 107:3734–3739. https://doi.org/10.1073/pnas.0911377107

Li X, Dong Z, Zhang F, et al (2016) Vitamin E slows down the progression of osteoarthritis. Exp Ther Med 12:18–22. https://doi.org/10.3892/etm.2016.3322

Lima FCVM (2017) Efeito de Arrabidaea chica Verlot na dor neuropática pós-traumática em ratos. Universidade Federal do Maranhão

Liu R, Hao D, Xu W, et al (2019) β-Sitosterol modulates macrophage polarization and attenuates rheumatoid inflammation in mice. Pharm Biol 57:161–168. https://doi.org/10.1080/13880209.2019.1577461

Lopes AJO, Vasconcelos CC, Garcia JBS, et al (2020) Anti-Inflammatory and Antioxidant Activity of

Pollen Extract Collected by Scaptotrigona affinis postica: in silico, in vitro, and in vivo Studies. Antioxidants 9:103. https://doi.org/10.3390/antiox9020103

Lopes AJO, Vasconcelos CC, Pereira FAN, et al (2019) Anti-Inflammatory and Antinociceptive Activity of Pollen Extract Collected by Stingless Bee Melipona fasciculata. Int J Mol Sci 20:. https://doi.org/10.3390/ijms20184512

Lorenzi H, Matos FJA (2008) Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas, 2.ed. Instituto Plantarum

Machtey I, Ouaknine L (1978) Tocopherol in Osteoarthritis: A Controlled Pilot Study. J Am Geriatr Soc 26:328–330. https://doi.org/10.1111/j.1532-5415.1978.tb01345.x

Marker CL, Pomonis JD (2012) The monosodium iodoacetate model of osteoarthritis pain in the rat. Methods Mol Biol 851:239–248. https://doi.org/10.1007/978-1-61779-561-9_18

Martel-Pelletier J, Pelletier J-P, Fahmi H (2003) Cyclooxygenase-2 and prostaglandins in articular tissues. Semin Arthritis Rheum 33:155–167. https://doi.org/10.1016/S0049-0172(03)00134-3

McWilliams DF, Leeb BF, Muthuri SG, et al (2011) Occupational risk factors for osteoarthritis of the knee: a meta-analysis. Osteoarthr Cartil 19:829–839. https://doi.org/10.1016/j.joca.2011.02.016

Michel AFRM, Melo MM, Campos PP, et al (2015) Evaluation of anti-inflammatory, antiangiogenic and antiproliferative activities of Arrabidaea chica crude extracts. J Ethnopharmacol 165:29–38. https://doi.org/10.1016/j.jep.2015.02.011

Morales-Del-Rio JA, Gutiérrez-Lomelí M, Robles-García MA, et al (2015) Anti-Inflammatory Activity and Changes in Antioxidant Properties of Leaf and Stem Extracts from Vitex mollis Kunth during In Vitro Digestion. Evidence-Based Complement Altern Med 2015:1–8. https://doi.org/10.1155/2015/349235

Morris GM, Goodsell DS, Halliday RS, et al (1998) Automated docking using a Lamarckian genetic algorithm and an empirical binding free energy function. J Comput Chem 19:1639–1662. https://doi.org/10.1002/(SICI)1096-987X(19981115)19:14<1639::AID-JCC10>3.0.CO;2-B

Morris GM, Ruth H, Lindstrom W, et al (2009) Software news and updates AutoDock4 and AutoDockTools4: Automated docking with selective receptor flexibility. J Comput Chem 30:2785–2791. https://doi.org/10.1002/jcc.21256

Murphy NJ, Eyles JP, Hunter DJ (2016) Hip Osteoarthritis: Etiopathogenesis and Implications for Management. Adv Ther 33:1921–1946. https://doi.org/10.1007/s12325-016-0409-3

Othman AR, Abdullah N, Ahmad S, et al (2015) Elucidation of in-vitro anti-inflammatory bioactive compounds isolated from Jatropha curcas L. plant root. BMC Complement Altern Med 15:11. https://doi.org/10.1186/s12906-015-0528-4

Ozkan FU, Uzer G, Türkmen I, et al (2015) Intra-articular hyaluronate, tenoxicam and vitamin E in a rat model of osteoarthritis: evaluation and comparison of chondroprotective efficacy. Int J Clin Exp Med 8:1018–26

Pinheiro MMG, Fernandes SBO, Fingolo CE, et al (2013) Anti-inflammatory activity of ethanol extract and fractions from Couroupita guianensis Aublet leaves. J Ethnopharmacol 146:324–330. https://doi.org/10.1016/j.jep.2012.12.053

Pitcher T, Sousa-Valente J, Malcangio M (2016) The Monoiodoacetate Model of Osteoarthritis Pain in the Mouse. J Vis Exp. https://doi.org/10.3791/53746

Pritzker KPH, Gay S, Jimenez SA, et al (2006) Osteoarthritis cartilage histopathology: grading and staging. Osteoarthr Cartil 14:13–29. https://doi.org/10.1016/j.joca.2005.07.014

Queiroga FL, Alves A, Pires I, Lopes C (2007) Expression of Cox-1 and Cox-2 in Canine Mammary Tumours. J Comp Pathol 136:177–185. https://doi.org/10.1016/j.jcpa.2007.01.010

Randall LO, Selitto JJ (1957) A method for measurement of analgesic activity on inflamed tissue. Arch Int Pharmacodyn Ther 111:409–19

Rasheed N, Alghasham A, Rasheed Z (2016) Lactoferrin from Camelus dromedarius inhibits nuclear transcription Factor-kappa B activation, cyclooxygenase-2 expression and prostaglandin E2 production in stimulated human chondrocytes. Pharmacognosy Res 8:135. https://doi.org/10.4103/0974-8490.175612

Reddy LH, Couvreur P (2009) Squalene: A natural triterpene for use in disease management and therapy. Adv Drug Deliv Rev 61:1412–1426. https://doi.org/10.1016/j.addr.2009.09.005

Robinson WH, Lepus CM, Wang Q, et al (2016) Low-grade inflammation as a key mediator of the pathogenesis of osteoarthritis. Nat Rev Rheumatol 12:580–592. https://doi.org/10.1038/nrrheum.2016.136

Rodrigues IA, Azevedo MMB, Chaves FCM, et al (2014) Arrabidaea chica Hexanic Extract Induces Mitochondrion Damage and Peptidase Inhibition on Leishmania spp. Biomed Res Int 2014:1–7. https://doi.org/10.1155/2014/985171

Rowlinson SW, Kiefer JR, Prusakiewicz JJ, et al (2003) A Novel Mechanism of Cyclooxygenase-2 Inhibition Involving Interactions with Ser-530 and Tyr-385. J Biol Chem 278:45763–45769. https://doi.org/10.1074/jbc.M305481200

Santos-Nogueira E, Redondo Castro E, Mancuso R, Navarro X (2012) Randall-Selitto Test: A New Approach for the Detection of Neuropathic Pain after Spinal Cord Injury. J Neurotrauma 29:898–904. https://doi.org/10.1089/neu.2010.1700

Santos CC de MP, Salvadori MS, Mota VG, et al (2013) Antinociceptive and Antioxidant Activities of Phytol In Vivo and In Vitro Models. Neurosci J 2013:1–9. https://doi.org/10.1155/2013/949452

Schött E, Berge O-G, Ängeby-Möller K, et al (1994) Weight bearing as an objective measure of arthritic pain in the rat. J Pharmacol Toxicol Methods 31:79–83. https://doi.org/10.1016/1056-8719(94)90046-9

Silva RO, Sousa FBM, Damasceno SRB, et al (2014) Phytol, a diterpene alcohol, inhibits the inflammatory response by reducing cytokine production and oxidative stress. Fundam Clin Pharmacol 28:455–464. https://doi.org/10.1111/fcp.12049

Singh U, Jialal I (2004) Anti-inflammatory Effects of α-Tocopherol. Ann N Y Acad Sci 1031:195–203. https://doi.org/10.1196/annals.1331.019

Smith RL, Carter DR, Schurman DJ (2004) Pressure and shear differentially alter human articular chondrocyte metabolism: a review. Clin Orthop Relat Res S89-95

Sun Y, Gao L, Hou W, Wu J (2020) β -Sitosterol Alleviates Inflammatory Response via Inhibiting the Activation of ERK/p38 and NF- κ B Pathways in LPS-Exposed BV2 Cells. Biomed Res Int 2020:1–10. https://doi.org/10.1155/2020/7532306

Takahashi I, Matsuzaki T, Kuroki H, Hoso M (2018) Induction of osteoarthritis by injecting monosodium

iodoacetate into the patellofemoral joint of an experimental rat model. PLoS One 13:1–15. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0196625

Tang C-H (2019) Research of Pathogenesis and Novel Therapeutics in Arthritis. Int J Mol Sci 20:1646. https://doi.org/10.3390/ijms20071646

Tantavisut S, Tanavalee A, Honsawek S, et al (2017) Effect of vitamin E on oxidative stress level in blood, synovial fluid, and synovial tissue in severe knee osteoarthritis: a randomized controlled study. BMC Musculoskelet Disord 18:281. https://doi.org/10.1186/s12891-017-1637-7

Trott O, Olson AJ (2009) AutoDock Vina: Improving the speed and accuracy of docking with a new scoring function, efficient optimization, and multithreading. J Comput Chem NA-NA. https://doi.org/10.1002/jcc.21334

Turkiewicz A, Kiadaliri AA, Englund M (2019) Cause-specific mortality in osteoarthritis of peripheral joints. Osteoarthr Cartil 27:848–854. https://doi.org/10.1016/j.joca.2019.02.793

Umar S, Umar K, Sarwar AHMG, et al (2014) Boswellia serrata extract attenuates inflammatory mediators and oxidative stress in collagen induced arthritis. Phytomedicine 21:847–856. https://doi.org/10.1016/j.phymed.2014.02.001

Vasconcelos CC, Lopes AJO, Sousa ELF, et al (2019) Effects of Extract of Arrabidaea chica Verlot on an Experimental Model of Osteoarthritis. Int J Mol Sci 20:4717. https://doi.org/10.3390/ijms20194717

von Poser GL, Schripsema J, Henriques AT, Jensen SR (2000) The distribution of iridoids in Bignoniaceae. Biochem Syst Ecol 28:351–366. https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0305-1978(99)00076-9

Warleta F, Campos M, Allouche Y, et al (2010) Squalene protects against oxidative DNA damage in MCF10A human mammary epithelial cells but not in MCF7 and MDA-MB-231 human breast cancer cells. Food Chem Toxicol 48:1092–1100. https://doi.org/10.1016/j.fct.2010.01.031

Xu S, Hermanson DJ, Banerjee S, et al (2014) Oxicams Bind in a Novel Mode to the Cyclooxygenase Active Site via a Two-water-mediated H-bonding Network. J Biol Chem 289:6799–6808. https://doi.org/10.1074/jbc.M113.517987

Yuan, Zhang, Shen, et al (2019) Phytosterols Suppress Phagocytosis and Inhibit Inflammatory Mediators via ERK Pathway on LPS-Triggered Inflammatory Responses in RAW264.7 Macrophages and the Correlation with Their Structure. Foods 8:582. https://doi.org/10.3390/foods8110582

Zapata N, Vargas M, Medina P (2011) Actividad fitotóxica de un extracto N-Hexano obtenido de la corteza de Drimys Winteri sobre cuatro especies de malezas. Planta Daninha 29:323–331. https://doi.org/10.1590/S0100-83582011000200010

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados neste estudo fornecem evidências que a *A. chica* pode ser um importante plano terapêutico para o tratamento da OA. Visto que o extrato e frações mostraram–se capaz de inibir a enzima COX–2, alvo importante da ação de fármacos analgésicos e anti-inflamatórios. Bem como, o tratamento oral, por 26 dias consecutivos, com extrato hidroetanólico de *A. chica* (50, 150 e 450 mg/Kg) e frações (hexânica, acetato de etila e butanólica – 5mg/Kg) apresentaram atividade antinociceptiva em modelo experimental de OA, induzido por MIA.

Contudo, os dados obtidos nas análises radiológicas e histopatológicas, não são conclusivos sobre a ação do extrato hidroetanólico de *A. chica* na progressão da OA, pois alguns conflitos entre os dados destas duas análises foram evidenciados, confirmando a necessidade de mais estudos. Entretanto, as mesmas análises nos ensaios com as frações indicam que a fração hexânica e acetato de etila, reduziram significativamente a gravidade ou progressão biológica do processo osteoartrítico.

Os resultados do presente estudo evidenciaram ainda, através das análises químicas, que o extrato de *A. chica* é rico em flavonoides, os quais possuem um vasto potencial biológico, comprovado cientificamente, dentre os quais se destaca a capacidade de reduzir a produção de citocinas pró–inflamatórias, podendo auxiliar no tratamento da OA. E que a fração hexânica, que se destacou com melhor potencial para tratar OA, em relação às demais frações testadas, é composta por uma série de ácidos graxos, terpenos e fitoesteróis, os quais também possuem importantes atividades biológicas já registradas na literatura.

O presente estudo também aponta através dos ensaios *in silico* uma possível via de ação dos compostos presentes no extrato hidroetanólico e na fração hexânica de *A. chica*. Sugerindo que através da interação com a ciclo-oxigenase –2 estes compostos reduzem o processo inflamatório e melhoram o quadro da OA.

E por fim, este estudo fornece dados importantes para formulação de um bioproduto, que seja útil para o tratamento da OA. Além de fomentar novos estudos, que investiguem, por exemplo, outros possíveis mecanismos de ação para as moléculas aqui identificadas, e até mesmo seu uso em outras condições patológicas, em que o processo inflamatório seja relevante.

REFERÊNCIAS

AHMAD, N.; CHEN, L.C.; GORDON, M.A.; LASKIN, J.D.; LASKIN, D.L. Regulation of cyclooxygenase-2 by nitric oxide in activated hepatic macrophages during acute endotoxemia. **J. Leukoc. Biol**. 71, 1005–1011, 2002.

ALCERITO T.; BARBO F.E.; NEGRI G.; SANTOS D.Y.A.C.; MEDA C.I.; YOUNG, M.C.M.; CHÁVEZ D.; BLATT, C.T.T. Folicular epicuticular wax of Arrabidaea brachypoda: flavonoids and antifungical activity. **Biochemical and Sistematics Ecology**, v. 30, p. 677-83, 2002.

ALTMAN, R. D.; MOSKOWITZ, R. Intraarticular Sodium Hyaluronate (Hyalgan) in the Treatment of Patients with Osteoarthritis of the Knee: A Randomized Clinical Trial. Hyalgan Study Group. **The Journal of rheumatology**, v. 25, n. 11, p. 2203–2212, 1998.

ALTMAN, R. D.; SMITH, H. S. Opioid Therapy for Osteoarthritis and Chronic Low Back Pain. **Postgraduate medicine**, v. 122, n. 6, p. 87–97, 2010.

ALVES, M. S. M. et al. Análise farmacognóstica das folhas de Arrabidaea chica (Humb. & Bonpl.) B. Verlt., Bignoniaceae**. Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.20, n.2, 2010.

AMARAL, R. R. et al. Biological Activities of *Arrabidaea chica* (Bonpl .) B . Verl . Leaves. v. 31, n. 3, p. 2383, 2012.

AMIN KM, ANWAR MM, KAMEL MM, KASSEM EM, SYAM YM, ELSEGINY SA. Synthesis, cytotoxic evaluation and molecular docking study of novel quinazoline derivatives as PARP-1 inhibitors. **Acta Pol Pharm**. 70(5):833–849, 2013.

ANDERSEN, M. L.; WINTER, L. M. F. Animal Models in Biological and Biomedical Research - Experimental and Ethical Concerns. **Anais da Academia Brasileira de Ciencias**, v. 91, n. suppl 1, p. e20170238, 2019.

AROA, A.A.; SIMÕES, G.F.; ESQUISATTO, M.A.M.; FOGLIO, M.A.; CARVALHO, J.E.; OLIVEIRA, A.L.R.; GOMES, L.; PIMENTEL, E.R. **Arrabidaea chica** extract improves gait recovery and changes collagen content during healing of the Achilles tendon. **Injury, Int. J. Care Injured,** v. 44, n.7, 884–892, 2013.

ARAKIAN, S. K. L.; SILVA, S. F.; YUYAMA, L. K. O.; Resumo do XV Congresso Brasileiro de Nutrição, Brasília, Brasil, 1988.

ARROLL, B.; GOODYEAR-SMITH, F. Corticosteroid Injections for Osteoarthritis of the Knee: Meta-Analysis. **BMJ (Clinical research ed.)**, v. 328, n. 7444, p. 869, 2004.

ATIQUZZAMAN M, KARIM ME, KOPEC J, WONG H, ANIS AH. Role of Nonsteroidal Antiinflammatory Drugs in the Association Between Osteoarthritis and Cardiovascular Diseases: A Longitudinal Study. **Arthritis Rheumatol**., v. 71, n. 11, p.1835-1843, 2019.

ATTUR, M. G. et al. Osteoarthritis or osteoarthrosis: the definition of inflammation becomes a semantic issue in the genomic era of molecular medicine. **Osteoarthritis and cartilage.** v.10, n.1,p.1-4, 2002.

AYE M. M.; AUNG H. T.; SEIN M.M.; ARMIJOS C. A Review on the Phytochemistry, Medicinal Properties and Pharmacological Activities of 15 Selected Myanmar Medicinal Plants. Molecules. **Molecules**, v. 24, n. 2, p. 293, 2019.

BARBOSA, W. L. R. et al. *Arrabidaea chica* (HBK) Verlot: phytochemical approach, antifungal and trypanocidal activities. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.18 n.4, 2008.

BARRETT, J. P.; SIVIERO, P. Retrospective Study of Outcomes in Hyalgan(R)-Treated Patients with Osteoarthritis of the Knee. **Clinical drug investigation**, v. 22, n. 2, p. 87–97, 2002.

BARROS, F. C. F. .; POHLIT, A. M. .; CHAVES, F. C. M. Effect of substrate and cutting diameter on the propagation of Arrabidaea chica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais,** v. 10, n. 3, p. 38–42, 2008.

BEHRENS;, M. D.; TELLIS, C. J. M.; CHAGAS, M. do S. *Arrabidaea chica* (Humb . & Bonpl .). **Revista Fitos**, v. 7, n. 4, p. 236–244, 2012.

BELLAMY, N. et al. Intraarticular Corticosteroid for Treatment of Osteoarthritis of the Knee. **The Cochrane database of systematic reviews**, n. 2, p. CD005328, 2006.

BENDELE, A. M. Animal Models of Osteoarthritis. **Journal of musculoskeletal & neuronal interactions**, v. 1, n. 4, p. 363–376, 2001.

BENITO MJ, VEALE DJ, FITZGERALD O, VAN DEN BERG WB, BRESNIHAN B. Synovial tissue inflammation in early and late osteoarthritis. **Ann Rheum Dis**, 64:1263-7, 2005.

BERLA, S. M. C. Atividade inibitória in vitro de extratos de arrabidaea chica (verlot.) sobre candida albicans. **Dissertação** (Mestrado em Odontologia). Universidade de Taubaté, São Paulo, 2008.

BERTOLINI A, OTTANI A, SANDRINI M. Drogas anti-inflamatórias de ação dupla: uma reavaliação. **Pharmacol. Res.** 44 : 437-450, 2001.

BINGHAM, B. et al. The Molecular Basis of Pain and Its Clinical Implications in Rheumatology. **Nature clinical practice. Rheumatology**, v. 5, n. 1, p. 28–37, 2009.

BOLTEN, W. W. Differential analgesic treatment in arthrosis and arthritis. **MMW Fortschritte der Medizin**, v. 146, n. 13, p. 39–42, 2004.

BORRÂS, MRL. Plantas da Amazônia. Medicinais ou mágicas. Valer: Manaus, 2003.

BOVE, S. E. et al. Weight Bearing as a Measure of Disease Progression and Efficacy of Anti-Inflammatory Compounds in a Model of Monosodium Iodoacetate-Induced Osteoarthritis. **Osteoarthritis and cartilage**, v. 11, n. 11, p. 821–830, 2003.

BRIEF, A. A.; MAURER, S. G.; DI CESARE, P. E. Use of Glucosamine and Chondroitin Sulfate in the Management of Osteoarthritis. **The Journal of the American Academy of Orthopaedic Surgeons**, v. 9, n. 2, p. 71–78, 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde. Saúde alerta para prevenção às doenças reumáticas. Out 2011. [Acesso 10 out. 2018]; Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/saudeemdia/29041–saude–alerta–para–prevencao–as–doencas–reumaticas>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 156 p., 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de medicamentos. – Brasília: Ministério da Saúde, 148 p., 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos.

Relação Nacional de Medicamentos Essenciais: Rename 2020 – Brasília: Ministério da Saúde, 217 p., 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política e programa nacional de plantas medicinais e fitoterápicos. Brasília, 2016. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.

BROOKS, P. M. Impact of Osteoarthritis on Individuals and Society: How Much Disability? Social Consequences and Health Economic Implications. **Current opinion in rheumatology**, v. 14, n. 5, p. 573–577, 2002.

BRUNETTI, C. et al. Flavonoids as Antioxidants and Developmental Regulators: Relative Significance in Plants and Humans. **International journal of molecular sciences**, v. 14, n. 2, p. 3540–3555, 2013.

CALADO, G. P. et al. Chenopodium Ambrosioides L. Reduces Synovial Inflammation and Pain in Experimental Osteoarthritis. **PloS one**, v. 10, n. 11, p. e0141886, 2015.

CALIXTO, J. B. Efficacy, Safety, Quality Control, Marketing and Regulatory Guidelines for Herbal Medicines (Phytotherapeutic Agents). **Brazilian journal of medical and biological research = Revista brasileira de pesquisas medicas e biologicas**, v. 33, n. 2, p. 179–189, 2000.

CARTÁGENES, M.S.S. 2009 – Investigação dos efeitos tóxicos e hipertensivos de *Arrabidaea chica* Verlot (Bignoniaceae). Tese de Doutorado – Produtos Naturais e sintéticos bioativos– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. Cartágenes, M.S.S. 2009.

CARTAGENES, M. S. S; AMARAL, F. M. M.; PESSOA, D. L. R. ; ABREU, I. C. ; SILVA, S. N. ; BORGES, A. C. R. ; BORGES, M. O. R. ; MEDEIROS, I. A. Arrabidaea chica Verlot, um potencial terapêutico em estudo. Rev. Ciênc. Saúde v. 12, n. 2, p. 97-102, 2010.

CARTAGENES, M. S. S. . et al. Avaliação da atividade anti-hipertensiva do extrato de Arrabidaea chica verlot em ratos espontaneamente hipertensos. **Rev Ciencias da Saúde - UFMA**, v. 16, n. 2, p. 98–105, 2014.

CASTRO–COSTA, C.M.; SANTOS, T.J.T.; CASTRO–COSTA, S.B. Modelos animais e laboratoriais de dor. In: NETO, O. A. et al. **Dor**: Princípios e Práticas. Porto Alegre: Artmed, parte II–23, p. 305–312, 2009.

CARVALHO WA, CARVALHO RDS, RIOS-SANTOS F. Analgésicos Inibidores Específicos da Ciclooxigenase-2: Avanços Terapêuticos. **Rev Bras Anestesiol**, 54: 3: 448 – 464, 2004.

CAVASOTTO, C.N. and PHATAK, S.S. Homology modeling in drug discovery: current trends and applications. **Drug Discovery Today**, v. 0, p. 1-8, 2009.

CHADRASEKHARAN, N. V., DAI, H., ROOS, K. L. T., EVANSON, N. K., TOMSIK, J., ELTON, T. S., SIMMONS, D. L. Cox-3, a cyclooxygenase-1 variant inhibited by acetaminophen and other analgesic / antipyretic drugs: cloning, structure, and expression. **Proceedings of the National academy of sciences of the United States of America**, v. 99, n. 21, p. 13926-13931, 2002.

CHANDRASEKHARAN, N., & SIMMONS, D. L. **Genome Biology**, 5(9), 241, 2004.

CHAN, A. T. et al. Nonsteroidal Antiinflammatory Drugs, Acetaminophen, and the Risk of Cardiovascular Events. **Circulation**, v. 113, n. 12, p. 1578–1587, 2006.

CHANG, Y.C.; LI, P.C.; CHEN, B.C.; CHANG, M.S.;WANG, J.L.; CHIU,W.T.; LIN, C.H. Lipoteichoic acid-induced nitric oxide synthase expression in RAW264.7 macrophages is mediated by cyclooxygenase-2, prostaglandin E2, protein kinase A, p38 MAPK, and nuclear factor-kappaB pathways. **Cell Signal.** 18, 1235–1243, 2006.

CHAUDHARY KK, PRASAD CV. Virtual screening of compounds to 1-deoxydxylulose 5-phosphate reductoisomerase (DXR) from Plasmodium falciparum. **Bioinformation.** 10(6):358–364, 2014.

CHAPMAN, E.; PERKIN, A.; ROBINSON, R. The coloring matters of carajuruna. **J Chem Soc**, p. 3015–3040, 1927.

CHOI, W.-S. et al. Critical Role for Arginase II in Osteoarthritis Pathogenesis. **Annals of the rheumatic diseases**, v. 78, n. 3, p. 421–428, 2019.

CHRISTIANSEN, B. A. et al. Management of Osteoarthritis with Avocado/Soybean Unsaponifiables. **Cartilage**, v. 6, n. 1, p. 30–44, 2015.

CLAUW, D. J.; HASSETT, A. L. The Role of Centralised Pain in Osteoarthritis. **Clinical and experimental rheumatology**, v. 35 Suppl 107, n. 5, p. 79–84, 2017.

COBB RE, BAE B, LI Z, DESIENO MA, NAIR SK, ZHAO H. Structureguided design and biosynthesis of a novel FR-900098 analogue as a potent Plasmodium falciparum 1-deoxy-D-xylulose-5-phosphate reductoisomerase (Dxr) inhibitor. **Chem Commun (Camb)**. 51(13): 2526–2528, 2015.

CONSERVATION INTERNATIONAL. Biodiversity Hotsposts. 2010. Disponível em: http://www.biodiversityhotspots.org/xp/hotspots/Pages/default.aspx>. Acesso em: 27 nov. 2019.

COIMBRA, I. B.; PASTOR E. H.; GREVE, J M. D'A., PUCCINELLI M. L. C.; FULLER R.; CAVALCANTI, F. S.; MACIEL F. M.B.; HONDA E. Consenso brasileiro para o tratamento da osteoartrite (osteoartrose). Rev. Brasi. Reumatol. V.42, n.6, 2002.

CORRÊA, M.P. Ministério da Agricultura, IBDF. 1th ed., Brasil, 1984.

CORTEZ DE SÁ, J. et al. Leishmanicidal, cytotoxicity and wound healing potential of Arrabidaea chica Verlot. **BMC Complementary and Alternative Medicine**, v. 16, n. 1, p. 1, 2016.

CRAIG, D. G. N. et al. Staggered Overdose Pattern and Delay to Hospital Presentation Are Associated with Adverse Outcomes Following Paracetamol-Induced Hepatotoxicity. **British journal of clinical pharmacology**, v. 73, n. 2, p. 285–294, 2012.

CROFFORD LJ - COX-1 and COX-2 tissue expression: implications and predictions. **J Rheumatol**, 24:15-19, 1997.

CUNHA I.G.B. et al. Effects of Arrabidaea chica Verl. (Bignoniaceae) aqueous extract on experimental gastric ulceration. In: LATINAMERICAN CONGRESS OF PHARMACOLOGY, 16., 2000, Aguas de Lindoia, SP. From new molecules to new methods for health and knowledge in the beginning of a new millennium. **Anais.** p. 217–218, 2000.

CUNHA, T. M. et al. A Cascade of Cytokines Mediates Mechanical Inflammatory Hypernociception in Mice. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 102, n. 5, p. 1755–1760, 2005.

DE MOLFETTA, F. A. et al. Docking and Molecular Dynamics Simulation of Quinone Compounds with Trypanocidal Activity. **Journal of molecular modeling**, v. 15, n. 10, p. 1175–1184, 2009.

DE QUEIROZ, A. C. et al. Antinociceptive and Anti-Inflammatory Effects of Flavonoids PMT1 and PMT2 Isolated from Piper Montealegreanum Yuncker (Piperaceae) in Mice. **Natural product research**, v. 28, n. 6, p. 403–406, 2014.

DEVIA, B. et al. New 3-Deoxyanthocyanidins from Leaves of Arrabidaea Chica. **Phytochemical analysis : PCA**, v. 13, n. 2, p. 114–119, 2002.

DIAS, J.P.S. A farmácia e a história: uma introdução à história da farmácia, da farmacologia e da terapêutica. Lisboa: Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa. 2005, 83 p.

DONG MH, CHEN HF, REN YJ, SHAO FM. Molecular modeling studies, synthesis and biological evaluation of dabigatran analogues as thrombin inhibitors. **Bioorg Med Chem**. 24(2):73–84, 2016.

DUBOIS RN, ABRAMSON SB, CROFFORD L, GUPTA RA, SIMON LS, VAN DE PUTTE LB, et al. Cyclooxygenase in biology and disease. **FASEB J**, 12:1063-73, 1998.

DULIN, F. et al. Protecting Honey Bees: Identification of a New Varroacide by in Silico, in Vitro, and in Vivo Studies. **Parasitology research**, v. 113, n. 12, p. 4601–4610, 2014.

ELEOTÉRIO, R. B.; PONTES, K. C. S.; MACHADO, J. P.; REIS, E. C. C.; FERREIRA, P. S.; SILVA, M. B.; MARTINS, N. J. S.; FERNANDES, N. A.; BORGES, A. P. B. Chondroitin sulfate and glucosamine in the cartilage and subchondral bone repair of dogs - Histological findings. **Arquivo Brasiseiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v.67, n.2, p.325-333, 2015.

FELLET, A.; FELLET, A. J.; FELLET, L. Osteoartrose: Uma Revisão. **Revista Brasileira de Medicina.** v. 64, p. 55-61, 2007.

FELSON, D. T. The Sources of Pain in Knee Osteoarthritis. **Current opinion in rheumatology**, v. 17, n. 5, p. 624–628, 2005.

FELSON, D. T. Clinical Practice. Osteoarthritis of the Knee. **The New England journal of medicine**, v. 354, n. 8, p. 841–848, 2006.

FERNIHOUGH, J. et al. Pain Related Behaviour in Two Models of Osteoarthritis in the Rat Knee. **Pain**, v. 112, n. 1–2, p. 83–93, 2004.

FERREIRA, F. A. G.; CARVALHO, C. M.; COSTA, J. C.; FERREIRA, J. M. R. Comprovação do potencial medicinal de *Arrabidaea chica* (bignoniaceae). **Scientia prima**. v. 01, n.01, 2013.

FERREIRA, P. et al. DIAGNOSIS AND THERAPEUTIC APPROACH OF OSTEOARTHRITIS. **Revista Portuguesa de Farmacoterapia / Portuguese Journal of Pharmacotherapy**, v. 4, n. 1, 2012.

FITZGERALD GA, PATRONO C. The coxibs, selective inhibitors of cyclooxigenase-2. **N Engl J Med**, 345:433-442, 2001.

FLOWER, R. J. The development of COX2 inhibitors. **Nature reviews. Drug discovery**, v. 2, n. 3, p. 179–191, 2003.

GAETANO G, DONATI MB, CERLETTI C. Prevenção de trombose e inflamação vascular: benefícios e limitações de inibidores seletivos ou combinados de COX-1, COX-2 e 5-LOX. Tendências. **Pharmacol. Sci**, 24 : 245–252, 2003.

GARAVITO, RM; DEWITT, DL. The cyclooxygenase isoforms: structural insights into the conversion of arachidonic acid to prostaglandins. **Biochim. Biophys. Acta**, 1441: 278 – 287, 1999.

GARBACKI, N. et al. Effects of Prodelphinidins Isolated from Ribes Nigrum on Chondrocyte Metabolism and COX Activity. **Naunyn-Schmiedeberg's archives of pharmacology**, v. 365, n. 6, p. 434–441, 2002.

GEMELLI, T. F. et al. Evaluation of Safety of Arrabidaea Chica Verlot (Bignoniaceae), a Plant with Healing Properties. **Journal of toxicology and environmental health. Part A**, v. 78, n. 18, p. 1170–1180, 2015.

GLINEUR, C.; DAVIOUD-CHARVET, E.; VANDENBUNDER, B. The Conserved Redox-Sensitive Cysteine Residue of the DNA-Binding Region in the c-Rel Protein Is Involved in the Regulation of the Phosphorylation of the Protein. **The Biochemical journal**, v. 352 Pt 2, p. 583–591, dez. 2000.

GLYN-JONES, S. et al. Osteoarthritis. **Lancet (London, England)**, v. 386, n. 9991, p. 376–387, 2015.

GOBEZIE, R. et al. High Abundance Synovial Fluid Proteome: Distinct Profiles in Health and Osteoarthritis. **Arthritis research & therapy**, v. 9, n. 2, p. R36, 2007.

GODWIN, M.; DAWES, M. Intra-articular steroid injections for painful knees. Systematic review with meta-analysis. **Canadian Family Physician**, v. 50, n. 2, p. 241 LP – 248, 2004.

GOTTSCHALK, A.; SMITH, D. S. New Concepts in Acute Pain Therapy: Preemptive Analgesia. **American family physician**, v. 63, n. 10, p. 1979–1984,2001.

GRÄSSEL S, MUSCHTER D. Recent advances in the treatment of osteoarthritis. **F1000Res.**, v. 9, n.325, p. 1-17 2020.

GRUBB, B. D. Activation of Sensory Neurons in the Arthritic Joint. **Novartis Foundation symposium**, v. 260, p. 28- 48,100- 104,277-279, 2004.

GUIDO, R. V. C.; ANDRICOPULO, A. D.; OLIVA, G. **Planejamento de fármacos, biotecnologia e química medicinal: aplicações em doenças infecciosas Estudos Avançados**, v.24 n.70, 2010.

GURUDEEBAN, S. et al. Dipeptidyl peptidase IV inhibitors derived from a mangrove flora Rhizophora mucronata: An in silico approach. **Bangladesh Journal of Pharmacology**, v. 7, n. 3, 2012.

GUYTON, ARTHUR C.; HALL, JOHN E. Tratado de Fisiologia Médica — Elsevier13ª Ed. 2017.

HARBORNE, J.B; WILLIAMS, C.A. Anthocyanins and other flavonoids: **Natural Products Report**, v.18. p 310-333, 2001.

HASEEB, A.; ANSARI, M. Y.; HAQQI, T. M. Harpagoside Suppresses IL-6 Expression in Primary Human Osteoarthritis Chondrocytes. **Journal of orthopaedic research : official publication of the Orthopaedic Research Society**, v. 35, n. 2, p. 311–320, 2017.

HASEEB, A.; HAQQI, T. M. Immunopathogenesis of Osteoarthritis. **Clinical immunology (Orlando, Fla.)**, v. 146, n. 3, p. 185–196, 2013.

HEBERT S, XAVIER R. Ortopedia e traumatologia: princípios e prática. 3. ed. Porto alegre: Artmed; 2003.

HILIGSMANN, M. et al. Health Economics in the Field of Osteoarthritis: An Expert's Consensus Paper from the European Society for Clinical and Economic Aspects of Osteoporosis and Osteoarthritis (ESCEO). **Seminars in arthritis and rheumatism**, v. 43, n. 3, p. 303–313, 2013.

HUNTER, D. J.; LO, G. H. The Management of Osteoarthritis: An Overview and Call to Appropriate Conservative Treatment. **Rheumatic diseases clinics of North America**, v. 34, n. 3, p. 689–712, 2008.

HUANG, H., YU, H.W., CHEN, C., HSU, C., CHEN, H., LEE, K., TSAI, F., CHEN, C.Y.C. Current developments of computer-aided drug design. Journal of the Taiwan **Institute of Chemical Engineers**, v. 41, p. 623-635, 2010.

HUEY, R., MORRIS, G.M., OLSON, A.J., GOODSELL, D.S. A semiempirical free energy force field with charge-based desolvation. **J Comput. Chem**. v. 28, p. 1145–52, 2007.

IASP Subcommittee on Taxonomy. The need of a taxonomy. **PAIN**, 6:249–52, 1979.

IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises. Projeções da população: Brasil e unidades da federação: revisão 2018. IBGE, v.40, 2 ed., 2018.

IM, H.-J. et al. Alteration of Sensory Neurons and Spinal Response to an Experimental Osteoarthritis Pain Model. **Arthritis and rheumatism**, v. 62, n. 10, p. 2995–3005, out. 2010.

JANG M.H; LIM S.; HAN, S.M.; PARK, H.J.; SHIN, I.; KIM, J.W.; KIM, N.Y.; LEE, J.S.; KIM, K.A.; KIM, C.J. Harpagophytum procumbens suppresses lipopolysaccharide-stimulated expressions of cyclooxygenase-2 and inducible nitric oxide synthase in fibroblast cell line L929. **Journal of Pharmacological Sciences**. 93(3): 367-371, 2003.

JANSSEN-HEININGER, Y. M.; POYNTER, M. E.; BAEUERLE, P. A. Recent Advances towards Understanding Redox Mechanisms in the Activation of Nuclear Factor KappaB. **Free radical biology & medicine**, v. 28, n. 9, p. 1317–1327, 2000.

JARAPULA R, GANGARAPU K, MANDA S, REKULAPALLY S. Synthesis, In Vivo Anti-Inflammatory Activity, and Molecular Docking Studies of New Isatin Derivatives. **International Journal of Medicinal Chemistry**. 2016:2181027, 2016.

JOHNSON, V. L.; HUNTER, D. J. The Epidemiology of Osteoarthritis. **Best practice & research. Clinical rheumatology**, v. 28, n. 1, p. 5–15, 2014.

JORGE, M. P. Atividade cicatrizante de microencapsulados de extrato bruto etanólico obtido de *Arrabidaea chica* (humb. & bonpl.) verlot**.** Tese de doutorado, Pós–Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Campinas, Brasil, 2013.

JORGE, M.P. Atividade cicatrizante do extrato bruto de Arrabidaea chica (Humb. & Bonpl.) Verlot. Dissertação (Mestrado em clínica Médica na área de Ciências Básicas)- Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP – Campinas, 2008.

JOLY, C. et al. Diagnóstico da pesquisa em biodiversidade no Brasil . **Revista USP**, v. 0, n. 89 SE-Dossiê, 1 maio 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13873>.

JOSÉ, F. Osteoartrite: fisiopatologia e tratamento medicamentoso. **JBM,** v. 101, n. 2, p. 47-52, 2013.

JORDAN, K. M. et al. EULAR Recommendations 2003: An Evidence Based Approach to the Management of Knee Osteoarthritis: Report of a Task Force of the Standing Committee for International Clinical Studies Including Therapeutic Trials (ESCISIT). **Annals of the rheumatic diseases**, v. 62, n. 12, p. 1145–1155, 2003.

KALIL FILHO, A. N.; COSTA KALIL, G. P.; REIS LUZ, A. I.; Comunicado Técnico EMBRAPA. 50,1–4, 2000.

KASERER, T.; TEMML, V.; KUTIL, Z.; VANEK, T.; LANDA, P.; SCHUSTER, D. Prospective performance evaluation of selected common virtual screening tools. Case study: Cyclooxygenase (COX) 1 and 2. **European Journal of Medicinal Chemistry**, v. 96, p. 445–457, 2015.

KLAUMANN, P. R.; WOUK, A. F. P. F.; SILLAS, T. PATOFISIOLOGIA DA DOR. **Archives of Veterinary Science**, v. 13, n.1, p.1-12, 2008.

KAWANO, M. M. et al. Assessment of Quality of Life in Patients with Knee Osteoarthritis. **Acta ortopedica brasileira**, v. 23, n. 6, p. 307–310, 2015.

KELLY, S. et al. Spontaneous Firing in C-Fibers and Increased Mechanical Sensitivity in A-Fibers of Knee Joint-Associated Mechanoreceptive Primary Afferent Neurones during MIA-Induced Osteoarthritis in the Rat. **Osteoarthritis and cartilage**, v. 20, n. 4, p. 305–313, 2012.

KITCHEN, D.B., DECORNEZ, H., FURR, J., BAJORATH, J. Docking and Scoring In Virtual Screening for Drug Discovery: Methods and Applications. **Drug discovery**, v. 3, p. 935 - 949, 2004.

KOCH, B.; BAUM, W.; BURMESTER, G.R.; ROHWER, P.; REINKE, M.; ZACHER, J.; KIRCHNER, H.; KALDEN, J.R. Prostaglandin E2, interleukin 1 and gamma interferon production of mononuclear cells of patients with inflammatory and degenerative joint diseases. **Z. Rheumatol**. 48, 194–199, 1988.

KOJIMA F, KATO S, KAWAI S. Prostaglandin E synthase in the pathophysiology of arthritis. **Fundam Clin Pharmacol**, 19:255-61, 2005.

KORTAGERE, S., EKINS, S. Troubleshooting computational methods in drug discovery. **Journal of Pharmacological and Toxicological Methods**, v. 61, p. 67–75, 2010.

KRASNOKUTSKY, S.; SAMUELS, J.; ABRAMSON, S. B. Osteoarthritis in 2007. **Bulletin of the NYU hospital for joint diseases**, v. 65, n. 3, p. 222–228, 2007.

KUYINU, E. L. et al. Animal Models of Osteoarthritis: Classification, Update, and Measurement of Outcomes. **Journal of orthopaedic surgery and research**, v. 11, p. 19, 2016.

KUMAR HPP, PANDA P, KARUNAKAR P, SHIKSHA K, SINGH L, RAMESH N, et al. Potential Cyclooxygenase (COX-2) enzyme inhibitors from Myrica nagi-from in-silico to in-vitro investigation. **Phcog Mag** 15:S280-7, 2019.

LASLETT, L.; JIN, X.; JONES, G. Efficacy and safety of plant-derived products for the treatment of osteoarthritis. **Botanics: Targets and Therapy**, v.1, 2014.

LAMPROPOULOU-ADAMIDOU, K. et al. Useful Animal Models for the Research of Osteoarthritis. **European journal of orthopaedic surgery & traumatology : orthopedie traumatologie**, v. 24, n. 3, p. 263–271, 2014.

LANG, L. J. et al. Opioids in Rheumatic Diseases. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1193, p. 111–116, 2010.

LAPA, A.J. et al. **Métodos de avaliação da atividade farmacológica de plantas medicinais**. 5.ed. São Paulo: Setor de Produtos Naturais, Departamento de Farmacologia, UNIFESP/EPM, 119 p., 2007.

LEE, A. S. et al. A Current Review of Molecular Mechanisms Regarding Osteoarthritis and Pain. **Gene**, v. 527, n. 2, p. 440–447, 2013.

LENT, R. Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2010. 786 p.

LEPETSOS, P.; PAPAVASSILIOU, K. A.; PAPAVASSILIOU, A. G. Redox and NF-κB signaling in osteoarthritis. **Free Radical Biology and Medicine.**v.132, 90-100, 2019.

LI, L.; LIU, H.; SHI, W.; LIU, H.; YANG, J.; XU, D.; HUANG, H,; WU, L. Insights into the Action Mechanisms of Traditional Chinese Medicine in Osteoarthritis. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, 1–13, 2017.

LIMA DE MEDEIROS, B. J. et al. Liver Protective Activity of a Hydroethanolic Extract of Arrabidaea Chica (Humb. and Bonpl.) B. Verl. (Pariri). **Pharmacognosy research**, v. 3, n. 2, p. 79–84, 2011.

LIMA, F.C.V.M. Efeito de *Arrabidaea chica* Verlot na dor neuropática pós traumática em ratos. Tese, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brazil, 2018.

LIMA, J. C. S. et al. Anti-Inflammatory Activity of 4',6,7-Trihydroxy-5-Methoxyflavone from *Fridericia Chica* (Bonpl.) L.G.Lohmann. **Natural product research**, p. 1–5, 2018.

LINO VON POSER, G. et al. The distribution of iridoids in Bignoniaceae. **Biochemical Systematics and Ecology**, v. 28, n. 4, p. 351–366, 2000.

LITWIC, A. et al. Epidemiology and Burden of Osteoarthritis. **British medical bulletin**, v. 105, p. 185–199, 2013.

LOESER, R. F. Aging and Osteoarthritis: The Role of Chondrocyte Senescence and Aging Changes in the Cartilage Matrix. **Osteoarthritis and cartilage**, v. 17, n. 8, p. 971–979, ago. 2009.

LOHMANN, L. G. Untangling the Phylogeny of Neotropical Lianas (Bignonieae, Bignoniaceae). **American journal of botany**, v. 93, n. 2, p. 304–318, 2006.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2.ed ed. [s.l.] Instituto Plantarum, 2008.

LÚCIO, M., BRINGEZU, F., REIS, S., LIMA, J. L. F. C., BREZESINSKI, G. Binding of Nonsteroidal Anti-inflammatory Drugs to DPPC: Structure and Thermodynamic Aspects. **Langmuir**, v. 24, p. 4132-4139, 2008.

MA, D.-L. et al. Molecular Modeling of Drug-DNA Interactions: Virtual Screening to Structure-Based Design. **Biochimie**, v. 93, n. 8, p. 1252–1266, 2011.

MAFIOLETI, L.; DA SILVA JUNIOR, I. F.; COLODEL, E. M.; FLACH, A.; MARTINS, D. T. DE O. Evaluation of the toxicity and antimicrobial activity of hydroethanolic extract of *Arrabidaea chica* (Humb. &Bonpl.)B.Verl. **Journal of Ethnopharmacology***,* 150(2), 576–582, 2013.

MAGALHÃES, C.S.; BARBOSA, H. J.C.; DARDENNE, L. E. A genetic algorithm for the ligand-protein docking problem. **Genet. Mol. Biol**., v.27 n.4, 2004.

MAKSIMOVIĆ, Z.; SAMARDŽIĆ, S. Herbal Medicinal Products in the Treatment of Osteoarthritis. In: **Osteoarthritis Biomarkers and Treatments**. [s.l: s.n.]p. 1–19, 2018.

MALDONADO, M.; NAM, J. The Role of Changes in Extracellular Matrix of Cartilage in the Presence of Inflammation on the Pathology of Osteoarthritis. **BioMed research international**, v. 2013, p. 284873, 2013.

MANEK, N. J.; LANE, N. E. Osteoarthritis: Current Concepts in Diagnosis and Management.

American family physician, v. 61, n. 6, p. 1795–1804, 2000.

MARKER, C. L.; POMONIS, J. D. The Monosodium Iodoacetate Model of Osteoarthritis Pain in the Rat. **Methods in molecular biology (Clifton, N.J.)**, v. 851, p. 239–248, 2012.

MARTEL-PELLETIER J, PELLETIER JP, FAHMI H. Cyclooxygenase-2 and prostaglandins in articular tissues**. Semin Arthritis Rheum**, 33:155-67, 2003.

MARTINS, E.R. et al. Plantas Medicinais. Viçosa, MG: UFV, 220 p., 1994.

MASTBERGEN, S. C.; LAFEBER, F. P. J. G.; BIJLSMA, J. W. J. Selective COX-2 inhibition prevents proinflammatory cytokine-induced cartilage damage. **Rheumatology**, v.41, n. 7, p. 801–808, 2002.

MCALINDON T. E, NUITE M, KRISHNAN N, RUTHAZER R, PRICE L. L, BURSTEIN D, GRIFFITH J, FLECHSENHAR K. Change in knee osteoarthritis cartilage detected by delayed gadolinium enhanced magnetic resonance imaging following treatment with collagen hydrolysate: a pilot randomised controlled trial. **Osteoarthritis and Cartilage**, v.19, p.399–405, 2011.

MCALINDON, T. E. et al. OARSI Guidelines for the Non-Surgical Management of Knee Osteoarthritis. **Osteoarthritis and cartilage**, v. 22, n. 3, p. 363–388, 2014.

MCCABE, C. S. Pain Mechanisms and the Rheumatic Diseases. **Musculoskeletal care**, v. 2, n. 2, p. 75–89, 2004.

MENA-ULECIA K, TIZNADO W, CABALLERO J. Study of the differential activity of thrombin inhibitors using docking, QSAR, molecular dynamics, and MM-GBSA. **PLoS One**. 10(11):e0142774, 2015.

MENDES A.G.R. et al. Avaliação da atividade cicatrizante da *Arrabidaea chica* Verl. em pacientes com escoriações e pequenas queimaduras, atendidos em Centro de Saúde de Manaus, AM. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FARMACOLOGIA E TERAPÊUTICA EXPERIMENTAL, 2002, Águas de Lindóia. **Resumos**, Águas de Lindóia, 2001.

MERSKEY H, BOGDUK N, editors. Classification of chronic pain. 2 ed. Seattle, WA: IASP Press. Task Force on Taxonomy of the IASP Part III: Pain terms, a current list with definitions and notes on usage; pp. 209–214, 1994.

MICHEL, A. F. R. M. et al. Evaluation of Anti-Inflammatory, Antiangiogenic and Antiproliferative Activities of *Arrabidaea Chica* Crude Extracts. **Journal of ethnopharmacology**, v. 165, p. 29–38, 2015.

MIRANDA, N. et al. Pheophorbide a, a Compound Isolated from the Leaves of *Arrabidaea Chica*, Induces Photodynamic Inactivation of Trypanosoma Cruzi. **Photodiagnosis and photodynamic therapy**, v. 19, p. 256–265, 2017.

MORS, W. B. .; RIZZINI, C. T. .; PEREIRA, N. A. Medicinal Plants of Brasil. 1. ed. Algonac, Michiga: Reference Publications, Inc, 2000.

MORTELLARO, C.M. Pathophysiology of osteoarthritis. **Vet. Res. Commun**, v. 27, p. 75–78, 2003.

MORRIS, G.M., GOODSELL, D.S., HALLIDAY, R.S., HUEY, R., HART, W.E., BELEW, R.K., OLSON, A.J. Automated docking using a Lamarckian genetic algorithm and an empirical binding free energy function. **J Comput. Chem**. v. 19, p. 1639–62, 1998.

MOTA, M.R.S. Análise da atividade antimicrobiana de extratos e frações purificadas da planta *arrabidaea chica* verl. (**Tese**). Pós–graduação em Biotecnologia da Universidade Federal do Amazonas. Manaus–AM, p.119, 2011.

MULEK, M. et al. Distribution of Constituents and Metabolites of Maritime Pine Bark Extract (Pycnogenol((R))) into Serum, Blood Cells, and Synovial Fluid of Patients with Severe Osteoarthritis: A Randomized Controlled Trial. **Nutrients**, v. 9, n. 5, abr. 2017.

NAGASHIMA, H. et al. Preliminary Assessment of the Safety and Efficacy of Tanezumab in Japanese Patients with Moderate to Severe Osteoarthritis of the Knee: A Randomized, Double-Blind, Dose-Escalation, Placebo-Controlled Study. **Osteoarthritis and cartilage**, v. 19, n. 12, p. 1405–1412, 2011.

NAIR, M. P. et al. The Flavonoid Quercetin Inhibits Proinflammatory Cytokine (Tumor Necrosis Factor Alpha) Gene Expression in Normal Peripheral Blood Mononuclear Cells via Modulation of the NF-Kappa Beta System. **Clinical and vaccine immunology : CVI**, v. 13, n. 3, p. 319–328, mar. 2006.

NELSON, A. E. et al. A Systematic Review of Recommendations and Guidelines for the Management of Osteoarthritis: The Chronic Osteoarthritis Management Initiative of the U.S. Bone and Joint Initiative. **Seminars in arthritis and rheumatism**, v. 43, n. 6, p. 701–712, 2014.

NICE – National institute for health and care excellence. Management of osteoarthritis. Disponível em: https://pathways.nice.org.uk/pathways/osteoarthritis/management–of–osteoarthritis.pdf. Acesso em 10 de junho de 2019.

NIELSEN, O. H. et al. Systematic Review: Coxibs, Non-Steroidal Anti-Inflammatory Drugs or No Cyclooxygenase Inhibitors in Gastroenterological High-Risk Patients? **Alimentary pharmacology & therapeutics**, v. 23, n. 1, p. 27–33, 2006.

O'NEILL, T. W.; MCCABE, P. S.; MCBETH, J. Update on the Epidemiology, Risk Factors and Disease Outcomes of Osteoarthritis. **Best practice & research. Clinical rheumatology**, v. 32, n. 2, p. 312–326, 2018.

OLIVEIRA, D. P. C. de et al. Atividade antiinflamatória do extrato aquoso de *Arrabidaea chica* (Humb. & Bonpl.) B. Verl. sobre o edema induzido por venenos de serpentes amazônicas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 2009.

OPREA, T. I. **Chemoinformatics in drug discovery.** Weinheim: Wiley–VCH,. 493 p., 2005.

PARENTE L. Prós e contras da inibição seletiva da ciclo-oxigenase-2 versus dupla inibição da lipoxigenase / ciclo-oxigenase: duas são melhores que uma? **J. Rheumatol.**, 28 : 2375-2382, 2001.

PATRIGNANI P, TACCONELLI S, SCIULLI MG, CAPONE ML. Novas idéias sobre a biologia e inibição da COX-2. **Cérebro. Res. Ver**, 48: 352–329, 2005

PAVELKA, K. Treatment of Pain in Osteoarthritis. **European journal of pain (London, England)**, v. 4 Suppl A, p. 23–30, 2000.

PELLETIER, J. P.; MARTEL-PELLETIER, J.; ABRAMSON, S. B. Osteoarthritis, an Inflammatory Disease: Potential Implication for the Selection of New Therapeutic Targets. **Arthritis and rheumatism**, v. 44, n. 6, p. 1237–1247, 2001.

PEREIRA, D. et al. The Effect of Osteoarthritis Definition on Prevalence and Incidence Estimates: A Systematic Review. **Osteoarthritis and cartilage**, v. 19, n. 11, p. 1270–1285, 2011.

POMONIS, J. D. et al. Development and Pharmacological Characterization of a Rat Model of Osteoarthritis Pain. **Pain**, v. 114, n. 3, p. 339–346, 2005.

PRADA, T. C.; MINTO, B. W.; PEREIRA, N. W.; KARCHER, D. E.; DIAS, L. G. G. G. Tratamento clínico da osteoartrite do joelho em cães. **Investigação** 17(1): 16-23, 2018.

RAMHARACK P, SOLIMAN MES. Zika virus NS5 protein potential inhibitors: An enhanced in silico approach in drug discovery. **Journal of Biomolecular Structure & Dynamics**. 36 (5): 1-54, 2017.

RÊGO, T. J. A. Fitogeografia das plantas medicinais no Maranhão. 2. ed. São Luís: EDUFMA, 1995.

REZENDE, M. U. de; CAMPOS, G. C. de; PAILO, A. F. Conceitos atuais em osteoartrite**. Acta Ortopédica Brasileira**, 2013.

RIBEIRO, C.M. Avaliação da atividade antimicrobiana de plantas medicinais- **Dissertação** de mestrado. Instituto de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Pará- UFPA, 2008.

RIBEIRO, A. F. C.; Avaliação das atividades antiinflamatória, antiangiogênica e antitumoral de extratos da Arrabidaea chica (Humb. & Bonpl.) B. Verlot. **Tese** (doutorado em Ciência Animal). Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais– UFMA, Belo Horizonte, 2012.

ROBINSON, W. H. et al. Low-Grade Inflammation as a Key Mediator of the Pathogenesis of Osteoarthritis. **Nature reviews. Rheumatology**, v. 12, n. 10, p. 580–592, 2016.

ROCHA, J. R. Planejamento de Inibidores das Enzimas Gliceraldeído-3-fosfato Desidrogenase e Diidroorotato Desidrogenase de Trypanosoma cruzi. **Tese** (doutorado em Ciências). Pós Graduação do Instituto de Química de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlor-SP, 2010.

RODITI, D.; ROBINSON, M. E. The Role of Psychological Interventions in the Management of Patients with Chronic Pain. **Psychology research and behavior management**, v. 4, p. 41–49, 2011.

RODRIGUES, I. A. et al. Arrabidaea Chica Hexanic Extract Induces Mitochondrion Damage and Peptidase Inhibition on Leishmania Spp. **BioMed research international**, v. 2014, p. 985171, 2014.

RODRIGUES, V.E.G.; CARVALHO, D.A. Plantas medicinais no domínio dos Cerrados. Lavras: UFLA, 2001. 180 p.

ROSIS, R. G. De; KAIRALLA, M. Osteoartrite : avaliação clínica e epidemiológica de pacientes idosos em instituição de longa permanência. **Rev Bras Clin Med**. v. 8, n. 2, p. 101–108, 2010.

RUIZ-BENITO, P.; CAMACHO-ZAMBRANO, M.M.; CARRILLO-ARCENTALES, J.N.; MESTANZA-PERALTA, M.A.; VALLEJO-FLORES, C.A., VARGASLOPEZ, S.V.; VILLACIS-TAMAYO, R.A.; ZURITA-GAVILANES, L.A. "A randomized controlled trial on the efficacy and safety of a food ingredient, collagen hydrolysate, for improving joint comfort". **International journal of food science and nutrition**, v.60, p.99-113, 2009.

SABBAH DA, SAADA M, KHALAF RA, et al. Molecular modeling based approach, synthesis, and cytotoxic activity of novel benzoin derivatives targeting phosphoinostide 3-kinase (PI3Kalpha). **Bioorg Med Chem Lett**. 25(16):3120–3124, 2015.

SAMPAIO, A.L.F. et al. Avaliação da atividade anti–inflamatória do extrato aquoso de Arrabidaea chica Verl. (Bignoniaceae). In: REUNIÃO ANUAL DA FEDERAÇÃO DE

SOCIEDADE DE BIOLOGIA EXPERIMENTAL, Caxambu, 1998. *Resumos.* Caxambu: FESBE, 1998. p. 102.

SCHIOZER, A. L.; SILVA, J. C. T.; PEREIRA, R.; BARATA, L. E. S.; resumo do Simpósio Brasileiro de Plantas Medicinais, Salvador, Brasil, 2006.

SCHIOZER, A. L. et al. Electrospray ionization mass spectrometry fingerprinting of extracts of the leaves of *Arrabidaea chica.* **J. Braz. Chem. Soc.** v.23 n.3, 2012.

SCHUELERT, N.; MCDOUGALL, J. J. Grading of Monosodium Iodoacetate-Induced Osteoarthritis Reveals a Concentration-Dependent Sensitization of Nociceptors in the Knee Joint of the Rat. **Neuroscience letters**, v. 465, n. 2, p. 184–188, nov. 2009.

SCHULZE-TANZIL, G.; HANSEN, C.; SHAKIBAEI, M. [Effect of a Harpagophytum procumbens DC extract on matrix metalloproteinases in human chondrocytes in vitro]. **Arzneimittel-Forschung**, v. 54, n. 4, p. 213–220, 2004.

SEED, S. M.; DUNICAN, K. C.; LYNCH, A. M. Osteoarthritis: A Review of Treatment Options. **Geriatrics**, v. 64, n. 10, p. 20–29, 2009.

SENGUPTA, K. et al. A Double Blind, Randomized, Placebo Controlled Study of the Efficacy and Safety of 5-Loxin for Treatment of Osteoarthritis of the Knee. **Arthritis research & therapy**, v. 10, n. 4, p. R85, 2008.

SHARMA, L.; KAPOOR, D.; ISSA, S. Epidemiology of Osteoarthritis: An Update. **Current opinion in rheumatology**, v. 18, n. 2, p. 147–156, 2006.

SILVA, R. H. M.; LIMA, N. de F. M.; LOPES, A. J. O.; VASCONCELOS, C. C.; DE MESQUITA, J. W. C.; DE MESQUITA, L. S. S.; LIMA, F. C. V. M.; RIBEIRO, M. N. de S.; RAMOS, R. M.; CARTAGENES, M. do S. de S.; GARCIA, J. B. S. Antinociceptive activity of *Borreria verticillata*: *in vivo* and *in silico* studies. **Frontiers in pharmacology**, v. 8, p. 283, 2017.

ŚWIĄTEK, P.; STRZELECKA M.; URNIAŻ, RAFAL; GĘBCZAK, K.; GĘBAROWSKI, T.; GĄSIOROWSKI, K.; MALINKA W. Synthesis, COX-1/2 inhibition activities and molecular docking study of isothiazolopyridine derivatives. **Bioorganic & Medicinal Chemistry**, 25(1), 316–326, 2017.

SIEBUHR, A. S. et al. Inflammation (or Synovitis)-Driven Osteoarthritis: An Opportunity for Personalizing Prognosis and Treatment? **Scandinavian journal of rheumatology**, v. 45, n. 2, p. 87–98, 2016.

SILVA, R.C. Fototoxicidade de nanoemulsão de extrato de crajiru (*Arrabidaea chica*) em linhagem de células de adenocarcinoma mamário murino (4T1). **Tese** (Doutorado em Biologia Animal) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília. 2013.

SIRAICHI, J. T. G. et al. Antioxidant Capacity of the Leaf Extract Obtained from Arrabidaea Chica Cultivated in Southern Brazil. **PloS one**, v. 8, n. 8, p. e72733, 2013.

SOHN, D. H. et al. Plasma Proteins Present in Osteoarthritic Synovial Fluid Can Stimulate Cytokine Production via Toll-like Receptor 4. **Arthritis research & therapy**, v. 14, n. 1, p. R7, 2012.

STEWART, H. L.; KAWCAK, C. E. The Importance of Subchondral Bone in the Pathophysiology of Osteoarthritis. **Frontiers in veterinary science**, v. 5, p. 178, 2018.

TAFFARELLO, D. Extratos de *Arrabidaea chica* (Humb. & Blonp.) Verlot obtidos por processos biotecnológicos:otimização da extração e avaliação farmacológica. **Dissertação**

(Mestrado em Biotecnologia) - Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TAFFARELLO, D.; JORGE, M. P.; RIVEROS, J.M.; EBERLIN M.N.; CABRAL, E.C. Atividade de extratos de *Arrabidaea chica* (humb. & bonpl.) verlot obtidos por processos biotecnológicos sobre a proliferação de fibroblastos e células tumorais humanas. **Quim. Nova**, v. 36, n. 3, p. 431-436, 2013.

TAKAHASHI, I. et al. Induction of osteoarthritis by injecting monosodium iodoacetate into the patellofemoral joint of an experimental rat model. **PLOS ONE**, v. 13, n. 4, p. 1–15, 2018.

TAKEDA-SHITAKA, M. et al. Protein Structure Prediction in Structure Based Drug Design. **Current medicinal chemistry**, v. 11, n. 5, p. 551–558, mar. 2004.

TAKEMURA, O. S. et al. A flavone from leaves of *Arrabidaea chica* f. cuprea. **Phytochemistry**, v. 38, n. 5, p. 1299–1300, 1995.

THAKUR, M.; DICKENSON, A. H.; BARON, R. Osteoarthritis pain: nociceptive or neuropathic? **Nat. Rev. Rheumatol**. 10, 374–380, 2014.

TEEPLE, E. et al. Animal Models of Osteoarthritis: Challenges of Model Selection and Analysis. **The AAPS journal**, v. 15, n. 2, p. 438–446, 2013.

TORRES, P. H. M.; SODERO, A. C. R.; JOFILY, P.; SILVA-JR, F. P. Key topics in molecular docking for drug design. **International Journal of Molecular Sciences**, v. 20, n. 18, p. 4574, 2019.

VAN DRIE, J. H. Computer-aided drug design: The next 20 years. **Journal of computer-aided molecular design**, v. 21, n. 10–11, p. 591–601, 2007.

VAN DEN BERG, M. E. – CNPQ/Programa Trópico Úmido/MPEG, Editora Ltda, p.13. 1982.

VAN DER KRAAN, P. M.; VAN DEN BERG, W. B. Osteophytes: Relevance and Biology. **Osteoarthritis and cartilage**, v. 15, n. 3, p. 237–244, 2007.

VANE JR, BAKHLE YS, BOTTING RM. Cyclooxygenase 1 and 2. **Annu Rev Pharmacol Toxicol**, 38:97-120, 1998.

VERBRUGGEN, G. et al. Tumour Necrosis Factor Blockade for the Treatment of Erosive Osteoarthritis of the Interphalangeal Finger Joints: A Double Blind, Randomised Trial on Structure Modification. **Annals of the rheumatic diseases**, v. 71, n. 6, p. 891–898, 2012.

VERRI, W. A. J. et al. Hypernociceptive Role of Cytokines and Chemokines: Targets for Analgesic Drug Development? **Pharmacology & therapeutics**, v. 112, n. 1, p. 116–138, 2006.

VILELA, F.C. Efeito antinociceptivo, antidepressivo e ansiolítico dos extratos das partes aéreas de Sonchus oleraceus L. (serralha). **Dissertação** (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas. 2009.

VIANNA CP, DE AZEVEDO WF, JR.: Identification of new potential mycobacterium tuberculosis shikimate kinase inhibitors through molecular docking simulations. **Journal of Molecular Modeling,** 18(2):755-764, 2012.

VON POSER, G. L. et al. The distribution of iridoids in Bignoniaceae. **Biochemical Systematics and Ecology**, v. 28, n. 4, p. 351–366, 2000.

VONITZSTEIN M, WU WY, KOK GB, PEGG MS, DYASON JC, JIN B, PHAN TV,

SMYTHE ML, WHITE HF, OLIVER SW, et al. Rational design of potent sialidase-based inhibitors of influenza-virus replication. **Nature.** 363(6428): 418-423, 1993.

VUOLTEENAHO K, MOILANEN T, MOILANEN E. Non-steroidal anti-inflammatory drugs, cyclooxygenase-2 and the bone healing process. **Basic Clin Pharmacol Toxicol**, 102:10-4, 2008.

WATSON, J.D., SANDERSON, S., EZERSKY, A., SAVCHENKO, A., EDWARDS, A., ORENGO, C., JOACHIMIAK, A., LASKOWSKI, R.A., THORNTON, J.M. Towards Fully Automated Structure-based Function Prediction in Structural Genomics: A Case Study. **J Mol Bio**, v. 367, p. 1511-22, 2007.

WENHAM, C. Y. J.; CONAGHAN, P. G. Optimising Pain Control in Osteoarthritis. **The Practitioner**, v. 254, n. 1735, p. 2- 3,23-26, 2010.

WERMUTH, C. G. **The Practice of Medicinal Chemistry**. 2 ed, 2003.

WILLIAMS, A. C. de C.; CRAIG, K. D. Updating the Definition of Pain. **Pain**, v. 157, n. 11, p. 2420–2423, nov. 2016.

WILLOUGHBY DA, MOORE AR, COLVILLE-NASH PR. COX-1, COX- 2, and COX-3 and the future treatment of chronic inflammatory disease. **Lancet**, 355:646-8, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Chronic rheumatic conditions: Osteoarthritis. [Acesso 11 ago. 2018]; Disponível em: < https://www.who.int/chp/topics/rheumatic/en/>.

WOOLF, C. J.; MA, Q. Nociceptors--Noxious Stimulus Detectors. **Neuron**, v. 55, n. 3, p. 353–364, 2007.

WOODELL-MAY J. E., SOMMERFELD S. D. Role of Inflammation and the Immune System in the Progression of Osteoarthritis. **J Orthop Res**, v.38, n. 2, p. 253-257, 2020.

XIMENES, A. C.; MELO, A. M. P.; CUSTODIO, D. M. E. . **No TitleDor: Princípios e Prática.** 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

YU, S. P.; HUNTER, D. J. Managing Osteoarthritis. **Australian prescriber**, v. 38, n. 4, p. 115–119, 2015.

YUAN, X. L. et al. Bone-Cartilage Interface Crosstalk in Osteoarthritis: Potential Pathways and Future Therapeutic Strategies. **Osteoarthritis and cartilage**, v. 22, n. 8, p. 1077–1089, 2014.

ZAGO, L. DE M. S. Vinte e dois anos de pesquisa sobre plantas medicinais: uma análise cienciométrica. **Tecnia**, v.3, n.1, 2018.

ZHANG, Y.; JORDAN, J. M. Epidemiology of Osteoarthritis. **Rheumatic diseases clinics of North America**, v. 34, n. 3, p. 515–529, 2008.

ZHANG C, FENG T, CHENG J, LI Y, YIN X, ZENG W, JIN X, LI Y, GUO F, JIN T. Structure of the NS5 methyltransferase from Zika virus and implications in inhibitor design. **Biochem Biophys Res Commun**, 492(4):624-630 2016.

ZHENG, M.; LIU, X.; XU, Y.; LI, H.; LUO, C.; JIANG, H. Computational methods for drug design and discovery: focus on China. **Trends in pharmacological sciences**, v. 34, n. 10, p. 549–559, 2013.

ZOETE, V., GROSDIDIER, A., MICHIELIN, O. Docking, virtual high throughput screening and in silico fragment-based drug design. **J. Cell. Mol. Med**, v. 13, p. 238-248, 2009.

ZORN, B. et al. 3-Desoxyanthocyanidins from Arrabidaea Chica. **Phytochemistry**, v. 56, n.

8, p. 831–835, abr. 2001.

Apêndice

frontiers in Pharmacology

122
ORIGINAL RESEARCH
published: 22 May 2017
doi: 10.3389/fphar.2017.00283

Antinociceptive Activity of *Borreria verticillata*: *In vivo* and *In silico* Studies

Rosa H. M. Silva[1], Nathália de Fátima M. Lima[1], Alberto J. O. Lopes[1], Cleydlenne C. Vasconcelos[1], José W. C. de Mesquita[2], Ludmilla S. S. de Mesquita[2], Fernando C. V. M. Lima[1], Maria N. de S. Ribeiro[2], Ricardo M. Ramos[3], Maria do Socorro de S. Cartágenes[1]* and João B. S. Garcia[4]**

[1] Experimental Study of Pain Laboratory, Department of Physiological Sciences, Federal University of Maranhão, São Luís, Brazil, [2] Laboratory of Pharmacognosy, Department of Pharmacy, Federal University of Maranhão, São Luís, Brazil, [3] Research Laboratory Information Systems, Department of Information, Environment, Health and Food Production, Federal Institute of Piauí, Teresina, Brazil, [4] Experimental Study of Pain Laboratory, Department of Pain and Palliative Care, Federal University of Maranhão, São Luís, Brazil

OPEN ACCESS

Edited by:
Thomas J. Anastasio,
University of Illinois at Urbana–Champaign, United States

Reviewed by:
Haroon Khan,
Abdul Wali Khan University Mardan, Pakistan
Birendra N. Mallick,
Jawaharlal Nehru University, India
Paola Patrignani,
University of Chieti-Pescara, Italy
Heinrich Korner,
University of Tasmania, Australia

***Correspondence:**
Rosa H. M. Silva
Lenna1911@hotmail.com
Maria do Socorro de S. Cartágenes
scartagenes@gmail.com
João Batista Santos Garcia
jbgarcia@uol.com.br

Specialty section:
This article was submitted to Experimental Pharmacology and Drug Discovery, a section of the journal Frontiers in Pharmacology

Received: 13 December 2016
Accepted: 04 May 2017
Published: 22 May 2017

Citation:
Silva RHM, Lima NdFM, Lopes AJO, Vasconcelos CC, Mesquita JWCd, Mesquita LSSd, Lima FCVM, Ribeiro MNdS, Ramos RM, Cartágenes MdSdS and Garcia JBS (2017) Antinociceptive Activity of Borreria verticillata: In vivo and In silico Studies. Front. Pharmacol. 8:283. doi: 10.3389/fphar.2017.00283

Borreria verticillata (L.) G. Mey. known vassourinha has antibacterial, antimalarial, hepatoprotective, antioxidative, analgesic, and anti-inflammatory, however, its antinociceptive action requires further studies. Aim of the study evaluated the antinociceptive activity of *B. verticillata* hydroalcoholic extract (EHBv) and ethyl acetate fraction (FAc) by *in vivo* and *in silico* studies. *In vivo* assessment included the paw edema test, writhing test, formalin test and tail flick test. Wistar rats and Swiss mice were divided into 6 groups and given the following treatments oral: 0.9% NaCl control group (CTRL), 10 mg/kg memantine (MEM), 10 mg/kg indomethacin (INDO), 500 mg/kg EHBv (EHBv 500), 25 mg/kg FAc (FAc 25) and 50 mg/kg FAc (FAc 50). EHBv, FAc 25 and 50 treatments exhibited anti-edematous and peripheral antinociceptive effects. For *in silico* assessment, compounds identified in FAc were subjected to molecular docking with COX-2, GluN1a and GluN2B. Ursolic acid (UA) was the compound with best affinity parameters (binding energy and inhibition constant) for COX-2, GluN1a, GluN2B, and was selected for further analysis with molecular dynamics (MD) simulations. In MD simulations, UA exhibited highly frequent interactions with residues Arg120 and Glu524 in the COX-2 active site and NMDA, whereby it might prevent COX-2 and NMDA receptor activation. Treatment with UA 10 mg/Kg showed peripheral and central antinociceptive effect. The antinociceptive effect of *B. verticillata* might be predominantly attributed to peripheral actions, including the participation of anti-inflammatory components. Ursolic acid is the main active component and seems to be a promising source of COX-2 inhibitors and NMDA receptor antagonists.

Keywords: ***Borreria verticillata,*** **COX-2, NMDA receptor, molecular docking, molecular dynamics simulations**

INTRODUCTION

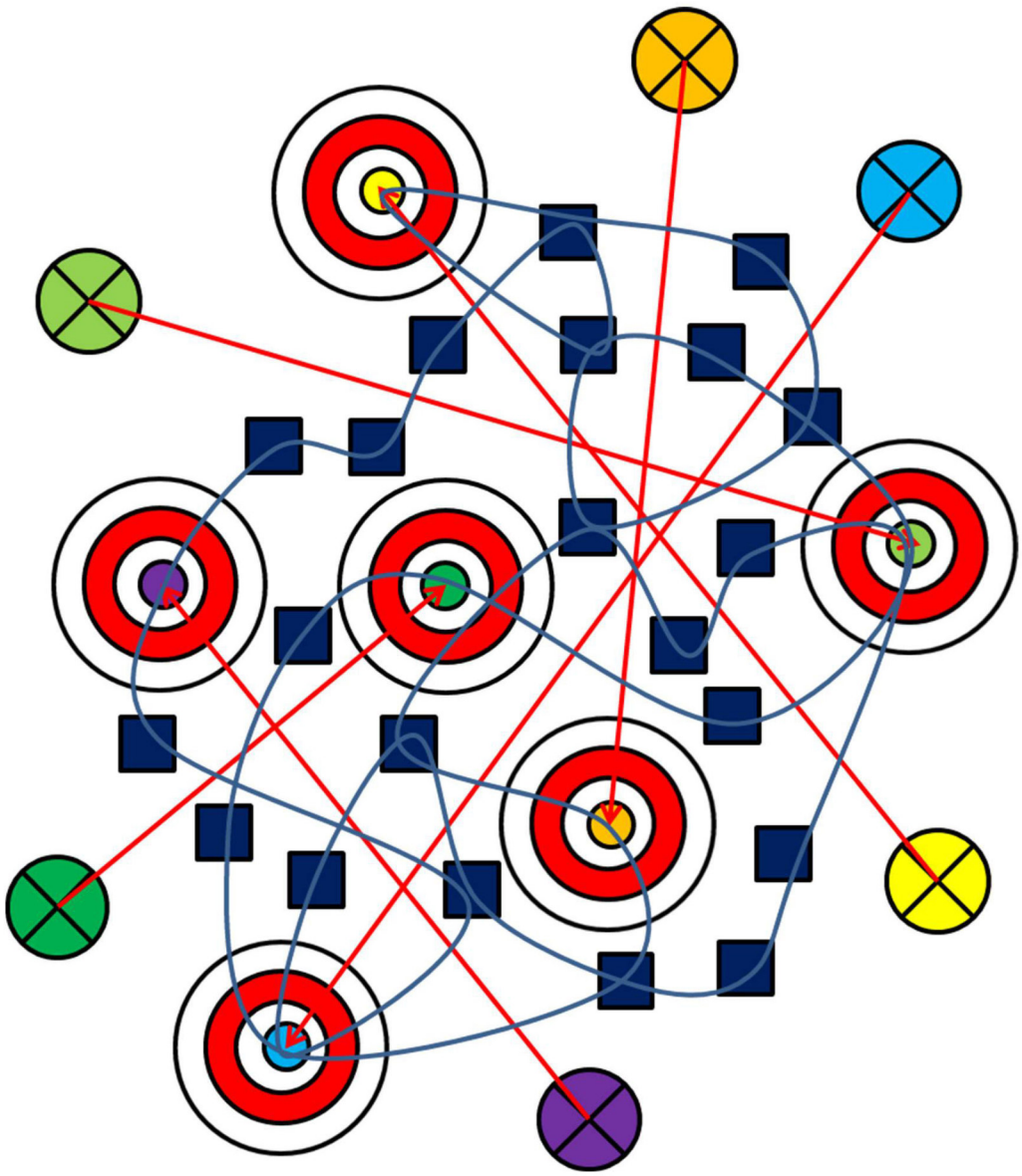
Pain is a warning system that informs the body about the occurrence of tissue damage (Nickel et al., 2012). In the pathophysiology of pain several biological actions are involved, including activation of cyclooxygenase 2 enzyme (COX-2) and N-methyl-D-aspartate (NMDA) receptor.

COX-2 is upregulated in the central nervous system in response to inflammatory factors. It is a rate-limiting enzyme for prostanoid production during inflammation

COMPUTATIONAL AND EXPERIMENTAL APPROACHES IN MULTI-TARGET PHARMACOLOGY

EDITED BY: Thomas J. Anastasio

PUBLISHED IN: Frontiers in Pharmacology



frontiers Research Topics

frontiers

ISSN 1664-8714
ISBN 978-2-88945-252-1
DOI 10.3389/978-2-88945-252-1

About Frontiers

Frontiers is more than just an open-access publisher of scholarly articles: it is a pioneering approach to the world of academia, radically improving the way scholarly research is managed. The grand vision of Frontiers is a world where all people have an equal opportunity to seek, share and generate knowledge. Frontiers provides immediate and permanent online open access to all its publications, but this alone is not enough to realize our grand goals.

Frontiers Journal Series

The Frontiers Journal Series is a multi-tier and interdisciplinary set of open-access, online journals, promising a paradigm shift from the current review, selection and dissemination processes in academic publishing. All Frontiers journals are driven by researchers for researchers; therefore, they constitute a service to the scholarly community. At the same time, the Frontiers Journal Series operates on a revolutionary invention, the tiered publishing system, initially addressing specific communities of scholars, and gradually climbing up to broader public understanding, thus serving the interests of the lay society, too.

Dedication to Quality

Each Frontiers article is a landmark of the highest quality, thanks to genuinely collaborative interactions between authors and review editors, who include some of the world's best academicians. Research must be certified by peers before entering a stream of knowledge that may eventually reach the public - and shape society; therefore, Frontiers only applies the most rigorous and unbiased reviews.
Frontiers revolutionizes research publishing by freely delivering the most outstanding research, evaluated with no bias from both the academic and social point of view.
By applying the most advanced information technologies, Frontiers is catapulting scholarly publishing into a new generation.

What are Frontiers Research Topics?

Frontiers Research Topics are very popular trademarks of the Frontiers Journals Series: they are collections of at least ten articles, all centered on a particular subject. With their unique mix of varied contributions from Original Research to Review Articles, Frontiers Research Topics unify the most influential researchers, the latest key findings and historical advances in a hot research area! Find out more on how to host your own Frontiers Research Topic or contribute to one as an author by contacting the Frontiers Editorial Office: **researchtopics@frontiersin.org**

Table of Contents

frontiers in Microbiology

126
REVIEW
published: 03 July 2018
doi: 10.3389/fmicb.2018.01351

Candida Infections and Therapeutic Strategies: Mechanisms of Action for Traditional and Alternative Agents

*Giselle C. de Oliveira Santos[1†], Cleydlenne C. Vasconcelos[1†], Alberto J. O. Lopes[2], Maria do S. de Sousa Cartágenes[2], Allan K. D. B. Filho[3], Flávia R. F. do Nascimento[4], Ricardo M. Ramos[5], Emygdia R. R. B. Pires[6], Marcelo S. de Andrade[2], Flaviane M. G. Rocha[7] and Cristina de Andrade Monteiro[7,8]**

[1] Programa de Doutorado em Biotecnologia da Rede Nordeste de Biotecnologia (RENORBIO), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brazil, [2] Postgraduate Program in Health Sciences, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brazil, [3] Departamento de Engenharia Elétrica, Programa de Doutorado em Biotecnologia da Rede Nordeste de Biotecnologia (RENORBIO), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brazil, [4] Departamento de Patologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brazil, [5] Department of Information, Environment, Health and Food Production, Laboratory of Information Systems, Federal Institute of Piauí, Teresina, Brazil, [6] Department of Biology, Federal University of Maranhão, São Luís, Brazil, [7] Laboratório de Micologia Médica, Programa de Mestrado em Biologia Parasitária, Universidade Ceuma, São Luís, Brazil, [8] Departmento de Biologia, Instituto Federal do Maranhão, São Luís, Brazil

OPEN ACCESS

Edited by:
Octavio Luiz Franco, Universidade Católica de Brasília, Brazil

Reviewed by:
Adriano Mollica, Università degli Studi "G. d'Annunzio" Chieti - Pescara, Italy
Camila Guimarães Freitas, Federal Institute of Brasilia, Brazil

***Correspondence:**
Cristina de Andrade Monteiro
cristina.monteiro@ceuma.br

[†]*These authors have contributed equally to this work.*

Specialty section:
This article was submitted to Antimicrobials, Resistance and Chemotherapy, a section of the journal Frontiers in Microbiology

Received: *10 February 2018*
Accepted: *05 June 2018*
Published: *03 July 2018*

Citation:
de Oliveira Santos GC, Vasconcelos CC, Lopes AJO, de Sousa Cartágenes MdS, Filho AKDB, do Nascimento FRF, Ramos RM, Pires ERRB, de Andrade MS, Rocha FMG and de Andrade Monteiro C (2018) Candida Infections and Therapeutic Strategies: Mechanisms of Action for Traditional and Alternative Agents. Front. Microbiol. 9:1351. doi: 10.3389/fmicb.2018.01351

The *Candida* genus comprises opportunistic fungi that can become pathogenic when the immune system of the host fails. *Candida albicans* is the most important and prevalent species. Polyenes, fluoropyrimidines, echinocandins, and azoles are used as commercial antifungal agents to treat candidiasis. However, the presence of intrinsic and developed resistance against azole antifungals has been extensively documented among several *Candida* species. The advent of original and re-emergence of classical fungal diseases have occurred as a consequence of the development of the antifungal resistance phenomenon. In this way, the development of new satisfactory therapy for fungal diseases persists as a major challenge of present-day medicine. The design of original drugs from traditional medicines provides new promises in the modern clinic. The urgent need includes the development of alternative drugs that are more efficient and tolerant than those traditional already in use. The identification of new substances with potential antifungal effect at low concentrations or in combination is also a possibility. The present review briefly examines the infections caused by *Candida* species and focuses on the mechanisms of action associated with the traditional agents used to treat those infections, as well as the current understanding of the molecular basis of resistance development in these fungal species. In addition, this review describes some of the promising alternative molecules and/or substances that could be used as anticandidal agents, their mechanisms of action, and their use in combination with traditional drugs.

Keywords: *Candida* infections, *Candida*, antifungals, resistance, alternative antifungal drugs

INTRODUCTION

Candida species, opportunistic pathogens, are a major cause of morbidity and mortality worldwide and thus represents a serious threat to public health (Pfaller et al., 2014; Matthaiou et al., 2015; Pappas et al., 2016). Further, *Candida* species can cause vaginitis, oral candidiasis, cutaneous candidiasis, candidemia, and systemic infections (Wächtler et al., 2012). Candidemia is the most

International Journal of
Molecular Sciences

MDPI

Article

Anti-Inflammatory and Antinociceptive Activity of Pollen Extract Collected by Stingless Bee *Melipona fasciculata*

Alberto Jorge Oliveira Lopes [1,2,*], Cleydlenne Costa Vasconcelos [1], Francisco Assis Nascimento Pereira [2], Rosa Helena Moraes Silva [1], Pedro Felipe dos Santos Queiroz [1], Caio Viana Fernandes [1], João Batista Santos Garcia [1], Ricardo Martins Ramos [3], Cláudia Quintino da Rocha [4], Silvia Tereza de Jesus Rodrigues Moreira Lima [1], Maria do Socorro de Sousa Cartágenes [1,*] and Maria Nilce de Sousa Ribeiro [2,*]

1 Experimental Study of Pain Laboratory, Department of Physiological Sciences, Federal University of Maranhão, São Luís 65080-805, Brazil; cleydlenne@yahoo.com.br (C.C.V.); lenna1911@hotmail.com (R.H.M.S.); pedrofelipe.queiroz@gmail.com (P.F.d.S.Q.); caiovianafernandes@outlook.com (C.V.F.); jbgarcia@uol.com.br (J.B.S.G.); silviaterezam@gmail.com (S.T.d.J.R.M.L.)
2 Laboratory of Pharmacognosy, Department of Pharmacy, Federal University of Maranhão, São Luís 65080-805, Brazil; franciscopho2015@gmail.com
3 Research Laboratory Information Systems, Department of Information, Environment, Health and Food Production, Federal Institute of Piauí, Teresina 64000-040, Brazil; ricardo@ifpi.edu.br
4 Chemistry Department, Federal University of Maranhão, São Luís 65080-805, Brazil; claudiarocha3@yahoo.com.br
* Correspondence: lopesajo@gmail.com (A.J.O.L.); scartagenes@gmail.com (M.d.S.d.S.C.); mnribeiro@ufma.br (M.N.d.S.R.)

Received: 25 August 2019; Accepted: 9 September 2019; Published: 12 September 2019

Abstract: The stingless bee, *Melipona fasciculata* Smith (Apidae, Meliponini), is a native species from Brazil. Their products have high biotechnological potential, however there are no studies about the biological activities of pollen collected by *M. fasciculata*. In this context, the present study investigated the chemical composition, anti-oxidant, anti-inflammatory, and analgesic activities of hydroethanolic pollen extracts collected by *M. fasciculata* in three cities in Maranhão State, Brazil. We verified the antioxidant activity of the extracts and inhibitory activity against the cyclooxygenase enzyme using in vitro assays and in allowed to select the extract with higher efficiency to be used on in vivo assays. In these trials, the selected extract showed high anti-inflammatory activity as well as nociceptive effects at central and peripheral level, suggesting that this extract acts on inhibition of histamine release and decreased synthesis of prostaglandins and the in-silico study suggested that polyphenols and acids fatty acids in the extract may be associated with these activities. The results of the present study report the high biological potential of pollen extract and we conclude that the pollen collected by *M. fasciculata* can be considered as the object of research for new pharmacological alternatives.

Keywords: pollen; extract; pain; anti-inflammatory; natural products; molecular docking

1. Introduction

Natural products are sources of discovery and development of drugs to treat different diseases for centuries. The search for increasingly powerful and less toxic molecules is constant, where secondary metabolites, especially from medicinal plants, are a promising source for the selection of compounds

molecules

MDPI

Article

Therapeutic Use of *Scoparia dulcis* Reduces the Progression of Experimental Osteoarthritis

Marcus Vinícius Viégas Lima [1,2,*], Abner de Oliveira Freire [1], Emerson Lucas Frazão Sousa [1], André Alvares Marques Vale [1], Alberto Jorge Oliveira Lopes [1,3], Cleydlenne Costa Vasconcelos [1], Mônica Virginia Viégas Lima-Aragão [1], Humberto Oliveira Serra [4], Rosane Nassar Meireles Guerra Liberio [1], Ana Paula Silva de Azevedo dos Santos [1], Gyl Eanes Barros Silva [1,4], Claúdia Quintino da Rocha [5], Fernando César Vilhena Moreira Lima [6], Maria do Socorro de Sousa Cartágenes [1,*] and João Batista Santos Garcia [1,*]

1 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Maranhão, São Luís 65080-805, Brazil; abnerfreire@live.com (A.d.O.F.); e.lucasfrazao@gmail.com (E.L.F.S.); andre_amvale@hotmail.com (A.A.M.V.); lopesajo@gmail.com (A.J.O.L.); cleydlenne@yahoo.com.br (C.C.V.); monicavvl@hotmail.com (M.V.V.L-A.); roguerra@globo.com (R.N.M.G.L.); apsazevedo@yahoo.com.br (A.P.S.d.A.d.S.); gyleanes@ig.com.br (G.E.B.S.)
2 Universidade Ceuma, São Luís 65075-120, Brazil
3 Universidade Federal do Maranhão, Coordenação de Ciências Naturais, Campus Bacabal, São Luís 65080-80, Brazil
4 Hospital Universitário Presidente Dutra, São Luís 65020-070, Brazil; hoserra@gmail.com
5 Departamento de Química, Universidade Federal do Maranhão, São Luís 65080-805, Brazil; claudiarocha3@yahoo.com.br
6 Faculdade Santa Terezinha, São Luís 65045-180, Brazil; fernandovilhena15@gmail.com
* Correspondence: m.viegas.lima@gmail.com (M.V.V.L.); scartagenes@gmail.com (M.d.S.d.S.C.); jbgarcia@uol.com.br (J.B.S.G.); Tel.: +55-(98)-3272-9527 (M.V.V.L.)

Academic Editor: Maria da Graça Costa G. Miguel
Received: 30 July 2019; Accepted: 10 September 2019; Published: 25 September 2019

Abstract: Pain is recognized as one of the main symptoms in knee osteoarthritis and is the main reason why patients seek medical attention. *Scoparia dulcis* has been popularly used to relieve discomfort caused by various painful conditions. The objective of the study is to evaluate the analgesic and anti-inflammatory effect of the crude extract of *S. dulcis*, in an experimental model of osteoarthritis. The experiment was performed with Wistar rats divided into 4 groups with 5 animals each: healthy, saline, crude extract, and meloxicam groups. Knee osteoarthritis was induced by intra-articular injection of sodium mono-iodoacetate. First, clinical parameters of pain were assessed at days 0, 5, 10, 15, and 20 after induction. Second, the potential cyclooxygenase inhibition was evaluated, and the cytokines of the synovial fluid were quantified. An in silico test and Molecular Docking tests were performed. A histopathological evaluation was made on articular cartilage with safranin O staining. The results showed that a 15-day treatment with crude extract reduced edema, spontaneous pain, peripheral nociceptive activity, and proinflammatory cytokines in the synovial fluid. The highest inhibition of cyclooxygenase 2 in the crude extract occurred at 50 µg/mL. The crude extract of *S. dulcis* presents therapeutic potential for the treatment of osteoarthritis due to its anti-inflammatory and anti-nociceptive action.

Keywords: *Scoparia dulcis*; Osteoarthritis; Pain; Inflammation; Treatment

1. Introduction

Osteoarthritis (OA) is a chronic, complex disease characterized by loss, alteration and progressive degeneration of cartilage and subchondral bone; reduction of joint space; synovitis; pain, and formation

antioxidants

MDPI

Article

Anti-Inflammatory and Antioxidant Activity of Pollen Extract Collected by *Scaptotrigona affinis postica*: in silico, in vitro, and in vivo Studies

Alberto Jorge Oliveira Lopes [1,2,*], Cleydlenne Costa Vasconcelos [1], João Batista Santos Garcia [1], Myssa Sued Dória Pinheiro [2], Francisco Assis Nascimento Pereira [2], Darleno de Sousa Camelo [1], Sebastião Vieira de Morais [1], José Roberto Brito Freitas [3], Cláudia Quintino da Rocha [4], Maria Nilce de Sousa Ribeiro [2] and Maria do Socorro de Sousa Cartágenes [1,*]

[1] Experimental Study of Pain Laboratory, Department of Physiological Sciences, Federal University of Maranhão, 65080-805, São Luís, Brazil; cleydlenne@yahoo.com.br (C.C.V.); jbgarcia@uol.com.br (J.B.S.G.); leno.camelo@gmail.com (D.S.C.); svmcoluna@gmail.com (S.V.M.)

[2] Laboratory of Pharmacognosy, Department of Pharmacy, Federal University of Maranhão, São Luís 65080-805, Brazil; myssa.sued@hotmail.com (M.S.D.P.); franciscopho2015@gmail.com (F.A.N.P.); mnsousaribeiro@gmail.com (M.N.S.R.)

[3] Center for Agricultural and Environmental Sciences, Campus IV, Federal University of Maranhão 65500-000, Chapadinha, MA, Brazil; joserobertobritofreitas@yahoo.com.br

[4] Chemistry Department, Federal University of Maranhão, São Luís 65080-805, Brazil; claudiarocha3@yahoo.com.br

* Correspondence: lopesajo@gmail.com (A.J.O.L); cartagenes.maria@ufma.br (M.S.S.C).

Received: 31 December 2019; Accepted: 22 January 2020; Published: 24 January 2020

Abstract: Bees are of great importance for plant diversity for being an important pollinating agents. Stingless bees such as *Scaptotrigona affinis postica*, is cultivated largely due to the products offered by it. Pollen is one of these products, which has been highlighted for exhibit various therapeutic properties. Considering the bioactivity of this natural product, this study investigated the antioxidant, anti-inflammatory, antinociceptive activities, and elucidated the chemical composition of pollen collected extract by *Scaptotrigona affinis postica*. Using in vitro assays, the antioxidant potential and inhibitory activity against the COX enzyme from pollen extract was evaluated. Additionally, tests were performed to measure the anti-inflammatory and antinociceptive activities in animal models. In our results, we found that pollen extract showed antioxidant effects and inhibitory activity against the COX enzyme. The in vivo assays showed that the extract acts on the nervous system in local and systemic levels and that the anti-inflammatory activity is due the prostanoids reducing. Chemical analyses recognize 10 molecules in the extract belonging to the polyphenol and flavonoids classes and the computational study suggests that is responsible for the observed results. Thus, it is reported for the first time the biological potential of *S. aff. postica* pollen extract and we conclude that this bee product can be considered as one source of potential new drugs.

Keywords: stingless bee pollen; biological activity; pain; molecular docking; tubi

1. Introduction

Bees represent a species with wide biodiversity in the world and have an important ecological role, as they are fundamental in maintaining plant diversity, maintaining an intrinsic relationship with these, being responsible for the pollination of several plant species [1]. Bee products have been widely used for generations in human health due to their recognized therapeutic and nutritional

ANEXOS

IPHM-D-20-00401 - Submission Notification to co-author

De: Inflammopharmacology (IPHM) (em@editorialmanager.com)

Para: cleydlenne@yahoo.com.br

Data: segunda-feira, 3 de agosto de 2020 11:19 BRT

Body:
Re: "Arrabidaea chica Verlot fractions reduces MIA-induced osteoarthritis progression in rats' knees"
Full author list: Cleydlenne Costa Vasconcelos; Alberto Jorge Oliveira Lopes; Emilly de Jesus Garcia Ataide; Kevin Waquim Pessoa Carvalho; Maria Fernanda Freitas de Brito; Marineide Sodré Rodrigues; Sebastião Vieira de Morais; Gyl Eanes Barros Silva; Claudia Quintino da Rocha; João Batista Santos Garcia; Maria do Socorro Sousa Cartágenes, Ph.D.

Dear Dr Vasconcelos,

We have received the submission entitled: "Arrabidaea chica Verlot fractions reduces MIA-induced osteoarthritis progression in rats' knees" for possible publication in Inflammopharmacology, and you are listed as one of the co-authors.

The manuscript has been submitted to the journal by Dr. Professor Maria do Socorro Sousa Cartágenes who will be able to track the status of the paper through his/her login.

If you have any objections, please contact the editorial office as soon as possible. If we do not hear back from you, we will assume you agree with your co-authorship.

Thank you very much.

With kind regards,

Springer Journals Editorial Office
Inflammopharmacology

Our flexible approach during the COVID-19 pandemic

If you need more time at any stage of the peer-review process, please do let us know. While our systems will continue to remind you of the original timelines, we aim to be as flexible as possible during the current pandemic.

This letter contains confidential information, is for your own use, and should not be forwarded to third parties.

Recipients of this email are registered users within the Editorial Manager database for this journal. We will keep your information on file to use in the process of submitting, evaluating and publishing a manuscript. For more information on how we use your personal details please see our privacy policy at https://www.springernature.com/production-privacy-policy. If you no longer wish to receive messages from this journal or you have questions regarding database management, please contact the Publication Office at the link below.

In compliance with data protection regulations, you may request that we remove your personal registration details at any time. (Use the following URL: https://www.editorialmanager.com/iphm/login.asp?a=r). Please contact the publication office if you have any questions.

Inflammopharmacology

Experimental and Therapeutic Studies

Submission guidelines

Contents

Instructions for Authors

Types of papers

Manuscripts can be in the form of

- (a) full length publications of Original Research Papers; they should not be longer than 8 printed pages. This accounts for approx. 870 words (or 4700 characters, plain text without spaces) per printed page. Figures and tables have to be counted in addition.
- (b) Short Communications or notes on methodology or findings (with positive or negative outcome) complete in themselves. Short Communications need to have a short introduction and focused references for research details; the submission should be preferably no more than 2 printed pages long, with the results and discussion parts combined in one,
- (c) Reviews, they should not be longer than 12 printed pages
- (d) Commentaries (as Points of View),
- (e) Letters to the Editor, or
- (f) invited or contributed Editorials.

All manuscripts must be in English.

Back to top ↑

Editorial procedure

Editorial procedure

Papers should be original and unpublished or considered for publication elsewhere. A statement to this effect should be made in the accompanying letter submitted with the manuscript. It is the responsibility of the principal author to secure requisite permission from his or her employer and all papers submitted are understood to have received due clearance(s) for publication.

In general an author may quote briefly from other published works but he or she should obtain permission from the holder of copyright if wishing to use substantial extracts or to reproduce tables, plates, or other illustrations. If the copyright-holder is not the author of the quoted or reproduced material, it is recommended that the permission of the author should also be sought. Permission to reproduce copyright material should be submitted with the manuscript. Material in unpublished letters and papers is also protected and must not be published unless permission has been obtained. A suitable acknowledgement of any quoted or reproduced material must always be made.

All manuscripts will be reviewed anonymously by at least two independent reviewers not connected (as much as this is practicable) with one another. Reviewers will be given a simple question and answer analysis sheet to complete. Where exceptional comment is required this can be noted. Stylistic queries or those concerning the English or presentation of the manuscript will be noted by underlining in red pen of the relevant part or section and the manuscripts will be returned to the author(s) annotated as such. It will not be the task of reviewers to exhaustively point out errors of syntax or spelling in the text, since this is time consuming.

Acceptance of the manuscript will depend on the accuracy in presentation. The reviewers will only c[134]ect errors of English in special cases where English is clearly not the mother tongue of the authors. In all other cases language correction will take place after the manuscript has been accepted. The Editor's decisions on acceptance shall be final.

Back to top ↑

Manuscript Submission

Manuscript Submission

Submission of a manuscript implies: that the work described has not been published before; that it is not under consideration for publication anywhere else; that its publication has been approved by all co-authors, if any, as well as by the responsible authorities – tacitly or explicitly – at the institute where the work has been carried out. The publisher will not be held legally responsible should there be any claims for compensation.

Permissions

Authors wishing to include figures, tables, or text passages that have already been published elsewhere are required to obtain permission from the copyright owner(s) for both the print and online format and to include evidence that such permission has been granted when submitting their papers. Any material received without such evidence will be assumed to originate from the authors.

Online Submission

Please follow the hyperlink "Submit online" on the right and upload all of your manuscript files following the instructions given on the screen.

Please ensure you provide all relevant editable source files. Failing to submit these source files might cause unnecessary delays in the review and production process.

Back to top ↑

Authorship Policy

Authorship should incorporate and should be restricted to those who have contributed substantially to the work in one or more of the following categories:

• Conceived of or designed study

• Performed research

• Analyzed data

• Contributed new methods or models

• Wrote the paper

Back to top ↑

Title page

Title Page

Please use this **template title page** for providing the following information.

The title page should include:

- The name(s) of the author(s)
- A concise and informative title
- The affiliation(s) of the author(s), i.e. institution, (department), city, (state), country
- A clear indication and an active e-mail address of the corresponding author
- If available, the 16-digit ORCID of the author(s)

If address information is provided with the affiliation(s) it will also be published.

For authors that are (temporarily) unaffiliated we will only capture their city and country of residence, not their e-mail address unless specifically requested.

Abstract

Please provide an abstract of 150 to 250 words. The abstract should not contain any undefined abbreviations or unspecified references.

For life science journals only (when applicable)

Trial registration number and date of registration

Trial registration number, date of registration followed by “retrospectively registered”

Keywords

Please provide 4 to 6 keywords which can be used for indexing purposes.

Declarations

All manuscripts must contain the following sections under the heading 'Declarations'.

If any of the sections are not relevant to your manuscript, please include the heading and write 'Not applicable' for that section.

To be used for non-life science journals

Funding (information that explains whether and by whom the research was supported)

Conflicts of interest/Competing interests (include appropriate disclosures)

Availability of data and material (data transparency)

Code availability (software application or custom code)

Authors' contributions (optional: please review the submission guidelines from the journal whether statements are mandatory)

To be used for life science journals + articles with biological applications

Funding (information that explains whether and by whom the research was supported)

Conflicts of interest/Competing interests (include appropriate disclosures)

Ethics approval (include appropriate approvals or waivers)

Consent to participate (include appropriate statements)

Consent for publication (include appropriate statements)

Availability of data and material (data transparency)

Code availability (software application or custom code)

Authors' contributions (optional: please review the submission guidelines from the journal whether statements are mandatory)

Please see the relevant sections in the submission guidelines for further information as well as various examples of wording. Please revise/customize the sample statements according to your own needs.

Back to top ↑

Text

Text Formatting

Manuscripts should be submitted in Word.

- Use a normal, plain font (e.g., 10-point Times Roman) for text.
- Use italics for emphasis.
- Use the automatic page numbering function to number the pages.
- Do not use field functions.
- Use tab stops or other commands for indents, not the space bar.
- Use the table function, not spreadsheets, to make tables.
- Use the equation editor or MathType for equations.
- Save your file in docx format (Word 2007 or higher) or doc format (older Word versions).

Headings

Please use no more than three levels of displayed headings.

Abbreviations

Abbreviations should be defined at first mention and used consistently thereafter.

Footnotes

Footnotes can be used to give additional information, which may include the citation of a reference included in the reference list. They should not consist solely of a reference citation, and they should never include the bibliographic details of a reference. They should also not contain any figures or tables.

Footnotes to the text are numbered consecutively; those to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data). Footnotes to the title or the authors of the article are not given reference symbols.

Always use footnotes instead of endnotes.

Acknowledgments

Acknowledgments of people, grants, funds, etc. should be placed in a separate section on the title pa[137] The names of funding organizations should be written in full.

Specific Remarks

- Introduction

The Introduction should be short, up to a maximum of 2/3 of a printed page, containing essential background information and a concise statement of the objectives of the study.

- Text

The Methods & Materials section should be detailed in such a way that the reader could perform the study without undue recourse to an extensive literature: the exception being for well-known methods (e.g. protein estimation using the Lowry method) which can be referenced. Where noncommercial sources of reagents, antibodies etc. have been employed their preparation should be detailed as much as practicable. Where patented procedures, reagents or antibodies have been employed, these should be cited as such. Since patents constitute information in the public domain there is no reason why full details cannot be abstracted.

The same data should not be given in both text and tables or figures and tables. Results should be presented in either tables or graphs with full details of statistical tests employed. Authors may be asked to provide original data if there is a question of controversy together with a detailed work-up of statistical analysis.

Justification for the use of parametric or non-parametric statistical procedures should be employed where there is any doubt as to the model employed.

The Discussion and Conclusions should be laid out as follows: (1) main conclusions and interpretation of results from the study, (2) an analysis of how the results conform to a published hypothesis or that formulated in the introduction, (3) a comprehensive discussion of how the results relate to other published observations, (4) a conclusions statement should include a balanced view of what the work has shown bearing in mind the review in the introduction, (5) acknowledgements and statement of sources of funding and any conflicts of interest should be included, and (6) references (see below). Discussions and Conclusions should be restricted to a maximum of one printed page.

It should be noted that the selective use of published work to reinforce the prejudiced idea or results of the author will not be accepted. The literature review, while concise, should be comprehensive, even if there are results of others which are contradictory or controversial.

- Symbols and Abbreviations

Units of measurement, abbreviations and symbols should follow the International System of Units (SI). For chemical nomenclature, the conventions of the International Union of Pure and Applied Chemistry and the official recommendations of the IUPAC -- IUB Combined Commission on Biochemical Nomenclature should be followed.

Back to top ↑

References

Citation

Cite references in the text by name and year in parentheses. Some examples:

- Negotiation research spans many disciplines (Thompson 1990).
- This result was later contradicted by Becker and Seligman (1996).

- This effect has been widely studied (Abbott 1991; Barakat et al. 1995a, b; Kelso and Smith 19[138]; Medvec et al. 1999, 2000).

Reference list

The list of references should only include works that are cited in the text and that have been published or accepted for publication. Personal communications and unpublished works should only be mentioned in the text. Do not use footnotes or endnotes as a substitute for a reference list.

Reference list entries should be alphabetized by the last names of the first author of each work. Order multi-author publications of the same first author alphabetically with respect to second, third, etc. author. Publications of exactly the same author(s) must be ordered chronologically.

- Journal article

  Gamelin FX, Baquet G, Berthoin S, Thevenet D, Nourry C, Nottin S, Bosquet L (2009) Effect of high intensity intermittent training on heart rate variability in prepubescent children. Eur J Appl Physiol 105:731-738. https://doi.org/10.1007/s00421-008-0955-8

  Ideally, the names of all authors should be provided, but the usage of “et al” in long author lists will also be accepted:

  Smith J, Jones M Jr, Houghton L et al (1999) Future of health insurance. N Engl J Med 965:325–329

- Article by DOI

  Slifka MK, Whitton JL (2000) Clinical implications of dysregulated cytokine production. J Mol Med. https://doi.org/10.1007/s001090000086

- Book

  South J, Blass B (2001) The future of modern genomics. Blackwell, London

- Book chapter

  Brown B, Aaron M (2001) The politics of nature. In: Smith J (ed) The rise of modern genomics, 3rd edn. Wiley, New York, pp 230-257

- Online document

  Cartwright J (2007) Big stars have weather too. IOP Publishing PhysicsWeb. http://physicsweb.org/articles/news/11/6/16/1. Accessed 26 June 2007

- Dissertation

  Trent JW (1975) Experimental acute renal failure. Dissertation, University of California

Always use the standard abbreviation of a journal’s name according to the ISSN List of Title Word Abbreviations, see

ISSN LTWA

If you are unsure, please use the full journal title.

For authors using EndNote, Springer provides an output style that supports the formatting of in-text citations and reference list.

EndNote style (Download zip, 3 kB)

Please note

- The citation-style explained above is in accordance with the Harvard style.
- If a publication is in press, the references should be made as complete as possible, e.g. stating the name of the journal adding “in press” and if available a DOI number.

Back to top ↑

Tables

- All tables are to be numbered using Arabic numerals.
- Tables should always be cited in text in consecutive numerical order.
- For each table, please supply a table caption (title) explaining the components of the table.
- Identify any previously published material by giving the original source in the form of a reference at the end of the table caption.
- Footnotes to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data) and included beneath the table body.

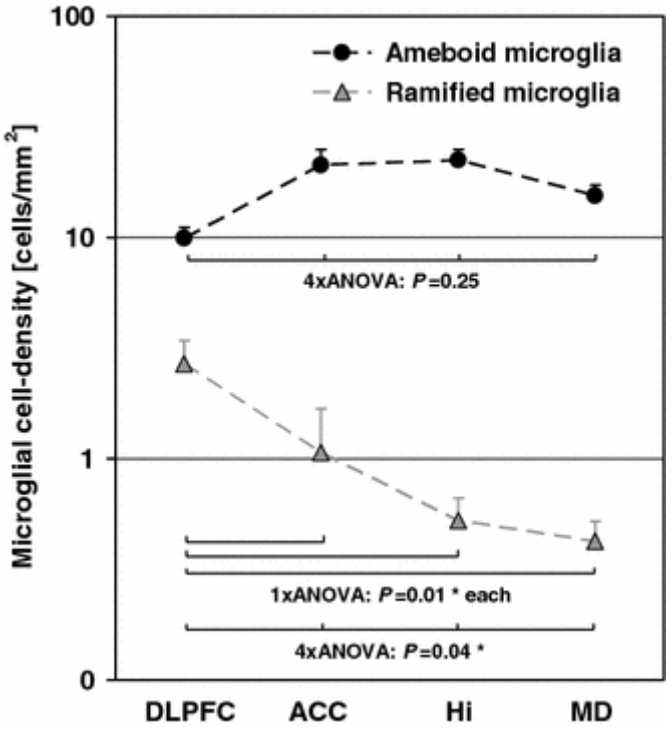
Back to top ↑

Artwork and Illustrations Guidelines

Electronic Figure Submission

- Supply all figures electronically.
- Indicate what graphics program was used to create the artwork.
- For vector graphics, the preferred format is EPS; for halftones, please use TIFF format. MSOffice files are also acceptable.
- Vector graphics containing fonts must have the fonts embedded in the files.
- Name your figure files with "Fig" and the figure number, e.g., Fig1.eps.

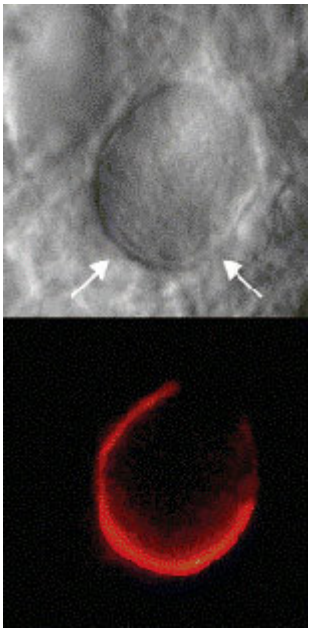
Line Art



- Definition: Black and white graphic with no shading.

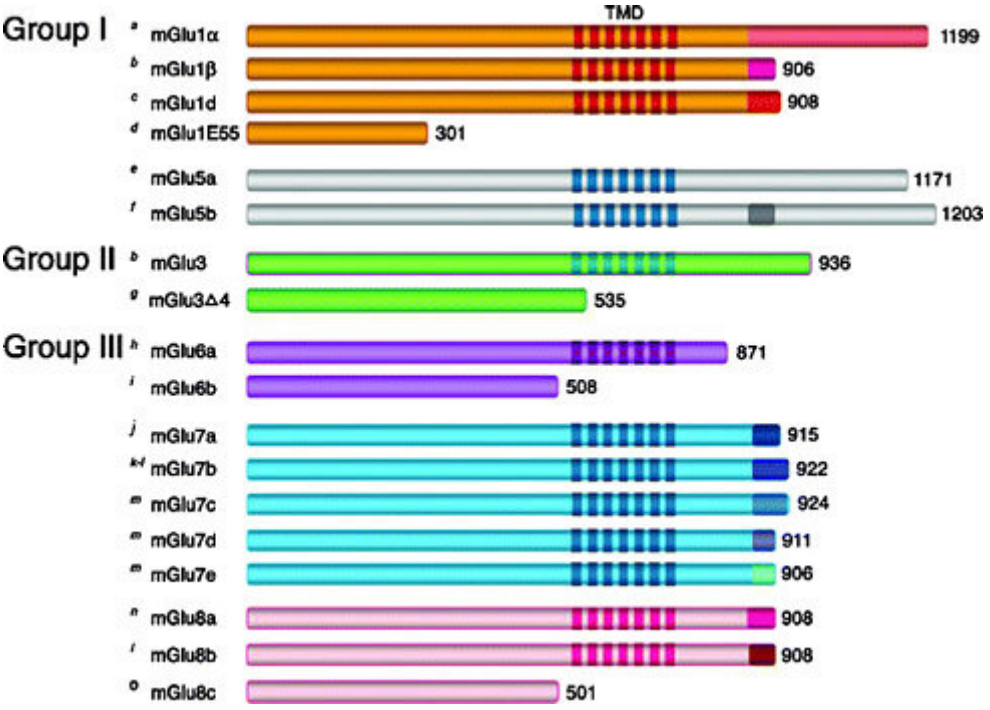
- Do not use faint lines and/or lettering and check that all lines and lettering within the figures a[140] egible at final size.
- All lines should be at least 0.1 mm (0.3 pt) wide.
- Scanned line drawings and line drawings in bitmap format should have a minimum resolution of 1200 dpi.
- Vector graphics containing fonts must have the fonts embedded in the files.

Halftone Art



- Definition: Photographs, drawings, or paintings with fine shading, etc.
- If any magnification is used in the photographs, indicate this by using scale bars within the figures themselves.
- Halftones should have a minimum resolution of 300 dpi.

Combination Art



- Definition: a combination of halftone and line art, e.g., halftones containing line drawing, extensive lettering, color diagrams, etc.

- Combination artwork should have a minimum resolution of 600 dpi.

Color Art

- Color art is free of charge for online publication.
- If black and white will be shown in the print version, make sure that the main information will still be visible. Many colors are not distinguishable from one another when converted to black and white. A simple way to check this is to make a xerographic copy to see if the necessary distinctions between the different colors are still apparent.
- If the figures will be printed in black and white, do not refer to color in the captions.
- Color illustrations should be submitted as RGB (8 bits per channel).

Figure Lettering

- To add lettering, it is best to use Helvetica or Arial (sans serif fonts).
- Keep lettering consistently sized throughout your final-sized artwork, usually about 2–3 mm (8–12 pt).
- Variance of type size within an illustration should be minimal, e.g., do not use 8-pt type on an axis and 20-pt type for the axis label.
- Avoid effects such as shading, outline letters, etc.
- Do not include titles or captions within your illustrations.

Figure Numbering

- All figures are to be numbered using Arabic numerals.
- Figures should always be cited in text in consecutive numerical order.
- Figure parts should be denoted by lowercase letters (a, b, c, etc.).
- If an appendix appears in your article and it contains one or more figures, continue the consecutive numbering of the main text. Do not number the appendix figures,"A1, A2, A3, etc." Figures in online appendices (Electronic Supplementary Material) should, however, be numbered separately.

Figure Captions

- Each figure should have a concise caption describing accurately what the figure depicts. Include the captions in the text file of the manuscript, not in the figure file.
- Figure captions begin with the term Fig. in bold type, followed by the figure number, also in bold type.
- No punctuation is to be included after the number, nor is any punctuation to be placed at the end of the caption.
- Identify all elements found in the figure in the figure caption; and use boxes, circles, etc., as coordinate points in graphs.
- Identify previously published material by giving the original source in the form of a reference citation at the end of the figure caption.

Figure Placement and Size

- Figures should be submitted separately from the text, if possible.
- When preparing your figures, size figures to fit in the column width.
- For large-sized journals the figures should be 84 mm (for double-column text areas), or 174 mm (for single-column text areas) wide and not higher than 234 mm.
- For small-sized journals, the figures should be 119 mm wide and not higher than 195 mm.

Permissions

If you include figures that have already been published elsewhere, you must obtain permission from the copyright owner(s) for both the print and online format. Please be aware that some publishers do not grant electronic rights for free and that Springer will not be able to refund any costs that may have occurred to receive these permissions. In such cases, material from other sources should be used.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your figures, please make sure that

- All figures have descriptive captions (blind users could then use a text-to-speech software or a text-to-Braille hardware)
- Patterns are used instead of or in addition to colors for conveying information (colorblind users would then be able to distinguish the visual elements)
- Any figure lettering has a contrast ratio of at least 4.5:1

Back to top ↑

Electronic Supplementary Material

Springer accepts electronic multimedia files (animations, movies, audio, etc.) and other supplementary files to be published online along with an article or a book chapter. This feature can add dimension to the author's article, as certain information cannot be printed or is more convenient in electronic form.

Before submitting research datasets as electronic supplementary material, authors should read the journal's Research data policy. We encourage research data to be archived in data repositories wherever possible.

Submission

- Supply all supplementary material in standard file formats.
- Please include in each file the following information: article title, journal name, author names; affiliation and e-mail address of the corresponding author.
- To accommodate user downloads, please keep in mind that larger-sized files may require very long download times and that some users may experience other problems during downloading.

Audio, Video, and Animations

- Aspect ratio: 16:9 or 4:3
- Maximum file size: 25 GB
- Minimum video duration: 1 sec
- Supported file formats: avi, wmv, mp4, mov, m2p, mp2, mpg, mpeg, flv, mxf, mts, m4v, 3gp

Text and Presentations

- Submit your material in PDF format; .doc or .ppt files are not suitable for long-term viability.
- A collection of figures may also be combined in a PDF file.

Spreadsheets

- Spreadsheets should be submitted as .csv or .xlsx files (MS Excel).

Specialized Formats

- Specialized format such as .pdb (chemical), .wrl (VRML), .nb (Mathematica notebook), and .tex can also be supplied.

Collecting Multiple Files

- It is possible to collect multiple files in a .zip or .gz file.

Numbering

- If supplying any supplementary material, the text must make specific mention of the material as a citation, similar to that of figures and tables.
- Refer to the supplementary files as “Online Resource”, e.g., "... as shown in the animation (Online Resource 3)", “... additional data are given in Online Resource 4”.
- Name the files consecutively, e.g. “ESM_3.mpg”, “ESM_4.pdf”.

Captions

- For each supplementary material, please supply a concise caption describing the content of the file.

Processing of supplementary files

- Electronic supplementary material will be published as received from the author without any conversion, editing, or reformatting.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your supplementary files, please make sure that

- The manuscript contains a descriptive caption for each supplementary material
- Video files do not contain anything that flashes more than three times per second (so that users prone to seizures caused by such effects are not put at risk)

Back to top ↑

After acceptance

Upon acceptance of your article you will receive a link to the special Author Query Application at Springer’s web page where you can sign the Copyright Transfer Statement online and indicate whether you wish to order OpenChoice, offprints, or printing of figures in color.

Once the Author Query Application has been completed, your article will be processed and you will receive the proofs.

Copyright transfer

Authors will be asked to transfer copyright of the article to the Publisher (or grant the Publisher exclusive publication and dissemination rights). This will ensure the widest possible protection and dissemination of information under copyright laws.

Offprints

Offprints can be ordered by the corresponding author.

Color illustrations

Online publication of color illustrations is free of charge. For color in the print version, authors will be expected to make a contribution towards the extra costs.

Proof reading

The purpose of the proof is to check for typesetting or conversion errors and the completeness and a[144]racy of the text, tables and figures. Substantial changes in content, e.g., new results, corrected values, title and authorship, are not allowed without the approval of the Editor.

After online publication, further changes can only be made in the form of an Erratum, which will be hyperlinked to the article.

Online First

The article will be published online after receipt of the corrected proofs. This is the official first publication citable with the DOI. After release of the printed version, the paper can also be cited by issue and page numbers.

Back to top ↑

Open Choice

Open Choice allows you to publish open access in more than 1850 Springer Nature journals, making your research more visible and accessible immediately on publication.

Article processing charges (APCs) vary by journal – view the full list

Benefits:

- Increased researcher engagement: Open Choice enables access by anyone with an internet connection, immediately on publication.
- Higher visibility and impact: In Springer hybrid journals, OA articles are accessed 4 times more often on average, and cited 1.7 more times on average*.
- Easy compliance with funder and institutional mandates: Many funders require open access publishing, and some take compliance into account when assessing future grant applications.

It is easy to find funding to support open access – please see our funding and support pages for more information.

*) Within the first three years of publication. Springer Nature hybrid journal OA impact analysis, 2018.

Open Choice

Funding and Support pages

Copyright and license term – CC BY

Open Choice articles do not require transfer of copyright as the copyright remains with the author. In opting for open access, the author(s) agree to publish the article under the Creative Commons Attribution License.

Find more about the license agreement

Back to top ↑

Ethical standards

Manuscripts submitted for publication must contain a statement to the effect that all human and animal studies have been approved by the appropriate ethics committee and have therefore been performed in accordance with the ethical standards laid down in the 1964 Declaration of Helsinki and its later amendments.

It should also be stated clearly in the text that all persons gave their informed consent prior to their i[145]usion in the study. Details that might disclose the identity of the subjects under study should be omitted.

These statements should be added in a separate section before the reference list. If these statements are not applicable, authors should state: The manuscript does not contain clinical studies or patient data.

The editors reserve the right to reject manuscripts that do not comply with the above-mentioned requirements. The author will be held responsible for false statements or failure to fulfill the above-mentioned requirements

- Human and Animal Studies

Studies in humans or those involving the use of human tissues, or laboratory animals should comply with internationally acceptable standards detailed requirements of which are specified in Inflammopharmacology 15 (2007): 179-180.

Studies involving investigation of pain responses or those which are inherently painful in laboratory animals should comply with the International Association for the Study of Pain (IASP) Guidelines for the Use of Animals in Research.

IASP-guidelines

Important notes:

- The date of the approval, file, reference or certificate number, and name of the person who authorized the study should be stated.
- Please follow the advice by the Editor-in-Chief in the download below:

Ethics of Animal Investigations (Download pdf, 9 kB)

- Studies with Natural Products

There are specific requirements for studies involving investigations of natural products or nutraceuticals, details of which can be found in Inflammopharmacology (2007): 15:179-180. In general, studies will only be acceptable providing the products have been fully characterised and details of chemical composition provided. The investigations must be directed to understanding the pharmacological properties (e.g. anti-inflammatory activities) of the test substance with comprehensive supporting data including full dose-(in vivo) or concentration (in vitro) responses to the test agents. Studies should also include investigations of the major isolated or chemically-known components in the test materials or reference to those in the Discussion.

Under no circumstances will papers be acceptable if they have involved simple screening of plant or other natural product extracts for anti-oxidant, **acute** anti-inflammatory or non-specific biological activities. The submitted paper must clearly show how the study will result in advances for medical treatments.

Important note

Please follow the advice by the Editor-in-Chief in the download below:

Submissions on Natural Products (Download pdf, 103 kB)

Back to top ↑

English Language Editing

For editors and reviewers to accurately assess the work presented in your manuscript you need to ensure the English language is of sufficient quality to be understood. If you need help with writing in English you should consider:

- Asking a colleague who is a native English speaker to review your manuscript for clarity.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS-CEUA
CIAEP:01.0341.2014

CERTIFICADO

Certificamos que a proposta intitulada "**Efeitos do extrato, frações e metabólitos secundários de** *Arrabidae de chica* **no controle de dor nociceptiva, induzida em modelo experimental de osteoartrite**" registrada com o nº **23115.000372/2017-09**, sob a responsabilidade de **Maria do Socorro de Sousa Cartagenes**, que envolve a produção, manutenção ou utilização de animais pertencentes ao filo Chordata, subfilo Vertebrata (exceto humanos), para fins de pesquisa científica (ou ensino) - encontra-se de acordo com os preceitos da Lei nº 11.794, de 8 de outubro de 2008, do Decreto nº 6.899, de 15 de julho de 2009, e com as normas editadas pelo Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA), e foi considerado **APROVADO** pela Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA - UFMA) da Universidade Federal do Maranhão em reunião de 22/05/2017.

FINALIDADE	( )Ensino (x) Pesquisa ( )Extensão
Vigência da autorização	19/06/2017 à 19/06/2019
Espécie/linhagem/raça	Ratos/Winstar/
Nº de animais	96 animais
Peso/Idade	250 a 300g – 60 dias
Sexo	Macho
Origem	Biotério Central UFMA

Profa. Dra. Lucilene Amorim Silva
Presidente da Comissão de Ética no uso de animais-CEUA
UFMA